

EDIÇÃO 2023-24

COLETÂNEA



Editora MEPE

DESPERTAR DE UM ESCRITOR
CRÔNICAS, POESIAS, FÁBULAS E CONTOS
DO BRASIL E DO MUNDO

DESPERTAR DE UM ESCRITOR

CRÔNICAS, POESIAS, FÁBULAS E CONTOS DO BRASIL
E DO MUNDO.



Editora MEPE

DESPERTAR DE UM ESCRITOR

CRÔNICAS, POESIAS, FÁBULAS E CONTOS DO BRASIL
E DO MUNDO.



Editora MEPE

Todos os direitos reservados pela Editora MEPE®. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem autorização prévia da Editora MEPE®.

A Editora não se responsabiliza pelo conteúdo da obra, formulada exclusivamente pelo(s) autor(es).

Capa: Editora MEPE.

Organização: Editora MEPE.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) **(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Autores: Andre Luis A. de Azevedo, Anaíle Santos, Clauzete R. Pardo, Cid Alberto Filho, Dulcinea de Fátima Souza, Gabriel Luís S. Vidal, Giceli Salles, Gilson M. de Gois, Hélio Cervelin, Joana Pagliarini, Jose Arildo Vieira, José Lopes Baptista, José Erivar R. Barbosa, Juliano Baltazar, Lauro Borges, Lucidéa Farias dos Navegantes, Luiz Antônio de Paula, Lyslei Nascimento, Maria Imaculada Costa, Maria M. Rosa de Souza, Marli Ortega de Figueiredo, Nadir Carvalho, Nilva Tânia Facco, Paulo B. S. Lima, Rui N. Viana, Richard Ryan Bright, Rita de Cassia M. Buiati, Thereza Cristina F. Pinto, Zenaide A. P. Cesar.

Despertar de um escritor: crônicas, poesias, fábulas e contos do Brasil e do mundo. – Curitiba, Editora MEPE®, 2023-24.

1ª Edição, Curitiba, 2023-24.

284 p.

ISBN: 978-65-80712-97-7

1. Coletânea.

B869.8 (CDD)

[2023-24]

Todos os direitos desta edição reservados a Editora MEPE
LTDA.

SUMÁRIO

Andre Azevedo.....	10
Como qualquer outro do planeta	11
Anaíle Santos.....	32
Entre feridas e vitórias	33
Clauzete Rodrigues Pardo.....	40
Um final inesperado.....	41
Cid Alberto	50
Um assunto de família	51
Dulcinea de Fátima Souza	60
Sina ou destino.....	61
Destino repentino	63
Gabriel Vidal.....	66
A musa e o poeta	67
Giceli Salles	72
A filha do juiz.....	73
Gilson Góis	82
Astronauta de ocasião	83
Hélio Cervelin	90
Uma história de amor não romântico (Orlando e Maria Dolores).....	91
Joana Pagliarini.....	98

Proposta transdisciplinar método aedocar e a hortoterapia.....	99
José Arildo Vieira	106
O poeta do povo.....	106
Amanhecer do dia	107
Curitibano(a)	108
Igarapé.....	109
Seca	110
Sono	112
Madrugada	113
O menino e o mar	114
Água cristalina e pura	116
Na luz do sol.....	117
José Lopes Baptista.....	118
O outro lado da vida	119
Erivar Rockstein.....	126
Jardim de espinhos	127
Juliano Baltazar.....	136
Dêmonios do asfalto.....	137
Lauro Borges	152
Mulher sábia.....	153
Lucidéa Farias dos Navegantes	158
Amor de família	159
Luiz de Paula	166
A luz da vida, apesar das dores.....	167

Lyslei Nascimento	178
Onde estarão os dobermans e outros animais desaparecidos? ...	179
Maria Imaculada Costa.....	186
O amém dos animais.....	187
Madá Rosa.....	192
Memórias de um coma	193
Marli Ortega de Figueiredo	204
Tesouros da infância	205
Nah Carvalho.....	208
Por que hoje não?.....	209
Nilva Tânia Facco	212
Deixa.....	213
Paulo Bomfim Simões Lima	222
Não viva desanimado	223
Ribeiro dos Santos.....	234
O velho e a casa da praia	235
Richard Ryan Bright.....	240
O caso 87	241
Rita Buiati	246
Passagem pela vida	247
Thereza Ferraz.....	252
Poesia palavras.....	253

Zenaide Aparecida Pedroso Cesar.....	258
O divã responde.....	259

ANDRE AZEVEDO

luizalvesazevedo@outlook.com

Imperatriz – MA



COMO QUALQUER OUTRO DO PLANETA

Triiiiiinnnn... Trinnnnn... o telefone toca e do outro lado alguém diz:

— CAE, boa noite!

O Silêncio inquietante reina e a voluntária numa tentativa de estabelecer uma comunicação acolhedora insiste:

— Centro de Apoio Emocional, Boa noite!

Pela terceira vez Augusto ligou para o CAE. Anteriormente, sem coragem para falar, desligou quando a atendente o saudava. Entretanto, diante da situação que se encontrava naquele momento, Augusto responde sussurrando:

— Boa noite...

Mais uma vez reina o silêncio. Para o encorajar, a voluntária explica:

— Boa noite, você ligou para o Centro de Apoio Emocional. Não sei se você sabe como funciona o CAE, mas aqui podemos falar sobre o que você julgar importante. Quero certificá-lo de que respeito e sigilo são princípios que prezamos. Sendo assim, você pode ficar à vontade para quando quiser falar das suas demandas pessoais mais íntimas. Estou aqui para lhe ouvir.

Encorajado pelo acolhimento da voluntária, Augusto começa:

— Eu não sei nem por onde começar, não estou bem. Há três dias não saio do meu quarto. A todo momento sinto um peso sobre mim. Sinto-me sufocado. Tenho medo que aconteça novamente. Não consigo olhar para os meus primos.

— Você tem medo e por isso está três dias sem sair do seu quarto — interveio a voluntária.

— Isso, eu tenho muito medo que aconteça novamente.

— Você quer contar o que lhe aconteceu?

— Eu preciso falar para alguém... não estou aguentando essa dor dentro de mim.

— Se você acha que deve compartilhar comigo, eu posso lhe ouvir.

Por alguns segundos, Augusto fica em silêncio, em seguida, soletrando a palavra, diz:

— Eu sou g ... a ... y... você entendeu?

A voluntária responde com empatia:

— Sim, eu entendi perfeitamente.

Depois de uma breve pausa, Ester surpreende Augusto com uma pergunta:

— Por que você soletrou?

Instintivamente, essa pergunta revisitou toda a problemática vivida por Augusto, como a não aceitação da família, a discriminação e os abusos que sofreu. Justificando sua atitude, ele responde:

— Confesso que estava receoso se você continuaria com a conversa depois que descobrisse que sou gay. E por falar nisso... você continuará conversando comigo?

Ester responde empaticamente:

— Com certeza! Não há nenhum problema. Como disse, você pode ser quem é e falar o que desejar.

— Não sei se você vai continuar com esse pensamento depois que eu lhe conte o que aconteceu, mesmo assim, quero tentar. Bom, até os meus 16 anos, morei com os meus pais. Sempre tive muita afinidade com minha mãe. Foi a primeira pessoa a saber sobre minha opção sexual. Foi notório observar seu semblante triste

e preocupado. Ela temia a reação do meu pai que certamente não aceitaria a situação. Ele era enérgico e muito machista. Embora minha escolha não fosse o sonho desejado da minha mãe, ela me apoiava. Uma frase ela me disse, e nunca me esqueci. Num certo dia, quando a tristeza e a incerteza me dominavam por não ser quem de fato era, ela aconselha: “Filho, não deixa ninguém dizer o que você deve ser e como deve se comportar”. Sei que ela estava e está certa, mas nunca consigo me posicionar ao me deparar nesta situação.

Entre crises existenciais e o esforço de me fazer parecer o que não era, dois momentos marcantes em minha vida aconteceram. Conheci, simultaneamente, o amor e o ódio. No início do ano letivo, um aluno novo, morador recente da cidade, passou a fazer parte da mesma turma e logo no primeiro dia de aula, já percebi algo diferente. Numa atividade em dupla que a professora nos passou, ele foi designado para realizar o trabalho comigo. Assim estabelecemos uma grande afinidade e gradualmente descobrindo sentimentos mútuos que nos unia ainda mais. Embora estivesse gostando dele e ele de mim, no começo não admitimos nada mais que amizade. Até que, num dia na qual fui em sua casa para realizarmos um trabalho, aconteceu o que seria para mim o momento mais maravilhoso e marcante.

Estávamos deitados na cama pesquisando o assunto que iríamos explicar para a classe. Ele estava tão perto de mim que podia sentir o calor do seu corpo e a sua respiração. Alegando estar cansado, ele colocou a sua perna sobre as minhas no mesmo instante que me viro. Ele me abraça e beija minhas costas... e assim conheci o amor. Não conseguimos mais disfarçar o que sentíamos um pelo outro. Naquela mesma semana o meu pai descobriu o que

acontecera entre nós, apesar da minha discricção. Como já era esperado, ele não aceitou... me insultou, me agrediu, me estapeou e por fim me expulsou de casa. Mudei de cidade. Fui morar com a minha tia e com meus dois primos. Não foi fácil perder o contato com o Junior. Pensava nele o tempo todo. Mas nada foi pior que a convivência com os meus primos.

Eles zombavam constantemente de mim por ser gay. Até certo ponto eu consegui suportar as piadinhas e os insultos. Mas como eu sempre os ignorei para evitar situações mais constrangedoras, principalmente por estar morando de favor, elas se intensificaram atingindo o pior. Faz quatro dias, meus dois primos convidaram quatro amigos para jogar vídeo game. E do meu quarto dava para ouvir a gritaria que eles realizavam devido ao jogo. Às duas horas da manhã peguei no sono, mas pouco tempo depois fui acordado com eles me segurando. Atordoado, sem saber o que estava acontecendo, recebo tapas na cara e ofensas de todos os tipos. Eles falavam repetidas vezes, “seu viadinho... sua putinha... você tem que morrer!” Eles me agarraram e me despiram a força e eu não consegui me defender ou me esquivar deles. Os seis fizeram sexo comigo, me violentaram, me bateram a noite toda, desmaiei, acredito que nesse momento cessaram. Já com o raiar do sol, acordo e vejo sangue no lençol, meu corpo todo dolorido. Fui sorrateiramente para o banheiro. Não queria que a minha tia me visse daquele jeito.

Ao narrar todos os detalhes, Augusto fica com a voz embargada e sem conseguir se controlar, começa a chorar compulsivamente lembrando cada detalhe do que ocorreu. Entre soluços e choro, Augusto continua: “Quando olhei para o espelho e me vi todo machucado... me senti culpado! Minha tia não merece

o que eu fiz! Ela é a única que me aceita como sou. Minha tia não merece o que eu fiz!”. Ester, intrigada, conversa com Augusto para que este consiga entender o que lhe aconteceu, e diz:

— Mas o que você fez? Você é a vítima!

Ainda chorando, Augusto retruca:

— Não, eu não sou a vítima, mereci o que eles fizeram comigo. Eu sou o errado. Eu sou mesmo um viadinho e uma putinha. E sabe o que é pior? Eu senti prazer com o que eles fizeram comigo, então eu sou culpado.

Ester, agora num tom mais apaziguador, diz:

— Uma vez li um artigo de psicologia descrevendo ser comum vítimas de estupro terem orgasmo, todavia, o que sentiu não está ligado ao prazer.

Ao ouvir isso, Augusto retruca:

— Você não entende, eu senti prazer! Fico a todo instante me lembrando do que aconteceu. Lembro dos detalhes, tamanho e grossura dos seus membros. E quando eu penso, tenho ereção.

— E como você se sente com isso? - Indagou Ester.

— Sinto nojo de mim. Já tentei me matar por duas vezes e tenho ficado trancado no meu quarto desde então. Tenho pânico até de colocar a cabeça para fora da janela. A minha vontade é de sumir, e se eu morrer, não darei tanto desgosto para minha família.

— Entendo que você sente culpa e nojo pelo que aconteceu. E isso tira a sua vontade de viver. Pelo que percebi, você entende e sente que sendo gay, não conseguirá dar orgulho à sua família. A descrição da sua experiência, me faz acreditar que você se entristece muito por ter convicção de não se sentir capaz de alegrar sua família sendo do jeito que é.

— Que bom que você me entendeu. E o que eu faço? Moça, preciso de um conselho — suplicou Augusto. “Bem, eu realmente não sei, mas podemos pensar juntos em uma saída para o que você está passando. Pelo que entendi...” Repentinamente Ester escuta: tuuuuu... tuuuuu... a chamada é interrompida. “Acho que ele queria uma solução!” — pensou a voluntária.

Os dias parecem não ter fim e a angústia e desgosto de Augusto só cresciam. Na tarde fria daquele domingo, ele resoluto sai de casa determinado a dar cabo à sua dor. Caminha pela cidade até chegar numa ponte. Não haveria ninguém para testemunhar o que seria o último ato de sua vida. Augusto senta-se no parapeito da parte mais alta da ponte e tira do bolso uma foto. Chorando fica silenciosamente imerso nas lembranças do seu passado. No ápice de sua dor, ele faz um movimento de alavanca para se jogar e antes que complete, alguém se senta ao seu lado e diz: “O que você pensa que vai fazer?” - Aquela pergunta refreia todo o seu ímpeto. Foi como um coito interrompido. Indignado com a descontinuação do seu grande desfecho, Augusto brada asperamente:

— O que você fez? Que falta de respeito! Que sina essa a minha... Não ter sossego nem no momento mais corajoso da minha vida!

O homem estranho de fisionomia sofrida olha para o que estava na mão de Augusto e pergunta:

— Quem é a mulher que está segurando o bebê no colo?

— O que importa? - Respondeu Augusto. O homem não se sentiu intimidado e continua:

— Ela deve ser muito importante para você.

— Não é mais! Ela não fez o que deveria fazer... se ela me amasse de verdade deveria ter me defendido.

Depois de uma breve pausa, o homem surpreende Augusto com um convite:

— Você quer café?

— O quê?

Inevitavelmente Augusto pensa: “O que esse cara quer de mim? Primeiro me impede de terminar o que decidi fazer aqui, e agora me convida para um café? Será que ele percebeu quem sou e está querendo se aproveitar de mim? Mas, que diferença faz? Já perdi a coragem de dar cabo a minha vida, e vivenciando uma situação dramática, o que mais poderia ser pior?”

Descendo do parapeito da ponte, Augusto aceita o convite e diz:

— Eu aceito, mas não um café e sim um chocolate quente.

Após percorrer algumas ruas eles chegam a uma igreja e o homem diz:

— Pronto! Chegamos.

— Como assim, chegamos? Aqui é uma igreja.

O homem abre o portão lateral e diz:

— Vinde e vede.

Eles entraram, atrás da igreja havia uma casa. Ao adentrar a casa, o homem coloca o leite no fogão, enquanto Augusto senta-se à mesa. Ainda sem entender o que estava acontecendo, Augusto pergunta:

— Quem é você?

— Permita-me apresentar — disse o homem - Eu me chamo Luiz, seja bem-vindo à minha casa.

— Obrigado, respondeu Augusto e questiona:

— Por que estava na ponte?

O homem desliga o botão do fogão, coloca o leite na mesa e reponde:

— Estava na minha peregrinação semanal. Eu sempre vou à ponte todos os domingos neste mesmo horário.

— E por que faz isso? - Perguntou curioso Augusto.

O pastor exhibe uma foto guardada em sua carteira e entrega ao seu convidado dizendo:

- Essa é a Eleonor. Costumávamos passear pela cidade e ficávamos por horas conversando na ponte. Foi lá que me declarei pela primeira vez para ela e foi lá num domingo que a pedi em casamento.

— E onde ela está agora? - Perguntou Augusto.

— Ela está descansando nos braços do Pai. Há três anos foi diagnosticada com um câncer no intestino. Lutou bravamente até o fim. Ela é o meu exemplo de que vale a pena viver. Mesmo com as constantes dores não perdeu a fé na vida.

Neste momento, Luiz serve o chocolate quente e senta. Após um breve silêncio, continua:

— Tem quase dois anos que também tenho lutado para não perder a fé na vida. Renovo minha mente toda vez que vou à ponte e converso com Eleonor. Sei que ela não pode me escutar, mas eu a sinto.

Augusto já não pensava nos seus problemas, tamanha empatia e conexão vivida naquele momento com o sofrimento de Luiz. Às vezes a dor une pessoas numa conexão mágica. Aproveitando a pausa, Augusto sentencia:

— Você não superou a perda da sua esposa, não é? Ainda está preso a ela.

Luiz respira fundo e no ápice da sua vulnerabilidade confessa reticente:

— Não posso negar. Guardo aqui em casa tudo da Eleonor. Suas roupas, seus perfumes e até a sua escova de dente.

Ao dizer isso, lágrimas silenciosas correram pela face do Luiz. Por sua vez, Augusto, sem saber o que dizer, fica em silêncio tentando buscar na mente palavras de encorajamento. Os olhares dos dois se cruzam e eles sorriem. Como está escrito em I Samuel 18 em que fala da amizade de Jônatas e Davi, suas almas estavam ligadas e a partir deste momento e eles se amaram como à sua própria alma. Após essa conversa, Luiz se levanta da mesa e diz:

— Tenho que me preparar para o culto daqui a pouco. Você é o meu convidado. Não precisa ir embora se não quiser. Gostaria poder conhecer você melhor.

Augusto meneia a cabeça positivamente. Luiz se levanta e mostra a casa para ele dizendo:

— Você pode ficar aqui se quiser. Pode ficar neste quarto.

Augusto experimentava pela primeira vez uma sensação de pertencimento e acolhimento. Ele, que sempre ficou recluso para não se machucar com os julgamentos das pessoas, agora estava praticamente desarmado, mas com uma pontinha de dúvidas. Pensa que o Luiz está sendo gentil por não saber quem ele era. Impelido pela necessidade de ser verdadeiro e se revelar, Augusto diz:

— Agradeço pela sua hospitalidade. Realmente estou gostando de ficar aqui, mas não é justo você não saber quem eu sou.

Luiz, interrompe dizendo:

— Relaxa, eu sei quem exatamente você é.

— Como você sabe? - Perguntou Augusto.

— Você é um ser criado por Deus e isso é suficiente para mim. Percebo que você quer me dizer alguma coisa, então fazemos o seguinte, eu vou para o culto e você me espera, ao retornar conversamos sobre isso.

— Combinado, respondeu Augusto.

Na hora marcada, o pastor sai para igreja deixando o seu convidado. No meio do culto, Augusto adentra sorrateiramente a modesta igreja. Senta-se discretamente no último banco. Ele fixa o seu olhar para o pregador e para sua surpresa identifica o pastor Luiz. Terminado a pregação o pastor Luiz faz uma oração emocionada no final e se despede de todos os membros da igreja. As pessoas foram deixando o templo uma a uma, ficando apenas Luiz e Augusto. Aproximando-se de Augusto, o pastor diz:

— Que grata surpresa você aqui! Engraçado, conversamos e ainda não sei o seu nome.

— Verdade, fugimos do protocolo, eu me chamo Augusto.

— Prazer, Augusto, creio que já sabe. Eu sou o pastor Luiz. Antes de interromper a nossa conversa mais cedo, percebi querer me dizer algo sobre você. Estou muito interessado em saber tudo sobre você e, principalmente, o que fez ir à ponte.

Augusto respira fundo e começa:

— Eu não sei explicar, mas sinto que posso confiar em você. Aquela foto que você viu nas minhas mãos é a minha mãe e o bebê em seu colo sou eu. Ela foi muito importante para mim. Ela era uma das poucas pessoas que na adolescência me fazia sentir seguro. Quando fiz 16 anos, me pai descobriu que sou homossexual, me bateu e me expulsou de casa. Minha mãe poderia ter me protegido, mas nada fez. Essa é uma grande mágoa que guardo em meu coração.

Envergonhado, levanta a cabeça para perceber a reação do pastor. Ele sorri demonstrando estar tudo bem. Impelido a dizer alguma coisa, o pastor começa.

— Augusto, entendo que não sentiu o apoio desejado. Não se sentiu respeitado como ser humano que sente, que ama e que pensa. Eu não o julgo. E lhe digo mais... tenho minhas convicções religiosas e o meu modo de pensar, mas são convicções que dizem respeito somente a mim. Elas são as minhas verdades. Creio que mesmo discordando não somos inimigos, e não devo fazer prevalecer o que entendo como o certo sobre os outros semelhantes.

— Pastor Luiz, você é diferenciado. Nunca imaginei que iria encontrar compreensão justamente um líder religioso.

Luiz, sorri e diz:

— Augusto, você já parou em pensar em como Jesus agiria agora neste momento? Ele disse que não veio ao mundo para julgar, mas para libertar e salvar o homem. Augusto, Jesus repetida vez ensinou que o amor e a aceitação é algo que devemos praticar. O que me serviria conhecer todos os mistérios da vida, ter posse de toda verdade absoluta sabendo que sem o amor nada seria?

Muito bonito suas palavras, pastor Luiz. Agradeço por me respeitar. Bom, a conversa está boa, mas já esta tarde e preciso partir.

— Augusto, fique essa noite. Você não precisa ir embora.

— Obrigado pastor Luiz, mas não quero lhe causar problemas. Um rapaz gay que dormiu na casa do pastor. Além disso, estou fugindo dos julgamentos.

— Entendo, Augusto. Eu não posso garantir que isso não ocorra, mesmo assim insisto.

Compelido pela gentileza do pastor, Augusto aceita pernoitar ali. Chegando na casa, o pastor indica o quarto para Augusto dormir e em seguida oferece o que comer. Após uma conversa amistosa, eles se despedem e vão dormir. No dia seguinte, o pastor acorda e o café estava servido. Surpreso ele diz:

— Acordou cedo, Augusto. Vejo que está muito bem hoje.

— Eu realmente estou melhor, tive uma noite tranquila. Sem os fantasmas que tem me incomodado.

— Fantasmas? Que fantasmas são esses? - Perguntou Luiz.

Augusto sorri e dispara:

— Você é um homem muito curioso, pastor. Eu não quero falar sobre isso agora. Tomemos o nosso café e deixar para depois essa conversa desagradável.

O pastor sorri e concorda.

Neste momento a campainha toca, o pastor levanta e diz:

— Com certeza é a Selminha. Ela sempre vem neste horário.

— Humm, pastor recebendo visita de uma mulher, brincou maliciosamente Augusto.

— Sim, ela sempre vem aqui. Depois que a minha mulher faleceu, ela se sentiu responsável por cuidar de mim... eu até que gosto — complementou sorrindo.

Ao abrir a porta, a irmã Selminha entra. É uma bela mulher de 36 anos, mesma idade do pastor, solteira e descompromissada. Animada, traz consigo café e um bolo preparado especialmente para o pastor. Ele antecipa e diz:

— Irmã Selminha, esse é o Augusto, um amigo.

Ela surpresa, responde:

— Eu não sabia que tinha um amigo que não seja ninguém de nossa igreja, pastor?

Ela cumprimenta o visitante dizendo:

— Bom dia, seu Augusto.

— Bom dia, irmã Selminha.

Os três ficaram ali por algum tempo numa conversa animada. Já se passava das dez horas quando Selminha se despede de todos e vai embora. O pastor aproveita o momento descontraído e pergunta:

— Augusto, o que o fez se dirigir até a ponte?

O visitante respira fundo para aliviar a tensão de ter que pensar no que afligia e em seguida começa contar o que acontecera no dia, que foi violentado por seis homens. O pastor ouvia atentamente cada palavra. Quando ele comentou que se sentia culpado pelo ocorrido, o pastor realizou uma declaração que o desestabilizou. Ele diz:

— Meu caro Augusto. Você parece não se aceitar como és;

— Por que você fala isso, pastor?

— Pela sua fala! Você se sente culpado por algo que não fez. Como se o fato de você existir fosse pior do que as atitudes daqueles homens. Meu amigo, você é o que é e pronto. O que somos não dá o direito a ninguém de nos fazer sentir seres inferiores, mesmo que essa fosse uma verdade.

Pensativo, Augusto fica em silêncio. E interrompendo esse momento o pastor continua:

— É fácil, as pessoas ditarem como devemos ser e muitas vezes elas fazem isso, mas estão tão mal resolvidas quanto nós. A barbaridade e brutalidade que fizeram, é um forte indício que eles nem podem ser classificados como seres humanos? Creio que a nossa sociedade pode se tornar pacífica, principalmente se cada um de nós aprender a respeitar e amar mutuamente,

independentemente se concorda ou discorda. Augusto, tem uma frase que gosto muito que traduz bem o meu pensamento. Ela diz assim: “Posso não concordar com o que você diz, mas defenderei até a morte o seu direito de dizê-lo”. Parafraseando, eu posso não concordar com o modo que pensa ou como se reconhece como és, mas tenho que defender o seu direito em ser quem você quer ser. Quando o acolhi aqui, não o fiz porque lhe dou razão, mas é por aquilo que está além disso. É pelo fato de que preciso defender o seu direito e respeitar sua vida como algo natural. “

Depois de uma pausa para que Augusto pudesse absorver essa informação, Luiz pergunta:

— Augusto, qual a chance de você ser respeitado e aceito, quando você mesmo não consegue se respeitar e se aceitar?

Aquela pergunta, gerou uma súbita compreensão em Augusto. Ele começou a pensar e a refletir que não havia nada de errado consigo e que não era um extraterrestre tentando viver no planeta Terra. O seu lugar é exatamente onde escolheu estar. As pessoas não deveriam ser cruéis com aqueles que como ele querem viver a sua vida da melhor forma possível, independentemente de opção sexual. Neste instante, Augusto respira fundo e diz quase sussurrando:

— Como eu queria ser feliz... ser aceito... construir uma família... viver feliz, mas isso me parece um sonho distante.

O pastor franze a testa como não concordando com ele e dispara:

— Meu caro, Deus nos deu tudo para sermos felizes. Essa é a intenção dEle. Porém, preciso lhe dizer que é utopia pensar que se um dia você construir uma família, as pessoas começarão a lhe respeitar, lhe aceitar e finalmente ter a tão sonhada felicidade. Você

passará pelos mesmos problemas que todos passam. Percebo muitos movimentos que se formam como se o reconhecimento e aceitação de suas bandeiras por toda sociedade fosse a fórmula mágica para felicidade plena e absoluta e assim conseguiriam encerrar um ciclo com o fim de todos os problemas da vida. E por esta razão, muitos quando conseguem reconhecimento do que pleiteiam, se frustram ao descobrir que a sua felicidade não está no reconhecido de outras pessoas, mas sim na capacidade de se amar e amar ao próximo. Augusto, quando você diz estar magoado com a sua mãe pela falta de oferecer proteção, em como foi difícil para ela ter força para afrontar o seu pai?”

Essa pergunta trouxe inquietação a Augusto e ele disparou:

— Não justifica! Como mãe, ela tinha o dever de me proteger.

— E quem a protegeria da fúria de um pai que sentia sua honra sendo ultrajada?

— Nunca pensei desta forma. Para dizer a verdade, minha mãe nunca teve forças com o meu pai. Ela sempre foi submissa a ele. Ele sabia como a controlar, com insultos, muitas vezes áspero e tratando-a com ignorância, ela perdeu sua autoestima, era como se ele lentamente estivesse a matá-la. Eu soube que após a morte de meu pai, ela quis me procurar, mas nunca permiti. Quando minha tia falava sobre o assunto eu sempre disse não.

— Augusto, seremos felizes na medida que amamos o outro e a nós mesmos. Por quanto tempo você pretende guardar essa mágoa que tanto o consome?

Alterando a voz, Augusto pergunta:

— O que você quer que eu faça? Eu não posso aparecer de repente e fingir que nada aconteceu.

— Não precisa fingir que esqueceu. É óbvio que você ama a sua mãe. Escolheu ela para estar com você nos seus últimos momentos de sua vida quando desejou ir até a ponte. Só penso que nunca deveríamos desistir da pessoa que se ama.

Augusto fica em silêncio por alguns instantes. Não era fácil para ele lembrar sobre tudo que aconteceu sem amargar o seu coração. Movido por esse sentimento, ele ironicamente diz:

— Engraçado essa vida, não é? Uns precisam se aproximar e outros, desaparecer.

O pastor, entendendo a indireta, responde:

— É verdade, Augusto... nesta vida tem tempo para tudo. E é preciso coragem para entender e pôr em prática a teoria. Infelizmente, não consigo ainda me desaparecer e seguir. Mas quero ter forças para isso.

O clima que antes era amistoso, passou a ser tenso. E por essa razão, Augusto dá um novo rumo a conversa:

— Bom... pastor. Quero agradecer pela sua acolhida. Estou bem melhor agora. Creio que a minha tia está preocupada comigo. Preciso ir.

Ele fala ao mesmo tempo, em que se levanta da mesa e vai em direção a porta. O pastor abre a porta e eles se despendem. A vida seguiu dia após dia, e dois meses depois a campainha toca na casa do pastor Luiz. Ele abre a porta e surpreso diz:

— Que grata surpresa, meu amigo. Quanto tempo não o vejo! Entre Augusto! Entre! Vejo que você está bem melhor. Sente-se, apontando para o sofá. Augusto senta e diz:

— Realmente estou muito feliz. Tenho duas novidades para lhe contar.

— Que bom, estou curioso, o que aconteceu?

— Quando saí daqui a naquele dia, percebi que você tinha razão. Não devemos desistir de um amor. E a primeira coisa que fiz foi procurar a minha mãe. Criei muitas expectativas para este encontro, assim como muito medo também. Eu, cheio de coragem, fui até a casa dela. Diferiu do que imaginei. Quando a minha mãe abriu a porta... ela me abraçou e começou a dizer chorando que estava feliz por me encontrar e que me amava muito. Não precisamos dizer uma só palavra. A mágoa que havia dentro de mim desapareceu instantaneamente. Voltei para casa e hoje somos inseparáveis. Foi ela que sugeriu que eu deveria procurar o Junior. Não foi difícil encontrá-lo. Ele ainda mora com os pais no mesmo lugar. Enfim... meu amigo, voltamos nos falar e tudo que foi interrompido no passado foi retomado com toda força. Agora amadurecidos e conscientes do que queremos, estamos nos entendendo melhor.

— Que bom Augusto que você voltou para a sua cidade e para a casa.

Augusto franze a cabeça e dispara:

— Precisei voltar principalmente depois do que fiz. Resolvi seguir o conselho de minha mãe. Não quero mais que ninguém me cale... e me rotule pelo que sou. Por isso, eu denunciei meus primos e seus amigos. Fazer isso foi necessário para estabelecer um marco em minha vida. Quero ser eu mesmo, respeitando para ser respeitado, mesmo não concordando. Quando saí de sua casa, percebi que deveria lutar por mim e não me entregar num quarto escuro. Após conversar com a minha mãe fui com ela até a delegacia. Realizei exame de corpo delito. E essa semana o juiz acolheu minha denúncia de estupro. Em breve o julgamento será marcado.

— Estou orgulhoso de você, meu Augusto. E que a justiça seja feita. Imagino o quão está sendo difícil denunciar um parente e justamente os filhos de quem mais lhe acolheu quando precisou. Sei que você ama a sua tia, mas como você mesmo disse, era necessário fazer o que fez.

— Eu realmente tive que pagar um alto preço. Minha tia não entendeu essa situação e tivemos que romper contato. Eu não a julgo por isso. Mas enfim, torcer agora para que tudo dê certo.

— E como você está se sentindo agora? - Perguntou Luiz.

— Está tudo um reboição dentro de mim, mas desta vez causado por coisas boas. Estou aliviado... sabe... mais dono de mim. Entendi haver um grande sofrimento quando vivemos com máscaras... quando a mentira e omissão não permite resolver as questões da vida. Então... hoje posso dizer que estou mais pleno.

— Que bom, Augusto. Sabe meu amigo... você não foi o único que saiu do nosso encontro diferente. Depois que você me falou sobre o tempo de desaparecimento, comecei a refletir muito no meu comportamento. Posso dizer que me sinto também pleno. Eu também tenho uma novidade para te contar. Venha aqui.

Os dois se levantam e o Luiz conduz Augusto para o seu quarto. Ele abre o armário e estava vazio. A escova de dente da esposa não estava mais ali. Surpreso, Augusto pergunta:

— O que aconteceu aqui? Genteeee... o que aconteceu?

O pastor sorri e diz:

— Desapeguei de tudo que me prendia a Eleonor. Ela continua sendo importante para mim e respeito a sua memória, mas não fazia sentido ficar preso a ela.

— Eu também acho, disse Augusto e sorrindo complemente: até porque o juramento que se faz é... até que a morte nos separe, não é mesmo?

O pastor meneia a cabeça positivamente concordando. Neste momento, por curiosidade, Augusto diz maliciosamente:

— Já que você está seguindo, como vai ficar a sua relação com a irmã Selminha, pastor?

O pastor sorri mais uma vez e diz:

— Você é muito curioso, rapaz!!! Para sua informação, não é mais a irmã Selminha, mas apenas Selminha. Estamos também nos entendendo se é o que quer saber.

— Olha aí o pastor gente — disse ironicamente Augusto.

Ambos sorriram. A conversa seguiu animada e depois de algumas horas eles se despedem. Os dois se falaram com frequência até o dia do julgamento. Os dias que o antecedeu foi marcado por muita visibilidade midiática. Uma parte da cidade apoiava os primos e a outra, Augusto. Por essa razão ele resolveu não sair de casa até o dia no juiz desse o veredito.

No dia o julgamento, a imprensa aguardava os envolvidos para suas reportagens. Augusto subia a escadaria do fórum sem dar entrevista e com a cabeça baixa. O recinto já estava lotado de amigos e parentes dos dois lados. Antes de sentar no seu lugar, Augusto cumprimenta o pastor Luiz e esse efetua uma rápida oração. O clima era tenso e intensificou a cada fala das testemunhas e dos advogados. Porém, o momento mais doloroso foi quando o advogado do Augusto mostrou a cena do dia de estupro. Um dos colegas do primo havia gravado toda a cena em tom de zombaria e escárnio. Dava para ouvir a sua risada em meio aos gritos de dor

do Augusto. Antes que o dono do celular apagasse o vídeo, a polícia havia retirado para a perícia.

Depois de dois dias sai o veredicto. O juiz lê a sentença. E a cada palavra rolava lágrimas silenciosas de apreensão e de justiça do rosto de Augusto. No fim da sentença o juiz profere a pena de 9 anos e 5 meses para todos os envolvidos no estupro coletivo. Ouve-se um alvoroço no tribunal das pessoas que concordavam e das que discordavam a ponto do juiz ameaçar prender os mais exaltados. Após abraços e felicitações, Augusto desce a escada, com olhar altivo e um caminhar firme de quem está disposto a nunca mais abaixar a cabeça para a injustiça. Com certeza, ele é uma nova pessoa... que se respeita e se aceita, que ama como qualquer outro ser do planeta.

Fim...

ANAÍLE SANTOS

eliana.oli59@gmail.com

São Vicente – SP



ENTRE FERIDAS E VITÓRIAS

Como a vida pode ser difícil às vezes. Valentina sempre foi uma moça muito inteligente, mas não se encaixava em nenhuma escola. Era obesa e acabava sofrendo bullying por parte dos alunos. Como se isso não bastasse, seu pai não a aceitava do jeito que ela era e constantemente batia nela, na esperança de que os castigos a incentivassem a emagrecer.

Mesmo assim, e por sua inteligência, Valentina fez faculdade e, depois, um MBA para assumir as empresas da família. Ela era filha única, e seu pai depositava nela toda a responsabilidade de levar tudo adiante. Ela se tornaria CEO das empresas, com a condição de emagrecer.

Feitos os acordos, a empresa trabalharia em parceria com outra famosa, onde ambas criariam uma nova linha de maquiagem, e a de Valentina desenvolveria perfumes para a nova estação. Aconteceu então a noite do encontro das duas empresas, onde os dois CEOs explicariam como tudo iria funcionar.

Valentina fez um breve discurso explicando como sua equipe iria trabalhar, tanto na criação dos produtos quanto nas embalagens. Ela ainda não conhecia Dominique, a CEO da outra equipe, e, quando Dominique se aproximou e fez também um discurso, Valentina teve a impressão de que já a conhecia.

Terminando o discurso, Dominique se aproximou de Valentina, que tentou disfarçar sua timidez e o medo de que ela realmente fosse quem imaginava.

— Boa noite, Valentina. — Dominique estendeu a mão e apertou a de Valentina, percebendo que ela estava nervosa.

— Eu queria te conhecer, já que vamos trabalhar juntas!

- Claro, eu também — mentiu Valentina.
- Eu vou voltar para minha equipe. Nos falamos depois.
- Tá bom.

Na verdade, Dominique olhava para Valentina de cima a baixo. Ela também sentia que a conhecia, mas não conseguia identificar de onde.

No retorno para casa, Valentina não parava de pensar em Dominique. Continuava linda. Ao chegar em casa, depois do banho, se olhou no espelho, e era nítido o seu medo de Dominique.

No dia seguinte, chegou para trabalhar mais cedo. Procurou se produzir ao máximo para dificultar o reconhecimento. Logo depois, chegou Dominique, também toda produzida e com um ar arrogante. Aliás, o mesmo de sempre.

— Desculpem o atraso! É que sou vaidosa e queria experimentar um pouquinho destas maquiagens — e sorriu para todos.

Ela se juntou à sua equipe e já começou a dar ordens e fazer algumas críticas às maquiagens que levou para experimentar. Era visível o temor no rosto de todos pelo modo como ela falava. E, por fim, completou com um “Vocês querem continuar na equipe, certo? Então deem o seu melhor!”. Eles sorriam e concordavam, mas havia aquela tensão no ar.

Foram algumas semanas trabalhando juntas, e, numa sexta-feira, o grupo resolveu ir a um barzinho para relaxar. Valentina não curtia esse tipo de evento, então tomou uma latinha e foi ao banheiro. Mas não percebeu que Dominique a seguiu. Quando Valentina estava retocando o batom, Dominique se juntou a ela e puxou papo:

- Eu acho que te conheço de algum lugar...

Valentina gelou, mas respondeu que achava que não.

Nisso, entraram outras pessoas, e Valentina lavou as mãos e aproveitou para sair, enquanto Dominique ainda ficou um pouco mais no banheiro.

Ela dirigia loucamente, muito nervosa, e não via a hora de chegar em casa. Ao chegar, andava de um lado para o outro, sem conseguir relaxar. Foi para o banheiro, na esperança de que um banho morno relaxasse seu corpo tenso. Mas não adiantou.

No dia seguinte, chegando à empresa, foi para a sala de reunião, onde tinha coisas a fazer. Valentina direcionou sua atenção ao trabalho.

De repente, o celular tocou, e uma mensagem chegou: “Você está muito diferente, mas já lembrei quem é você! Podemos conversar?”. Seu coração disparou, e sua respiração ficou quase ofegante.

Valentina aceitou falar com Dominique, porque aquela situação não poderia durar para sempre.

— Vou te levar a um lugar onde podemos comer e conversar também. Você é aquela menina gorda enorme da escola, não é? Eu só te reconheci por causa do seu nome e, mesmo assim, fiquei na dúvida por um tempo. Você está muito diferente! Magra, mais até do que eu! Cabelos lisos e loiros! Pele sem espinhas! O que aconteceu? Como você mudou tanto assim?

— Para que você quer saber? Depois de tudo que me fez, de ter transformado minha vida em um inferno naquela escola e fora dela, o que você quer?

— Nada! Apenas curiosidade! Estamos trabalhando no mesmo ramo de beleza e, realmente, você me surpreendeu! Eu nunca esperava te encontrar assim tão bem. Está casada?

— Sabe, não é da sua conta, mas vou te dizer: não, não estou! E você?

— Eu acabei casando com o Carlos, lembra dele?

— Impossível esquecer o que vocês me fizeram! Me deixaram presa na escola por quase uma noite inteira! Com muito medo!

— Mas foi só brincadeira! Esquece!

— Vocês me perseguiram, maltrataram e me fizeram esquecer que eu era gente. Que, embora fosse muito gorda, tinha sentimentos que vocês ignoravam. Eu posso dizer que ainda odeio vocês! E é muito bom poder falar isso, do jeito que estou agora, diante das vitórias que consegui.

— Ah, tá bom! Eu já vou indo! — olhou Valentina mais uma vez e foi embora.

Ela foi embora, e Valentina ficou com uma sensação boa de finalmente ter falado e por ter decidido se cuidar. A cirurgia bariátrica foi uma decisão difícil de tomar, mas uma etapa vencida! As outras cirurgias ajudaram a deixá-la mais bonita e com o corpo mais harmonioso. E os tratamentos estéticos a deixaram confiante para seguir em frente.

Passadas algumas semanas, as duas trabalhavam juntas, mas não se falavam. Valentina estava muito feliz por ter trabalhado tanto e ter obtido resultados ainda melhores do que esperava. Durante aquele período de trabalho, mesmo tendo estudado e feito MBAs, nunca havia colocado em prática todo aquele aprendizado.

Os produtos começavam a chegar nas lojas, e as propagandas nas redes de televisão ampliavam o alcance dos produtos. Valentina não cabia em si de felicidade pelo trabalho realizado.

A empresa instituiu um prêmio para as duas equipes, pelo esforço e dedicação na pesquisa e produção dos produtos. Esse prêmio era uma viagem de navio de três dias. Era uma forma da empresa agradecer pelas horas e horas de trabalho. Valentina não queria ir, achava que iria se expor, e ela não era disso. Mas, no último instante, resolveu ir. Afinal, apesar de todo o sofrimento que já passara, merecia um pouco de diversão e prazer.

Estava saindo da cabine em direção à piscina, quando deu de cara com Carlos e Dominique vindo em sua direção. Ela virou as costas, fazendo menção de voltar para a cabine. Mas Carlos não deixou, segurando seu braço levemente.

— Por favor, não vá! Eu queria que você me escutasse.

Ela parou e resolveu escutar:

— Sabe, eu errei muito com você! Peço seu perdão com toda a sinceridade. Eu jamais deveria ter feito as coisas que fiz, e só agora consigo entender. Dominique não é muito a favor do que estou fazendo agora, mas cada um tem sua consciência. E eu espero sinceramente que, se não puder me perdoar, pelo menos não me odeie tanto.

Valentina continuava parada, prestando atenção ao que ele dizia:

— Eu era um babaca, ou talvez continue sendo (sorriu). Eu só andava com babacas e pensava como eles. Hoje, eu entendo que te feri. E isso nunca mais vai acontecer, nem com você nem com ninguém. Perdão, Valentina!

Ela olhou para ele e não respondeu. Não conseguia. Sua garganta estava travada de vontade de chorar. Seu nariz ficou vermelho, e a primeira lágrima desceu. Carlos soltou a mão de

Dominique e abraçou Valentina, que chorava copiosamente. Até Dominique acabou abraçando os dois.

Depois de Valentina se acalmar, andaram os três abraçados até o local da piscina, arrumaram cadeiras com uma mesinha, pediram coisas para comer e, ao que tudo indicava, a paz, o amor e o perdão estavam instaurados entre eles.

CLAUZETE RODRIGUES PARDO

clauzeterpardo@gmail.com

Rio Grande – RS



*“Tarde demais o conheci, por fim; cedo demais, sem conhecê-lo,
amei-o.” – William Shakespeare.*

UM FINAL INESPERADO

Era um dia qualquer no começo do século passado, quando três jovens espanhóis chegavam da Província de Navarra, Espanha, ao Brasil.

A expectativa de um futuro melhor, os fez abandonar sua terra natal e buscar um lugar mais favorável para viver.

Cheios de sonhos, a alma carregada de esperanças, escolheram ficar em uma Ilha da Lagoa dos Patos, ao sul do Estado do Rio Grande do Sul.

A pesca era a fonte principal de renda na ilha, mas isso não agradava a Américo, o mais velho dos três irmãos, que decidiu ficar ali, mas, dedicar-se à agricultura.

Os outros dois escolheram viver nas proximidades, mas fora da ilha, quando então se separaram.

Não muito tempo depois de sua chegada, Américo conheceu Santina, uma jovem simples, meiga, e de sorriso tímido, por quem logo se apaixonou.

E ela também, em pouco tempo, enamorou-se dele. Sentia-se encantada com aquele jovem de fala mansa e sedutora, com sotaque diferente e engraçado, que às vezes ela nem sequer conseguia entender.

Isso os divertia muito, e os aproximava ainda mais. Era muito bom estar em sua companhia.

Não demorou para que ele, cansado de viver sozinho, gostando demais de estar com Santina, decidisse constituir família, e pedi-la em casamento, o que ela, de pronto, aceitou.

O tempo passou, e depois de 12 (doze) anos de matrimônio, o casal já tinha 05 (cinco) filhos, Justino, Claudemir, Juarez, Janice, e Virginia, todos com pouca diferença de idade entre um e outro.

Viviam em um pequeno casebre, de dois cômodos, de paredes rústicas e desalinhadas, que Américo mesmo havia construído, a uma pequena distância da lagoa.

Não havia água encanada, e nem eletricidade. A pequena casa era iluminada por luz de velas, e um pequeno lampião, que se acendia logo que a noite chegava.

No pequeno pedaço de terra, ao lado, Américo cultivava sua plantação, única fonte de renda da família.

A vida em família não era fácil. Enormes eram as dificuldades que, diariamente, tinham que enfrentar.

Santina cuidava da casa e dos filhos, enquanto Américo, para conseguir manter sua já numerosa família, dedicava-se com afinco ao cultivo das verduras e hortaliças.

Em todos os finais de semana, ele enchia seu pequeno barco com os produtos frescos que colhera na madrugada, e navegava, para vendê-los no mercado público da cidade vizinha.

Durante todos esses anos, ele manteve a mesma rotina. Saía para o mar antes de o sol nascer, e voltava sempre ao final do dia, trazendo consigo, mantimentos para a semana que se avizinhava, e o pouco dinheiro que sobrava, para qualquer emergência.

Muitas vezes, sob a luz de vela, Américo confessava a Santina, com emoção, a saudade de tudo que deixara para trás, ao que ela, comovida, sempre o consolava.

Era uma noite fria de sábado, do mês de junho do ano de 1926. Américo estava muito agitado, e não conseguia dormir.

Santina, ao seu lado, o abrigava em seus braços na esperança de ajudá-lo a adormecer, mas logo ele despertava outra vez.

A noite toda transcorreu assim. As horas custavam muito a passar, até que, Américo, no horário de costume, levantou-se, e se preparou para partir.

Havia uma forte neblina cobrindo a paisagem, quando Américo colheu as hortaliças, e as colocou no barco. Voltou ao pequeno casebre, e despediu-se com um beijo apressado, da esposa, e dos 5 filhos que ainda dormiam.

Naquela manhã, Santina levantara bem cedo, preparara o café para o seu amor, e o levava até a porta. O abraçara com força, na emoção de toda despedida, acenando até vê-lo desaparecer no meio do nevoeiro.

E logo pôs-se a rezar por ele, como sempre fazia.

Assim, mantendo sua rotina diária, enquanto aguardava por Américo, Santina tratava da lida da casa, e atendia as crianças.

As horas passavam, e nada acontecia...

A noite já se aproximava, enquanto o sol, lentamente, escondia-se por detrás do arvoredo.

E... Américo não chegava!

Ele nunca tardara tanto!!!

Santina, preocupada, rezava, agora, com mais fervor.

Com os 04 (quatro) filhos pela mão, e a pequena Virginia, com apenas 06 (seis) meses, no colo, ela foi até a beira da lagoa, procurando, aflita, no horizonte, qualquer sinal de Américo.

No entanto, encontrou apenas o vazio, e o silêncio das águas, agora, escuras, prateadas pelo reflexo da lua.

Santina, com a esperança de vê-lo chegar, decidiu ficar ali, ao menos por mais um tempo.

O vento frio castigava seu rosto, e balançava com força seus cabelos. De repente, o choro dos filhos que se mantinham agarrados a suas vestes, a despertou do torpor que dela se havia apossado, e com um soluço contido, dirigiu-se para casa.

Firme na sua fé, Santina continuava a espera de Américo. Acreditava que a qualquer momento, ele abriria a porta, e ela correria para seus braços, para depois, viver mais uma linda noite de amor.

Naquele momento, lembrou-se que era hora do jantar, mas percebeu que as prateleiras estavam vazias...

Naquela noite, todos dormiram com fome.

Ela não sabia. Mas aquele domingo não seria igual aos outros. Ela não teria mais o abraço do seu amado. E o beijo dado na despedida, teria sido seu último beijo!

Isto porque, Deus tem um plano para cada um de nós. E naquele dia, apesar de todas as suas orações, Ele não a atenderia.

De repente, num raio de lucidez, Santina percebeu que seu grande amor talvez não voltasse mais.

O medo do futuro próximo, que por certo já batia à porta, apossou-se de Santina, que agora precisava descobrir como sobreviveriam, ela e os 5 filhos, sozinhos, naquela ilha, com recursos tão escassos.

A noite custou a passar. O sol nem bem havia saído, e Santina já estava de pé. Encheu-se de força, coragem, e como uma leoa em defesa de seus filhotes, decidiu que seria capaz de protegê-los.

Ela sabia que não seria fácil, mas trazia consigo a certeza de que se Deus lhe dera aquela missão, ela poderia cumpri-la.

E assim, o tempo passava, e Santina e os cinco filhos, sobreviviam, entre dias de comida na mesa, e outros, sem nada para comer.

Acreditando que Américo fora vítima de um infortúnio, vestiu-se, Santina, de luto, e desde então passou a rezar por sua alma, pedindo a Deus que o recebesse em sua Glória, e para que Ele a ajudasse a criar seus filhos, ainda tão pequeninos.

Os longos anos que se seguiram, foram de muitas dificuldades. Fome, frio e doenças. Mas nada a fez desistir.

Santina lutava cada vez mais, com ajuda da comunidade, e do pároco da pequena igreja da ilha, que condoídos com a triste situação de sua família, não poupavam esforços para ajudá-la.

Era rotina os moradores da ilha verem os filhos maiores, de Santina e Américo, carregando pela mão, os irmãos menores, em busca de alimentos e remédios, enquanto a mãe, reinventava-se, trabalhando embaixo de sol torrente, cuidando da horta, o único que Américo lhe havia deixado (além dos 5 filhos).

À medida que cresciam, os filhos iam para a pequena escola da ilha, e assim, todos aprenderam a ler e a escrever. Santina não se descuidava de nada. Não importava quão grande fosse o sacrifício. Ela sabia que podia superá-lo.

Porém, ainda muito jovens, precisaram abandonar a escola, arrumar trabalho, e auxiliar a mãe, que já cansada com a vida árdua e fatigante, depois do desaparecimento de Américo, agora, já mostrava sinais de debilidade.

Ao perder sua grande paixão, ela teve medo de perder mais alguém, e entregou-se inteiramente, na difícil missão de sobrevivência, usando o amor como combustível para vencer todos os desafios.

E não foram poucos...

Vencida pelo desgosto, os momentos de agrura, e o duro labor, Santina partiu cedo, sem jamais descobrir o que acontecera com seu amado, preferindo acreditar que ele havia sido vítima de algum infortúnio.

Quando adultos, todos os filhos foram para a cidade, escolheram uma profissão, casaram, e tiveram filhos, os netos legítimos de Américo e Santina.

Porém, Virginia, a filha mais nova do casal, que contava apenas 06 (seis) meses quando Américo desaparecera, quase 40 anos depois, decidiu buscar respostas para o desaparecimento do seu pai.

Assim, depois de muitos anos de buscas, por volta da década de 60, ainda no século passado, viajando por Buenos Aires, ela descobriu um comerciante que tinha o mesmo nome dele, e, excitada, decidiu visitá-lo.

Extremamente nervosa, ansiosa, com os batimentos cardíacos acelerados, mas muito determinada, orou a Deus, pedindo forças e coragem para o que ia fazer, e adentrou na loja.

Do outro lado do balcão havia um senhor grisalho, bem-apeesoado, solícito, vestindo um casaco de lã cinza-escuro, camisa branca, e uma gravata azul, que lhe perguntou: “A senhora, o que deseja?”

“Eu não vim comprar, nem pedir nada”, — respondeu ela. — “Vim apenas contar-lhe uma história”.

Ele debruçou-se no balcão, deu um largo sorriso, e, em tom amável, murmurou: “Tudo bem. Então pode começar”.

Ela respirou fundo, e falou: “Eu busco por um homem, que um dia abandonou uma jovem mulher com cinco filhos pequenos,

em uma ilha no sul do Brasil, e os deixou largados a própria sorte. Eu era a menor dentre eles, e contava com 06 meses apenas”.

O homem agora, já não mais sorria, ouvindo-a atentamente, sem dizer nenhuma palavra. Nem sequer fazia menção de interrompê-la. Limitava-se a escutá-la, mostrando-se interessado em ouvir o final da história.

E ela, tomada pela emoção, continuou: “Quero que esse homem saiba que minha mãe se vestiu de luto, desde o dia em que ele desapareceu, e assim ficou até o dia de sua morte”. — Ele, parecendo sentir-se desconfortável com a narrativa de Virginia, pigarreava — “que ela teve uma vida difícil, de tristeza e amarguras, mas conseguiu criar sozinha, com o suor do seu próprio esforço, os filhos que esse homem abandonou”.

“Mas por que você veio contar a mim, essa história”? — perguntou-lhe.

“Ele, assim como o senhor, chamava-se Américo Cravo Benitez. E é por isso que estou aqui”.

“Se o senhor não for o homem que procuro, peço-lhe, por favor, que me perdoe, mas se for, quero apenas que guarde consigo, e que pese na sua consciência, todo o mal que nos fez, e toda injustiça cometida contra a mulher que o amava, e que rezou por você até os últimos momentos de sua vida”.

Nesse instante, ele, com os olhos marejados, respondeu: “Lamento, senhora. Mas eu não sou o homem que você procura”.

Virginia, emocionada com o próprio desabafo, não conseguiu falar mais nada, e, chorando, se foi.

Ela nunca mais o encontrou. E assim como sua mãe e seus 04 irmãos, também partiu sem saber a verdade.

Mas esta história não termina aqui.

Com o auxílio da internet e das redes sociais, Maria Clara, neta de Américo e Santina, decidiu continuar a busca pela verdade, e conseguir desvendar o mistério que envolvia o desaparecimento de seu avô.

Assim, nos primeiros meses deste ano de 2023, uma sequência de acontecimentos e reviravoltas.

O grande segredo mantido há quase 100 anos, sobre o desaparecimento de Américo, afinal foi revelado.

Extraindo-se de documentos originais, oriundos dos Registros Cíveis competentes, Américo e seus irmãos eram argentinos, país fronteira com o Brasil, e não espanhóis, como diziam ser.

Essa descoberta causou enorme surpresa entre todos que acompanhavam a história. Mas esta, foi muito menor da que viria depois.

O final das investigações apontou que Américo, naquele longínquo domingo de junho, voltou para sua terra natal, Argentina, e começou um novo ciclo. Nova esposa, novos filhos, e uma nova vida, agora, próspera.

Seu desaparecimento estava solucionado. Ele decidira partir, desaparecer sem mandar notícias, e deixar a família entregue à própria sorte.

Resta descobrir o motivo, o que não se acredita ser possível. Talvez a vida difícil que enfrentava, e a responsabilidade de ter que lutar diariamente contra as adversidades, e sem acreditar no amanhã, o tenha levado a optar pelo abandono.

A descoberta abalou, sobremaneira, os sobreviventes das gerações que o sucederam, sensibilizados com o triste desfecho. Ele havia descartado toda sua família.

Afinal, pessoas não são descartáveis!!!

Esta história, como se vê, não teve um final feliz, como acontece em quase todas as histórias de amor. Mas, como de todo desgosto sempre emerge algum consolo, há de se creditar méritos a quem o detém.

A grande descoberta, apesar de intolerável, entrega a todos um sentimento de paz. Virginia encontrou o seu pai, e mesmo sem sabê-lo, pode olhar em seus olhos, falar das batalhas e das mágoas da infância, e dizer que apesar dele, todos ficaram bem.

Ainda. Para as gerações futuras, o legado de altruísmo, de Santina, uma mulher incrível, que na pior das adversidades soube ter coragem, garra, e persistência, para desistindo de si mesma, amar e proteger sem limites, os filhos que Américo lhe deixara.

Ela acreditou na força interior que nem sabia ter, entregando sua juventude para criar, sozinha, com muito amor, 5 (cinco) filhos, fazendo deles, sua prioridade e razão para viver. Fez dos seus filhos, sua vida!

E que por ele, e sem ele, amou, sofreu, e morreu, amando.

CID ALBERTO

cid.afilho@yahoo.com.br

Salvador – BA



UM ASSUNTO DE FAMÍLIA

Ano 1973

Toda vizinhança ouviu os barulhos, os gritos e os choros de Elena, na briga com seu marido Ernesto, não que fosse um fato costumeiro, mas dessa vez, foi acompanhada de palavrões e destruição de mesa e cadeira. Ele é um homem bom, porém quando bebe, perde a cabeça.

Elena é uma mulher calma, dona de casa exemplar, trabalhadora, cuidadosa, dedicada ao filho e ao marido, mas não entende e não aceita esta fraqueza do Ernesto. Recordase quando o conheceu, cerca de treze anos atrás, quando viu pela primeira vez, aquele rapaz forte, bonito, cabelos compridos, cacheados, alegre e risonho; apaixonou-se, foi “amor à primeira vista”.

Ele estava fazendo uma obra para a Prefeitura no Interior do Estado, local onde seu “Painho” trabalhava. Ela o via todo dia, pensava consigo, parece ser um rapaz “belo e vigoroso”. Admirava seu jeito, seu olhar, seu sorriso. Ele a olhava sempre e apenas sorria. Nessa época estava com seus dezenove anos.

Quando a obra terminou, oito meses depois, ele se aproximou e perguntou, “quer vir embora morar comigo”? Ela respondeu de pronto, sim, aceito. Foi momentos espontâneos, maravilhosos.

Agora estão aqui, vivem felizes, ele é um homem honesto, carinhoso, lhe deu um filho lindo, todavia, não pode aceitar esse problema de bebida, isso não.

A despeito desse lado sombrio, Ernesto se mostra responsável e cumpridor de suas obrigações, sendo conhecido na sua área como profissional competente. Ele trabalha na execução de fundações profundas para prédios residenciais, denominados “tubulão a céu aberto”.

É um trabalho cansativo e perigoso, descer a 10/12 metros de profundidade em um poço circular com 80/90 centímetros de diâmetro, que só passa um homem, fazendo escavação para fundações, não é fácil. Ele já trabalha nisso há muitos anos, é especialista no assunto. Desenvolveu uma equipe e a comanda, é o Encarregado pelos serviços.

Recebe orientações e plantas dos Engenheiros e vai a campo com sua turma executar as escavações programadas, feitas manualmente com uma pá de cabo curto, descendo através de um Sarilho, com uma corda e um balde, à medida que o trabalho avança. A cada buraco pronto, ele confere, vai até à base, checando todo o seu desenvolvimento, observando as medidas previstas, diâmetro, prumo e comprimento.

Quando o furo é muito profundo é necessário levar uma lanterna, para se investigar até o fundo, pois fica escura lá embaixo. É um trabalho muito específico, por isso é bem recompensado.

Ernesto é um homem de compleição forte, queimado do sol, disposto no serviço, porém torna-se agressivo quando

toma uma bebida. Apenas seu filho, Manuel, um garoto de doze anos, o consegue domá-lo nesses momentos de excesso alcoólico.

Moram em uma casa com três quartos, uma ampla varanda voltada para a nascente, muito agradável. O telhado é do tipo “telha vã”, o que facilita, às vezes, a entrada de morcegos. Ernesto tem um medo de que “se pela” desses bichos; de ratos, tem verdadeiro pavor, quando se bate com um, acabou o homem, se transforma em um garotinho frágil e medroso. Nessa hora sua mulher Elena se acaba de rir.

Ela é uma mulher de fibra, trabalha rente com ele, vendendo comida nas suas obras. Durante a semana leva pasteis, quibes e sanduíches, as sextas-feiras, almoço completo. Até os Engenheiros da empresa, compram seus quitutes, dizem ser de primeira.

O casal vive razoavelmente bem, o filho, Manuel, é a principal ligação dos dois. Ernesto é apaixonado por este menino, faz todas suas vontades, passeia com ele nos fins de semana e o leva ao futebol sempre que pode. No seu último aniversário lhe deu de presente um Tênis de marca.

O garoto também lhe faz gosto, é aplicado nos estudos, gosta muito de matemática, tem facilidade com números e já ajuda o pai no controle dos serviços. Cria relatórios e tabelas, indicando a quantidade de tubulões concluídos e em andamentos, o volume de terra escavado, os períodos em que foram realizados e os valores em recursos a receber. O pai fica todo orgulhoso com o interesse e a habilidade do filho.

O problema da família é a bebida do Ernesto. Durante a semana e no trabalho ele não bebe, mas em alguns fins de semana ele não se contém, sai do limite e perde a cabeça. Depois, se lamenta, se desculpe e diz que vai deixar o vício.

Em determinada ocasião, ele bebeu tanto que perdeu a consciência, ficou jogado na rua, sendo quase atropelado, o trouxeram e largaram na porta de casa. Pela manhã os vizinhos o viram e avisaram a Elena, que tomou um tremendo susto. Nessa oportunidade ele ficou uma semana em casa, sem puder trabalhar.

Nesse último episódio, em que chegou a danificar os móveis da casa, ficou envergonhado e decepcionado, resolveu entrar na fase de abstinência, prometeu ao filho e a mulher que não iria beber mais.

Ernesto voltou-se inteiramente ao trabalho, contratou as escavações para um conjunto de dois prédios grandes, sendo um com 44 tubulões e outro com 42, a maioria com base alargada. Ficou muito feliz, teve que aumentar a equipe e adquirir maior número de ferramentas, os trabalhos começaram imediatamente.

A família está atravessando uma fase boa da vida, com saúde, bem-estar, prosperidade e muito amor. Elena adora a família, acredita que aquela decisão tomada numa paixão, anos atrás, valeu a pena. Seu “Painho”, naquele momento, revoltou-se, mas hoje o sentimento dele é de júbilo.

Elena está organizando uma rápida viagem ao Interior, acompanhada do filho, para visitar os pais, pois há muito

tempo que não os vêm e eles reclamam; assim também, uma irmã solteira que mora com eles. Pensa em viajar neste fim de semana, e retornar na segunda-feira próxima. Comprou presentes para cada um, sabe que eles vão adorar.

Quanta alegria na sua chegada! Foi uma festa de beijos, de felicidades e prazer, todos demonstravam emoção com lágrimas nos olhos e risos de satisfação. Os “velhos” não se continham, abraçando e acariciando a filha e o neto, procurando saber como estavam, se estavam felizes, e o Ernesto, trabalhando?

Gostaram demais dos presentes, contudo mostraram-se saudosos no retorno dos dois. Elena, um pouco preocupada porque Ernesto não se comunicou, nem um telefonema lembrou-se de dar. Quando entrou em casa não o encontrou, sabia que estava no trabalho. A vizinha do lado, Dona Rosa, bateu na porta, se apresentou e falou, Elena, minha amiga, o Ernesto foi levado para a Delegacia, porque estava causando arruaças na rua, estava bêbado, a polícia veio buscá-lo.

Elena gelou, tomou um copo d’água, e saiu apressada em direção a Delegacia. Ernesto estava numa cela, sentado cabisbaixo; olhou para Elena sem falar uma palavra, envergonhado. O Delegado historiou o assunto, disse que já o tinha fichado e o liberou.

Quanta decepção. Vieram para casa calados, Elena lhe deu um café quente, não lhe cobrou nada, apenas o colocou

na cama como se fosse uma criança e disse – vá descansar. O filho Manuel o beijou carinhosamente e foi para a Escola.

Elena pensou consigo mesma, vou lhe dar uma lição, ele vai ver. O deixou dormindo, preparou o lanche para a obra, chamou o operário mais próximo do marido e explicou tudo. Disse que precisava de sua ajuda.

No dia seguinte, Ernesto, já refeito do desastroso episódio, foi trabalhar. Avaliou todo o serviço feito, verificou que um tubulão já estava em escavação final; era um bem profundo, pela tarde calculou que iria descer para conferi-lo.

Observou com cuidado o equipamento, o Sarilho, a corda, o balde e avisou ao Zeca, que iria descer. Ernesto é homem forte, robusto, pesado. Elena estava do lado externo do canteiro de obras, “finalizando” e arrumando todo seu material de vendas do fim de semana.

Ele começou a descer vagarosamente, como faz sempre, olhando o estado das paredes do furo, e já na base, tudo escuro, precisou ligar a lanterna. Nesse momento, ouviram-se os berros, os gritos assustadores do Ernesto, balbuciando palavrões e choros, pedindo para subir, em prantos, completamente em pânico.

Rapidamente puxaram a corda, colocaram o Ernesto deitado; estava em choque, assustado, olhar fixo no nada, com os braços e o rosto arranhados, sangrando um pouco. Um operário desceu ao fundo, para verificar as razões do caso.

Trouxe a surpresa, três ratos grandes, tipo de esgoto, “caíram” dentro do tubulão, a noite; quando o Ernesto desceu, os três, talvez buscando uma saída, começaram a pular sobre ele, gerando todo aquele pânico.

Elena, agradeceu ao Zeca o seu “apoio”, preocupada, mas com ar de rizo, levou o Ernesto para casa, lhe deu um banho com água bem quente, fez os curativos devidos no seu corpo arranhado e o deixou descansando. Agora, com a lição bem dada, foi levá-lo ao Posto de Saúde para uma avaliação médica e, somente depois, conversar sobre os problemas.

Ainda abalado pelos últimos acontecimentos, Ernesto, sentado na poltrona da sala, na presença do filho Manuel, ouvia o que Elena dizia, de maneira calma e pausada, com voz firme e clara. – Não cabe agora brigar, ofender ou lamentar os fatos que você, mais uma vez, proporcionou a todos, especialmente a mim, a seu filho e a si próprio.

Não quero pedidos de desculpa ou perdão, não adianta dizer que vai mudar, isto não resolve mais; você está sofrendo muito, sei disso, tenho consciência hoje de sua fraqueza, é muito forte, muito grande, foge a seu controle, é maior que você; por isso mesmo reconheço ser necessário buscar uma outra solução, uma orientação médica, de modo a indicar os caminhos para sua recuperação.

Desde o dia que lhe conheci, tive certeza, você seria o amor de minha vida. Não me enganei, estava certa. Você é um homem bom, trabalhador, honesto, corajoso, eu lhe amo, não quero lhe perder jamais, você sempre terá meu apoio para combater esse mal.

Assim, quero lhe pedir, lhe implorar, a sua colaboração, o seu empenho, a sua FORÇA DE VONTADE para mudar, força de vontade para vencer, vai precisar dela o tempo todo. Ponha isso na sua cabeça, lute por ela e com ela, durma e acorde pensando nela, ela será sua salvação. Estamos juntos ao seu lado, aguardando sua vitória, seu sucesso.

Então, nesse dia de glória, seu filho sorrirá de alegria, eu sorrirei também, você se libertará e voltará a ser o homem que sempre admirei e um dia, eu pensei, um rapaz “belo e vigoroso”.

Fim

DULCINEA DE FÁTIMA SOUZA

dulcineiafatima08@gmail.com

Betim – BH



SINA OU DESTINO

A persistência é o caminho do êxito, e a coragem, a ausência do medo. A vitalidade é demonstrada não apenas pela persistência, mas pela capacidade de recomeçar. A persistência realiza o impossível e leva ao sucesso. Acredite.

Eu me chamo Dulcinea, nascida em 14 de março de 1963, na cidade de João Pinheiro, MG. Me considero uma pessoa de mil e uma utilidades. Sou formada no ensino médio completo e tenho alguns cursos técnicos: Teologia, e atuei como titular por 16 anos, de 30 de janeiro de 2008 até 15 de janeiro de 2023. Hoje, estou auxiliando. Tive a oportunidade de fazer o curso técnico em Enfermagem e sou formada pela TRG (Terapia de Reprocessamento Generativo). Atuo na área ajudando vidas no seu emocional (terapeuta emocional) e amo o que faço.

Nos meus primeiros anos de vida, cresci em uma cidade pequena no interior de João Pinheiro, perto de Brasília, onde desenvolvi o desejo de cuidar de vidas. Despertou-se em mim a paixão de crescer e colocar para fora tudo o que ardia dentro de mim. Digo a você: não desista dos seus sonhos. Enquanto há vida, há esperança.

Educação e Formação

TRG: Terapia de Reprocessamento Generativo: 10 de novembro de 2022

Teologia: 22 de fevereiro de 2003

Técnico em Enfermagem: 06 de setembro de 2002

Doula: Uma mulher ajudando outra mulher, 21 de março de 2001.

Tudo isso me proporcionou uma base sólida para minha carreira.

Quero te dizer que valeu a pena, mas não foi fácil chegar até aqui. O segredo é não desistir. Comecei a trabalhar em uma companhia de eucalipto com 13 anos, com carteira assinada em plantios. Foi árduo. O mais importante é ter fé e determinação. Somos suficientes. Treine sua mente; só vai dar errado se ela permitir. Fui pastora titular, juntamente com meu esposo. Atuei como doula, cuidando de outra mulher no momento do parto, e também na área de técnico em enfermagem. Hoje, sou terapeuta emocional.

Minha família, meu porto seguro

Sou casada há 41 anos com Amacio José, mãe de duas filhas maravilhosas, das quais me orgulho: Débora e Dieise ❤️

Netos: João e Miguel ❤️

Netas: Alexsandra e Júlia ❤️

Bisneto: Ravi Lucca ❤️

Genros: Douglas e Wanderley.

DESTINO REPENTINO

Vem comigo, leitor. Eu e você fazemos toda a diferença. Vou deixar aqui a história de uma mulher que trará muito aprendizado para todos nós. Nascida e criada em Minas Gerais, ela passou por sérios momentos em sua vida, mas com grande persistência conseguiu driblar as provas e humilhações. Foi tudo muito difícil. Casou-se aos vinte anos. Ao longo do relacionamento de união, começaram as lutas: o marido desempregado, ela também, e nesse momento teve que haver diálogo e compreensão mútua entre ambos. O tempo passou, eles deixaram o aluguel e foram morar com os pais, junto com a sogra, uma pessoa que a apoiava em todos os momentos. Não demorou muito para o marido começar a aparecer com dinheiro, mas ele não estava trabalhando. Ela se preocupou e começou a ficar inquieta. Dia após dia, aparentemente, tudo estava bem, mas na verdade não estava.

Chegou um dia em que perguntei a ele: "De onde está vindo este dinheiro, Pedro?". Ele respondeu: "Não se preocupe, apenas use". Para mim, isso não foi uma resposta. Sua mãe, também preocupada, perguntou o mesmo a ele, e recebeu a mesma resposta. Não demorou muito para descobrirmos que ele estava envolvido com coisas ilícitas. Meu Deus! Chamamos, conversamos, mas ele não deu ouvidos. No segundo mês, já estava jurado de morte. Foi triste e preocupante. E agora? Eles se mudaram, e eu voltei para a casa de minha mãe. Eu sempre pensava: "Eu quero e vou ser feliz". Seja determinado, leitor, em ser feliz. Eu acreditava que ele mudaria. Enganei-me. De longe, conversávamos, mas a dúvida me invadia, o medo também. Meus pais sempre me

aconselhavam, e eu estava dividida, mas dentro de mim sabia o que era certo.

Minha sogra me ligou em um determinado dia, chamando-me para ir à casa deles. Tínhamos apenas um ano de casados, mas o medo me invadia, e os conselhos de minha mãe e de meu pai sempre estavam na minha mente. O diálogo era constante na casa dos meus pais: "Seja obediente aos seus pais, a obediência salva vidas". Salvou a minha. Fui convidada para ir na segunda-feira, mas havia combinado de ir ao culto na terça-feira. Quando chegamos da igreja, às 21h30, o telefone tocou. Corri para atender, e era minha sogra dizendo: "Meu filho está morto". Fiquei sem chão e, naquele momento, senti que Deus acabara de me dar um livramento. Seja humilde, peça ajuda se precisar. O coração do ser humano é enganoso. Seja amigo(a) de seus pais, pois eles sempre têm um amor a mais para demonstrar.

Hoje, me casei novamente, tenho uma filha linda e sempre ensino a ela tudo o que aprendi com meus pais. Creio que Deus está no controle da minha família e da sua também, leitor. Não desista, você pode e é suficiente. Tenho uma relação ótima com a minha família. Deixo aqui, em poucas palavras, esse relato eternizado e te digo: faça tudo que puder pela sua família, ela é um projeto de Deus. Aproveitar os momentos é essencial, pois a vida é como um livro, sempre ficará eternizado em forma de lembranças. Todas as vezes que cair ou tropeçar, não desanime. Se for preciso mudar, mude. Enquanto há vida, há esperança. Comece de novo, sempre há um recomeço. Faça por você, seja otimista e coloque sua fé em ação.

Minha jornada não foi fácil. Passei por momentos difíceis, mas acreditei que tudo daria certo, sustentada por Aquele que

nunca falha. Um dia após o outro, Deus sempre esteve à frente, me dando forças para prosseguir, mantendo um espírito positivo para continuar buscando soluções para qualquer problema, e sempre tentando ser melhor do que ontem. É preciso entender que a vida é feita de momentos. Por isso, aproveitá-los é necessário, pois a vida é passageira. Saiba que o melhor está acontecendo agora, nesta oportunidade única. Não deixe ninguém tirar seu sorriso. Tenha ânimo, força e esperança. Acredite que seus sonhos são maiores que seus medos. Atreva-se a viver. Busque, dedique-se, você merece. Eu me atrevi, e estou aqui. Um dia de cada vez.

A turbulência sempre passa; o segredo é não desistir. Quando meu grande amor começou a praticar atos ilícitos, foi triste para todos nós. Fizemos o possível e o impossível para solucionar os problemas. Os pais trocaram as casas, pagaram algumas dívidas dele, mas há coisas que deixam sequelas na vida de muitos. Vale a pena pensar e refletir sobre tudo o que se faz. A vida é composta de paciência, perseverança, diálogo e amor. Por tudo o que passei, usei essas qualidades, e muito mais. Hoje, estou de pé. Priorize a vida, você merece. Vale a pena.

Foi ótimo estar com você nesta coletânea. Até outro dia! ❤️

GABRIEL VIDAL

gaabrieellvidaal@gmail.com

Arroio Grande – RS



“Que as nossas almas se encontrem, se entreguem e se misturem e, guardando a própria identidade, sejam essência e brilho de estrelas iluminando de ambas, o caminho.”

A MUSA E O POETA

O amor deixa rastros por onde passa e, ao tempo que também estático, se faz base de uma fortaleza intransponível.

O amor preenche meu ser a partir da contemplação das constelações distantes, faz-me ver o quanto sou pequeno, um aprendiz sincero... o amor toca minha alma quando me falas da tua percepção de vida.

Ele, o amor, é avalanche, mas também brisa, a todos alcança e recolhe. Alguns se destroem por rechaçá-lo, outros não lhes resistem seu poder curativo... estes últimos conhecem seu alcance e passam a vida toda sob seus ditames.

O amor entre duas almas que se buscam, quem poderia defini-lo? Mas, cuido que importa ser mais que um sentimento, uma razão de sermos hoje, mais elevados que ontem.

Os vínculos que cria no leito do compromisso e da paixão abriga nossos anelos mais profundos, os impulsiona, otimiza.

Tem algo de leveza e esperança, de um sorrir fácil que ilumina e contagia sob um véu sublime de mistério.

Só os enamorados arriscam uma palavra e, sem qualquer devaneio, remetem sua experiência mítica ao caminhar de mãos dadas em meio a bosques frescos e jardins perfumados.

“Minha Deusa, raios solares te envolvem e, reverenciam. Teu olhar cálido me fascina, oferecendo-me com

teu melhor sorriso o infinito por onde ingresso, suavemente, sem pressa de retorno... vão-se nossos pés, depois pelo gramado a quebrar mosaicos, de folhas secas e coloridas, feitos...”

Aos amantes, um dia, lhes sobrevirá a pausa, mas o amor, ah! É o vibrar perene do poeta por sua musa, que nunca muda.

Pela companheira, que permaneceu nos momentos ingratos da tempestade e do açoite, brilham os olhos do eleito ante sua face, que um dia bela, cedeu à imposição inexorável do tempo.

Dissabores, possíveis brigas feias até, sim, são inerentes.

Confiança e segurança se conquistam sobre as brasas ardentes do comprometimento, jamais no gelo seco da indiferença.

A disputa, o controle, a tudo contaminam e não passam de orgulho e vaidade do ego que se perde em labirintos de emoções doentias.

Que as sigam os seres tornados inimigos e adversários na mesma cama, que não percebem no outro sua maior possibilidade de melhor conhecerem a si mesmos.

Os enamorados bailam à música que estimula a vida e orquestra os mundos e, ainda que silentes, cantam diretamente ao coração do outro.

Talvez penses serem minhas palavras utopia e eu te digo: depende.

Depende das prioridades que um dia julgasses inadiáveis e inegociáveis.

Como agistes após largar tua infância e tornar-te um jovem apaixonado pela vida em movimento?

Quando pensavas em buscar alguém para ti, com o que sonhavas? Ter muito dinheiro para conquistar a companhia perfeita, ou ver na bela menina a boa influência e impulsão para teus dias?

Amastes por demais teus próprios problemas e sofrestes a estagnação do teu espírito, ou preferistes, mesmo na refrega do dilema, ser a causa do sorriso de alguém triste?

Viver nesse mundo será sempre um embate violento.

O homem precisa enfrentar incessantemente não só o rigor da Mãe Natura, que muito dificulta seu garimpo, mas ainda mais gravemente seu foro íntimo, nas decisões que toma para a conquista de seus deleites.

Acaso não terás buscado, fremente, posições destacadas e reconhecimento do teu próximo mesmo em detrimento de tua criança interior?

Agindo assim desprezastes a excelência da tua caminhada e perdestes a melhor das oportunidades.

Mas, esta criança pode ressurgir, pois neste momento é ela mesma que se detém lendo estas linhas.

Então perceba, o amor é tangível e possível, é a cura para o teu caminhar aflito e, ainda que possas estar sozinho, renda-lhe o devido culto, pois as emanações de sua grandeza te alcançarão e leves se tornarão teus dias sobre este Orbe.

O amor de Eros paira no ar e está ao redor de todos.

O amor entre um homem e uma mulher... dois seres que se capacitam a transcender a pele na conquista da própria alma, caminhando de mãos dadas nos trilhos da existência.

Impetuosos, alçam-se à altura onde as águias dominam, chegando a distâncias muito além da compreensão do vulgo.

Concordam e da forma mais venerável se acompanham desmistificando o impossível, para um dia caminharem realizados em avenidas pavimentadas a ouro e preciosas pedras, destino a eles preparado desde o amanhecer das primeiras eras.

A alma do poeta e sua inspiração obtida no olhar eloquente de sua musa..., oh! vaso profundo que não cessa de transbordar, alimentando a excelência do viver.

Ainda imprescindível, a gratidão, imensurável bálsamo a conferir o perdão necessário à manutenção da sublime convivência.

Estes seres elevados já conseguem entrever as estrelas que os aguardam, inquietas. Passando pela Terra edificam seus sonhos e de outros inspiram também, o caminhar.

Diamantes lapidados na frágua da temperança, a Musa e o Poeta ganham o Cosmos, dispostos como crianças inocentes que correm tranquilamente brincando sob chuva de tardinhas quentes de verão, finalmente livres.

GICELI SALLES

sallesgiceli@gmail.com
Caçador – SC



A FILHA DO JUIZ

Na tentativa de acertar, infelizmente podemos errar, afinal, errar faz parte do ser humano e no erro podemos aprender. Contudo, quando práticas como a comparação, a imputação, a desobediência, a manipulação, a humilhação e até mesmo a mentira tornam-se comuns entre pais e filhos, significa a aceitação de uma existência marcada por auto-subjugação, segredos e chantagens emocionais.

Uma tarde ensolarada de sábado, Janice entrou em casa carregando uma linda cesta de flores-do-campo, mas ela não tinha ideia de como sua mãe reagiria à notícia. Quando Anne perguntou se as flores vinham de seu affair, Janice respondeu sorrindo que não, de outra pessoa. Ela pediu para entrarem no seu quarto para contar o que tinha acontecido. Apesar de não compreender o que sua filha queria dizer, Anne pensou que Janice poderia estar passando pelo mesmo que ela viveu há 18 anos, quando perdeu a juventude e se tornou mãe e dona de casa, sem tempo para pensar em suas escolhas.

As duas ao entrar no quarto, com o coração palpitante, mãos suadas, pernas bambas, sentaram-se uma de frente para a outra.

— “O que foi dessa vez”? Perguntou Anne.

Janice não sabia como começar, sua voz trêmula falou:

— Eu sei de tudo mãe, não adianta querer esconder.

Antes que sua mãe respondesse, Janice continuou...

— Faz três meses que descobri toda a verdade sobre meu pai.

Anne assustada, encheu os olhos de lágrimas...

— Mas como assim? Quem te contou? Foi a Maria? Paula? O que você sabe? Um turbilhão de pensamentos e sentimentos começaram a surgir em Janice, as lágrimas começaram a cair sobre seu rosto,

— Por que mentiram? Por que nunca me contaram? Todo mundo sabe? Meu pai sabe? Perguntou Janice.

Um abalo emocional afetou sua vida quando sua mãe fez sinal de afirmação. Tudo que ela acreditava, esperava e desejava foi interrompido bruscamente. Essa desconsideração a deixou vulnerável a danos a longo prazo, e ao perceber isso sua reação foi de descrença. Seu sentimento de traição percorreu seu coração, e ela se sentiu objetificada e mal utilizada. Aquela ferida de traição era profunda e deixaria cicatrizes profundas. A negação e a falta de confiança acarretou numa profunda tristeza, dúvidas e incertezas que pareciam impossíveis de serem superadas.

Janice era a filha mais velha com a segunda mulher e seu pai, e mais três irmãos com a primeira mulher.

Tudo começou quando Janice queria realizar o seu maior sonho: a primeira filha a ingressar em uma Universidade.

Janice, uma jovem incrivelmente bonita e dotada de uma inteligência fora do comum, sonhava em ter autonomia financeira para não depender como sua mãe, vítima dos gastos absurdos de seu pai com as amantes e os filhos mais velhos. A sua mãe, Anne, vivia em constante desequilíbrio emocional, pois não admitia que estava vulnerável ou sofrendo de problemas psicológicos e emocionais. Essa infelicidade era tanta que afetava todos os seus relacionamentos. Foi então que ela conversou com Janice, explicando que devido às circunstâncias familiares era improvável que ela pudesse realizar seu sonho de estudar, pois seu pai não iria

pagar a faculdade. Porém, se algo acontecesse com ela, Anne explicou para Janice que ela deveria procurar um certo João Carlos da Rosa, um grande amigo da família, que possuía enormes recursos e era juiz da cidade.

Janice tenta argumentar e questionar sobre esse homem... - "Amigo? Como assim?" Mas não teve êxito.

Anne se calou em lágrimas e não revelou mais nada.

Passados alguns meses, com a história de Janice ecoando na sua mente, ela decidiu não abrir mão de seu sonho, embora sua mãe não aprovasse. Ela foi morar com uma amiga em outra cidade para se preparar para o vestibular, cuja amiga cursava medicina. A questão era: "Como saber se meu pai é meu pai biológico?". Naquela época, o teste de DNA ainda não havia sido inventado.

Janice teve uma ideia brilhante, e criou uma história onde o Colégio dela precisava da tipagem sanguínea de toda a sua família, pois eles não moravam mais no mesmo estado. Ela então telefonou para sua mãe para informá-la, a fim de repassar esses dados para o Colégio. Quando ela conseguiu todos os requisitos, disse para a amiga verificar a tipagem sanguínea de todos os familiares, e não coincidiu com a do seu pai. Seu mundo desabou...

A notícia a abalou muito. Pensar na hipótese de ter um novo pai é uma coisa; ter a confirmação de que ele é de fato seu progenitor, é outra. Janice sempre se sentiu distante de seu pai, mesmo quando ele cumpria com todas as responsabilidades financeiras, como sustento, roupas, casa, saúde e educação. Porém, o elo de amor e respeito entre eles era algo inexistente. Todavia, ao pensar sobre aqueles detalhes, começou a fazer sentido. Janice e seu pai não se pareciam fisicamente, eram diferentes psicologicamente e, de certa forma, sua mãe era manipuladora ao tentar forçar seu

pai a proporcionar-lhe tudo o que ela precisava. Agora, ela precisava de evidências para ter certeza de que essa história era verdadeira, então resolveu voltar para sua cidade.

Assim que concluiu os seis meses de cursinho, voltou para a cidade natal que ficava no interior do sul. Não contou nada a ninguém do seu segredo.

Após dois meses descobriu o telefone daquele “amigo de sua mãe” e ligou: -“Por favor, quero falar com João Carlos”?

— “Pois não, é ele”.

— “Aqui é Janice Peeper... Alô? Alô? Você sabe quem eu sou?? Alô”?

— “Sim, me passa teu telefone e daqui a dois dias estarei na sua cidade e conversaremos, pode ser?”

— “Sim... eu aguardo o senhor ligar”.

Janice ficou chocada ao descobrir que aquele homem sabia de tudo e que já a conhecia, seu coração disparou, não pode conter as lágrimas... mal podia esperar para conhecer a sua verdadeira identidade. Foi tudo muito depressa, era sábado, o telefone tocou, e marcaram o encontro num café conhecido da cidade.

Janice estava muito nervosa, saiu do trabalho que começara recentemente e chegou meia hora antes no local combinado, sentou numa mesa do fundo, ao lado direito, não tinha nenhuma foto dele, não tinha ideia de como identificá-lo, todo homem que entrava no local, ela olhava ansiosa para a porta.

Assim que ele entrou no café, olhou e foi encontrá-la, achou parecida com sua mãe. Chegou e disse:

— Oi, eu sou o João, seu pai...

Janice tinha se distraído... ela olhou, se levantou da cadeira imediatamente, e disse: - Oi... com os olhos cheios de lágrimas e

um sorriso disfarçado de canto, o abraçou com suas pernas trêmulas.

Os dois sentaram meio sem graça... ela tinha tantas perguntas para fazer, tantas coisas para dizer, mas seu coração estava tão acelerado, a ansiedade era tanta que não conseguia falar uma palavra.

Então ele começou a relatar o romance que teve com sua mãe...

Os dois se relacionaram por quase dois anos, entre idas e vindas, passou um período grávida com ele, mas Janice nasceu quando o casal estava separado. Por nove meses pagou pensão e tentou reatar o seu relacionamento.

— “Sua mãe foi o grande amor da minha vida”. Mas Anne conheceu Olavo, que também estava separado de sua mulher, que fugiu com outro homem deixando seus três filhos pequenos, e os dois começaram a namorar. Neste período, passei no concurso para Juiz, fui embora da cidade, conheci minha esposa atual, e tive dois filhos. Você tem mais dois irmãos. Disse João.

A verdadeira identidade de Janice estava sendo revelada, parecia um filme... olhando para ele, compreendeu todas as vezes que perguntavam para ela de quem eram os seus “lindos olhos azuis”.

Era impressionante como algumas características eram marcantes, a maneira de pensar, o jeito de olhar, enfim, as emoções estavam à flor da pele.

— “Minha esposa, não pode saber desse encontro e nem meus dois filhos, seus irmãos”.

— “Mas como assim? Eu não tinha mais de um ano quando o senhor a conheceu?”

— Sim, todos sempre souberam, que um dia você poderia aparecer, mas minha esposa nunca aceitou essa hipótese, pois sempre desconfiou que você não fosse minha filha. Vou tentar falar com ela em um momento oportuno.

— “Ok, sem problemas.” Também não quero criar conflitos entre vocês, e nem para a minha família. Não quero que meu pai saiba, que descobri toda a verdade.

Janice estava radiante de felicidade, pois descobriu sua verdadeira ascendência. O seu pai parecia muito bom, e ambos planejavam seu futuro como pai e filha, mantendo constantes contatos por telefone, apresentando-a aos seus amigos, oferecendo-lhe presentes e aconselhando-a quanto à carreira que gostaria de escolher, algo que seus pais não conseguiam fazer.

No mês seguinte, ele veio visitá-la de novo e eles se encontraram na residência de algumas de suas amigas. Ela ainda não conseguia se dirigir a ele como 'pai', na verdade, não sabia como se dirigir a ele. Apesar disso, sentia imensa amizade e admiração, afinal ainda estavam se conhecendo.

No seu terceiro encontro, combinaram um jantar na casa de uma amiga. Depois de encerrar seu expediente de trabalho, Janice recebeu uma encantadora cesta de flores que seu pai havia comprado especialmente para a sua bela filha primogênita assim que chegou à cidade.

Naquele dia Janice resolveu contar tudo o que estava acontecendo para sua mãe...

Anne, não conseguia acreditar no que estava ouvindo, jamais imaginava que esse segredo fosse descoberto por sua filha. Seu coração estava saindo pela boca, seus pensamentos

acelerados... só pensava em como se proteger -“E agora meu Deus? Como vai ser? O que foi que ele disse para ela?”.

Incapaz de reconhecer os direitos de Janice, como se nada fosse mais importante do que seus próprios problemas, planos e desejos.

— “Teu pai não pode saber que você descobriu, eu falei que nunca iria contar. Ele está na cidade? E o que ele quer”?

— “Sim está aqui, vamos jantar depois na casa da Flávia, veio me ver”...

Por viver mascarando suas próprias vulnerabilidades a fim de emanar uma aparência de perfeição, a verdade estava sendo cruel para Anne, que evitava avaliar sua condição de forma genuína “como o diabo foge da cruz”. Talvez por sentir vergonha e diminuída, sobretudo quando perante o risco de suas vulnerabilidades serem expostas.

— “Ninguém pode saber, que você descobriu a verdade, não quero que toque nesse assunto com ninguém”.

Como tinha o hábito de negar ter qualquer tipo de problema, optou pelo escapismo com a finalidade de proporcionar um alívio rápido e imediato ao seu caos interno, reagiu de maneira fria e indiferente ao sofrimento ou alegria de sua filha.

Naquela noite, Janice estava tão confusa que nem conseguia se concentrar na conversa. Os pensamentos que passavam pela sua cabeça eram mais do que um desconforto. Ela contou ao seu pai biológico o que estava acontecendo, mas ele simplesmente a ignorou. Para piorar, não deram o menor entusiasmo pela alegria que ela sentia. Janice ficou aborrecida com a situação; ela percebeu que ninguém a considerou, tampouco reconheceu os erros de sua

mãe por contar mentiras todos esses anos e de seu pai por ter sido incapaz de lidar com a existência de uma filha.

Os dias foram passando, o pai biológico aproveitou a oportunidade e se afastou, na verdade, se aproximou com o intuito de saber suas intenções.

A mãe a convenceu, durante anos de persuasão, a perder o seu reconhecimento como filha legítima.

Colocava a máscara de mãe-coitada e usava de todos os recursos disponíveis para depreciar a sua imagem. Protegida pela instituição de "mãe" e com a ajuda de chavões do tipo "Eu fiz o melhor que eu pude", projetava uma imagem de mártir para convencer a todos de suas supostas boas intenções e total inocência.

Às vezes, a vida dá aos pais a oportunidade de se responsabilizarem por seus erros no passado e adquirirem consciência, a fim de buscar a melhora. Infelizmente, nem todos os pais têm a capacidade de fazer o certo para seus filhos. É uma realidade triste, muito mais comum do que imaginamos. Muitos utilizam os seus próprios filhos para suprirem necessidades pessoais, encarando-os como objetos e roubando-lhes a chance de serem quem são. Os pais saudáveis, contudo, são aqueles que atendem às necessidades emocionais e físicas dos seus filhos, servindo como fontes de água pura, do qual seu rebento pode beber constantemente para a construção da sua identidade, moral, valores e autoestima. O que restou de dano emocional para Janice? Se seus pais não se importam, para que se preocupar?

Janice caminhava em direção a um futuro melhor, abafando a dor que carregava, com um nó na garganta. Ela esperava que um dia seria reconhecida e que seus pais pudessem aprender com seus erros. Todos cometem erros, no entanto, algumas pessoas insistem

em acreditar que estão certas mesmo quando provas sugerem o oposto. Reconhecer, compreender e comprometer-se com a melhoria e a mudança requer sinceridade, humildade e, acima de tudo, coragem. Aparentemente, admitir um erro é visto como uma fraqueza, mas, na verdade, é um sinal de grandeza e caráter que, com certeza, abrirá caminhos para o sucesso.

GILSON GÓIS

gilsongois@gmail.com

Campo Mourão – PR



ASTRONAUTA DE OCASIÃO

A cadeira de rodas agora me parece algo tão natural e confortável... há um mês não existia nada disso, apenas planos e mais planos. Minha mente ainda sob efeito do que restou das drogas do tratamento, como num insistente despertar, insiste em tentar organizar os fatos que mudaram minha vida.

Na roda-viva de iniciar um negócio após me aposentar, bum! Explode uma bomba: testei positivo para COVID. Mas como, eu praticamente não saía de casa. Era um tal de máscara, distanciamento, álcool gel. Nada disso adiantou. Estava tudo bem, do nada, uma ardência na garganta, muito estranha. Tentei manter o otimismo, fui para a UPA, três horas para ser atendido. A médica me examinou e sentenciou: “95 por cento de ser COVID!”

Fui medicado, coletaram meu material para o exame. Teria que aguardar 5 dias para saber o resultado. Agora isolamento, separar as coisas da mulher, dormir na sala, etc., mas eu estava bem. Sombras pessimistas insistiam em fazer cócegas numa mente predisposta e uma ironia me incomodou: perdi a vacina como funcionário público da saúde por 10 dias. Um medo percorreu todos os hemisférios do meu ser. E se eu não tivesse me aposentado, tinha tomado a vacina em fevereiro. Tentava organizar meus pensamentos para o lado positivo.

Saiu o resultado oficial eu era estatística: positivou. Grande coisa, pensei. Estou ótimo... só que uma assombração me incomodava.

A quarentena passou rápido. O protocolo era taxativo: 14 dias de isolamento. Quando passou do décimo eu já estava muito tranquilo, passei duas noites com uma febre muito estranha nos

três primeiros dias, continuei usando a medicação numa boa e só melhorei. Final feliz à vista!

Eis que amanheço no penúltimo dia da quarentena. Era 8 de maio de 2021. E algo estava errado. Não sabia o que era. Mas tinha algo errado. Tinha um medo dentro de mim, uma ansiedade inexplicável. Eu estava bem, mas faltava alguma coisa. Liguei para uma de minhas irmãs, que tinha pegado a doença fazia um mês, não precisou de internamento, porém ainda estava em tratamento:

“Oi mana, tudo bem? Acho que segunda-feira vou voltar na UPA.”

Ela nem deixou que eu terminasse a informação:

“Nada disso, se você está sentindo algo estranho, vai agora, meu médico disse que essa doença é muito perigosa, que causa danos rapidamente, se a gente não agir na hora certa.”

Conversei mais um pouco, desliguei e resolvi ir até à UPA.

Fora 4 horas horríveis até eu ser atendido. A UPA de Campo Mourão parecia um hospital de guerra, pessoas amontoadas tentando se distanciar... uma aura de medo pairando sobre todas aquelas vidas em perigo.

Finalmente o sistema me chamou pelo serviço de som. Era mesma médica que me atendera antes do exame, me examinou, fez um monte de perguntas e sentenciou:

“O senhor vai ter que fazer uma tomografia e um exame de sangue e em seguida volte aqui com os resultados para eu ver os resultados e conversarmos.”

Recepção da UPA, ouvir orientações. Sair loucamente para fazer os dois exames. Primeiramente a tomografia. Assustador aquilo. Acabou o exame, o técnico me revelou que o exame iria diretamente em linha para a UPA. Voltando à rua até o laboratório,

cuja funcionária, por telefone, combinou de ir abrir só para me atender. Tempos difíceis e assustadores gera, em alguns, solidariedade.

Dezoito horas retorno ao ambulatório com o exame de sangue em mãos. A médica abriu o laudo, pensou, ficou em silêncio. Abriu o monitor para ver o resultado da tomografia e revelou:

“O senhor está com dezenove por cento do pulmão tomado.”

Ouvindo aquilo, minhas apreensões foram embora por um instante. Minha irmã, franzina e cheia de comorbidades, chegou a estar com quarenta e cinco por cento do pulmão tomado e estava apenas sendo medicada na unidade de saúde.

Sorri e perguntei:

“E agora, o que acontece?”

A resposta foi um soco no estômago:

“Vou internar o senhor para observação.”

De imediato, retruquei, contando a história de minha irmã, mas ela balançou a cabeça e me devolveu as apreensões e dúvidas, dizendo:

“Cada caso tem sua particularidade e apesar de seu pulmão estar só 19% tomado, o oxigênio circulante no seu organismo é de apenas 36%.”

Nós nunca estamos preparados para receber notícias ruins. Um calafrio passeou pelo meu corpo, mas um otimista ainda estava vivo lá no fundo. Pensei, lá por segunda-feira, máximo terça, devo estar de volta em casa.

Lá fui eu para o internamento. No primeiro dia foi como estar forçadamente num retiro ou coisa parecida. Pensava é só esperar o tempo passar e logo voltarei.

Dois dias depois, minha internação para observação, foi transformada em uma transferência implorada pelo sistema. Conseguiram uma vaga em Colorado. Eu achava que estava tudo bem, mesmo sabendo que não estava. Era esse mesmo o sentimento, por mais ridículo e antagônico que possa parecer.

Deste momento em diante, uma certeza me sussurrou calmamente aos ouvidos: você vai morrer!

E contrariamente a minha imaginação, não tive nenhum tipo de desalento ou desespero. Só uma assustadora resignação aliada a uma revolta contida. Mas eu me transformei num “Homus ironicus”. Sei que o termo não existe, mas eu virei uma metralhadora de cinismo e ironia em relação a tudo que acontecia. Era uma brincadeira de mau gosto comigo, eu morrer daquela forma. Mas eu não tinha as regras do jogo, só podia jogá-lo. A explicação que encontro para aquela transformação nojenta que aconteceu comigo.

Por volta das quinze horas partimos para Colorado. Chegamos quase as dezoito. Aguardei na ambulância até o entardecer, pois aconteceu um acidente entre dois ônibus e o hospital estava cheio. Nem respirava direito, mas comecei a rir. O enfermeiro e o motorista perguntaram do que eu ria. Eu só respondi que era coisa minha. Mas eu estava numa resenha irônica com Deus: “Está me punindo né? Vão me devolver para Campo Mourão, para onde não tem lugar para me atenderem, é isso que o Senhor vai fazer comigo?”

Mas meus devaneios foram desmentidos. Meia hora depois fui admitido no Hospital Santa Clara. Mas a certeza de que eu iria morrer só aumentava... e eu já estava conformado. Juro!

Fui para a enfermaria. Só piora. A tão temida entubação passou a flertar comigo. Na segunda noite ela parecia que iria me conquistar, fui para UTI...

No amanhecer do outro dia, acordei melhor, sem máscara, sem acesso venoso. E logo apareceu uma equipe médica. Uma médica morena e franzina, veio falar comigo:

“Bom dia seu Gilson, como está?”

Eu respondi estar bem, ela se apresentou:

“Eu sou médica, meu nome é Alana.” E foi direto ao ponto: “Além de médica, também sou funcionária da NASA e queremos contratar o senhor.”

De imediato, achei que era uma piada, mas ao olhá-la assustado, ela completou:

“É para uma pesquisa sobre COVID, enquanto terminamos o seu tratamento o senhor pode nos ajudar com dados que estamos estudando com pessoas portadoras do vírus.”

“E o que eu preciso fazer?” Perguntei. Ela respondeu com uma voz confortante e hipnotizante:

“O senhor só tem que ir conosco para o espaço!”

Continuava parecendo uma piada. Eu banquei o sabichão:

“Mas doutora, eu não tenho treinamento de astronauta, tem que ter um preparo absurdo para ir ao espaço!”

Ela parecia ter todas as respostas. Respondeu confiante:

“Já fizemos alguns testes e acreditamos que o senhor é a pessoa certa, seu pagamento será feito por cheque nominal, em dólar. Se concordar, basta assinar este contrato!”

Tinha algo de hipnotizante nela, docemente hipnotizante e que passava uma confiança sem medidas. Assinei o contrato e viajamos até a base. Eles cuidavam de mim como um cristal que não podia se quebrar, mas estranhamente, só a doutora Alana falava comigo. Os outros só sorriam. Achei que eles deviam ser gringos.

Fomos ao espaço cinco vezes. Foi a coisa mais fantástica que aconteceu na minha vida. E eu estava cheio de orgulho. Nunca sonhei com aquilo, mas a oportunidade apareceu e eu sabia que muitas pessoas que sonharam tanto com aquilo não conseguiriam. Eu não sonhara, mas estava aproveitando muito. E sempre durante todas as viagens, doutora Alana olhava para mim e perguntava carinhosamente:

“Tudo bem, seu Gilson?”

Eu sempre respondia animadamente que sim. Mas na volta de nossa última viagem, ela me fez a tal pergunta, eu olhei para a parede da nave que refletia nossas imagens como um espelho. Não consegui responder. Parecia estar congelado, preso naquele reflexo, imóvel. E a imobilidade do reflexo causava minha imobilidade externa. Ela disse para os outros ajudarem a me atender...

Despertei no hospital, pensei: passei mal na viagem, mas parece que está tudo bem. Olhei para o lado, minha mulher estava comigo...

Eu não entendia nada, estava feliz e confuso. No outro dia me deram alta. Eu continuava confuso, mas era só orgulho. Eu trabalhei na NASA, repetia para mim mesmo e, infelizmente, para todo mundo que conversa comigo.

Naquela tarde estava em casa, ainda confuso, tudo era estranho, a casa, tudo. Mas as pessoas eu conhecia. E contava sempre que podia: eu trabalhara na NASA!

Mas minha realidade era complicada, estava fisicamente comprometido, quase em estado de invalidez. Eu era o inválido mais orgulhoso da Terra.

Faz alguns minutos, na cadeira de rodas, repentinamente, uma epifania: não houve viagem ao espaço, não houve NASA. Que vergonha! Chamo minha mulher, digo a ela decepcionado:

“Acabei de descobrir uma coisa!”

“O que você descobriu?” Ela perguntou.

“Tudo estava na minha cabeça, não tem nada, esquece a caixa de correspondência, não vai ter nenhum pagamento.”

Ela suspirou aliviada, sorriu, me abraçou e disse:

“Finalmente, bem-vindo de volta à Terra, meu amor!”

E me deixou sozinho com uma vergonha que não tenho como medir.

HÉLIO CERVELIN

heliocervelin@gmail.com

Florianópolis – SC



UMA HISTÓRIA DE AMOR NÃO ROMÂNTICO (ORLANDO E MARIA DOLORES)

Orlando era um rapaz sofrido, de família humilde, numerosa e temente a Deus e orientada pelos princípios católicos. Vivera no campo até os seus doze anos de idade e nunca faltara à reza do terço dominical de sua pequena comunidade distante, localizada no interior de um extenso município do Meio Oeste de Santa Catarina. Lá, as missas só aconteciam eventualmente, pois a Igreja católica não dispunha de muitos padres para rezá-la, e a prioridade era concedida às comunidades mais numerosas. Foi dessa pequena vila que saiu, aos quatorze anos de idade, para poder frequentar o curso ginásial (o que hoje é o Curso Elementar 1º grau), e por conta disso, havia morado em diversas casas de famílias da cidade, completamente estranhas para ele, especialmente por tratar-se de um "matuto" que muito pouca gente via além de sua família, a não ser nas festas do padroeiro da capela e das quermesses anuais organizadas pelo seu pai, que era o líder daquela comunidade.

Mas esse tempo já passara, e na década de 1970 ele vivia na capital do estado, onde esses acontecimentos se desenrolaram. Aos trinta anos, depois de concluir os estudos até o Segundo Grau, tendo-se formado Técnico Contábil, e de passado por muitos problemas de saúde, pensou ter encontrado - se não o seu grande amor - talvez uma mulher que poderia trazer-lhe paz em sua vida atribulada. Em suas andanças chegou a morar em uma república estudantil, em Curitiba, e a trabalhar destacado para as cidades de Porto União e Indaial, ambas em Santa Catarina, chegando a

apaixonar-se mais de uma vez, mas os romances chegaram ao fim, geralmente devido às mudanças de uma cidade para outra.

Após seis meses de namoro e uma afinidade crescente com Maria Dolores, decidiram-se pelo noivado. Ele sabia que ainda não a conhecia muito bem, mas algo que lhe dizia que poderia confiar nela, pois havia notado vários indícios de que poderia tornar-se uma boa esposa. Estava ciente também de que não a conhecia tão bem a ponto de assumir um compromisso dessa envergadura, mas, ao lembrar-se das cansativas andanças que tivera na vida, sentiu-se e ansioso por ter seu próprio lar. E começou a levar o relacionamento a sério.

Maria Dolores era uma moça recatada, sem muitos estudos, a não ser o segundo grau completo. Pelos poucos relatos sobre sua vida, foi possível a Orlando perceber que ela não tivera uma boa preparação em seus estudos. Ela não era de muito falar e também não demonstrava muitos conhecimentos. Orlando constatou então que Maria Dolores não era refinada na língua portuguesa, ao contrário dele, sempre muito atento aos acontecimentos mundiais e cuidadoso no vernáculo. Orlando tinha orgulho de seu próprio desempenho, considerado acima da média em seus estudos, desde a infância, quando sempre tirava boas notas, especialmente em Língua Portuguesa e outras disciplinas, como História, Geografia e Artes. Os estudos o deixavam fascinado, pois, através deles, viajava no espaço e no tempo ao tomar conhecimentos dos pontos geográficos e da história dos povos, bem como ao fazer os desenhos solicitados pela professora, sempre elogiados. Naquela época não havia televisão, apenas o rádio em ondas curtas, onde seu pai ouvia músicas caipiras, programas políticos e o indispensável Repórter

Esso, o qual trazia uma resenha diária dos acontecimentos do Brasil e do mundo.

Conheceu Maria Dolores, uma jovem esbelta, de baixa estatura, pele morena e longos cabelos castanhos e ondulados e que trabalhava em uma lanchonete que ficava no trajeto entre sua casa e o seu trabalho. O encontro, propriamente dito, ocorreu quando numa tarde de verão, e curioso para conhecer a moça, Orlando decidiu tomar um lanche. Bastante inseguro, conseguiu falar com ela e marcar um encontro para o dia seguinte, para "bater um papinho". Achou que ela não iria aceitar, mas não foi o que aconteceu, e no dia seguinte lá estavam eles, numa praça, conversando sobre suas vidas, trocando informações, conhecendo-se melhor. Assim começou o seu relacionamento, facilitado pelo fusca ano 1967 que Orlando possuía e que utilizou para levá-la a passeios na praia e ao cinema. Cinco meses depois estavam noivos.

Passaram-se mais três meses após o noivado e os preparativos do casamento estavam completos. Chegara a hora do firmar o compromisso. O casamento seria realizado na Igreja do Divino Espírito Santo, e aconteceria no dia de São João. Dos oito irmãos de Orlando, apenas três compareceram ao seu casamento. Pelas modestas condições financeiras e pela distância que residiam, no Oeste do estado do Paraná, os demais não se fizeram presentes.

Após seu noivado com Maria Dolores, Orlando mudou de emprego, passando a trabalhar em um banco, e seu salário melhorou consideravelmente. Ali conheceu Débora, uma colega muito bonita, culta e simpática que mexeu com o seu coração. Ela começou a jogar um charme para ele, deixando-o seriamente confuso. Por que ela foi surgir agora, depois que ele já firmara

compromisso com Maria Dolores? Ele começou a se questionar se não teria sido muito afoito ao marcar a data do casamento.

Débora e Orlando trabalhavam lado a lado, e ela fazia questão de jogar seu charme todos os dias para cima dele. E a afinidade entre ambos crescia cada vez mais. Ela tentou mais de uma vez sair com ele, mas ele sempre resistia e manteve-se firme em seu compromisso. A tentação era enorme, contudo, ele não queria trair Maria Dolores. Sentiu que, se cedesse à tentação, seu noivado estaria em perigo e ele poderia perdê-la para sempre.

Embora considerasse Débora uma mulher e tanto, e por várias vezes tivesse balançado e pensado em ceder aos seus encantos, não se deixou levar. Muitas vezes teve vontade de beijar seus lábios, afagar seu rosto, abraçá-la e dizer-lhe: "Dane-se o meu casamento! É com você que eu quero namorar". Mais de uma vez tivera a oportunidade de ir com Débora para um motel e matar seu desejo de conhecê-la intimamente.

Assim, Orlando foi resistindo às tentações e marcou a data do casamento. Manteve segredo, pois não tinha intimidade com nenhum colega de trabalho. Até que um dia, um amigo e cliente esteve no banco e comentou, na presença de Débora:

- E aí, Orlando, então quer dizer que o casamento será daqui a um mês?

Orlando sorriu amarelo, pois ao seu lado estava Débora, que o olhou com os olhos arregalados, empalidecendo de imediato. Parecia que iria desmaiar. Orlando também ficou desajeitado, pois, embora tivesse aquela tentação de namorá-la, estava há muitos dias pensando numa forma de dizer a Débora que não poderia assumir nada com ela, pois não queria quebrar a promessa de casamento

que fizera a Maria Dolores. E, bastante constrangido pela situação, respondeu, ao amigo: - É verdade, falta pouco mesmo!

Assim que conseguiu refazer-se da decepção, Débora, ainda com semblante perplexo, mas tentando transparecer naturalidade, cumprimentou Orlando e comentou em tom de brincadeira e com a voz embargada:

- Quer dizer que você vai se casar e não ia contar nada para nós? Parabéns e muitas felicidades!

Depois daquele dia, Débora tornou-se mais triste, mas continuou sua rotina, enquanto Orlando estava cada vez mais apreensivo por causa do casamento. E não conseguia esquecer-se do rosto de Débora, do impacto que ela sofrera ao saber do casamento. E ele também, a partir daquele momento, começou a refletir mais ainda sobre o que estava fazendo, se seria a coisa certa. Afinal, depois da experiência que tivera com suas cunhadas, casadas com seus irmãos mais velhos, as quais considerava autoritárias e pouco amorosas, interesseiras mesmo, sempre tivera "um pé atrás" com o casamento.

O tempo passou e Orlando já estava casado, e era pai de três meninas, todas lindas. Um dia, com a caçula no colo começou a imaginar como seria sua vida se tivesse cedido à tentação de Débora e tivesse cancelado esse casamento. Quem vai saber? Será que existe mesmo quem consiga prever o futuro, antecipar as coisas que irão acontecer? Orlando não se sentia feliz, pois conseguiu conhecer melhor Maria Dolores e descobriu que ela não era a mulher que imaginou que seria. No que tange ao relacionamento do casal, sentia nela rispidez, autoritarismo, falta de carinho e concluiu ser ela igual às suas cunhadas que ele reprovava. No mais era uma esposa fiel, organizada, zelosa com as crianças e com a

casa, mantendo tudo em ordem, roupas limpas e as meninas arrumadas e bem cuidadas. Ela também foi solidária quando Orlando decidiu fazer o cursinho pré-vestibular, tomando conta da casa, enquanto ele trabalhava o dia inteiro no banco e, à noite, por seis meses, frequentava o curso. Depois disso, passou no vestibular da Universidade Federal de Santa Catarina e começou a fazer o curso de graduação em Ciências Contábeis, sempre à noite, durante seis anos e meio.

Trinta anos depois, as filhas estão casadas, sendo que uma delas lhes deu um neto; a mais velha lhe deu duas netas lindas, e a caçula, outro neto, sendo agora avô de quatro belas criaturas. E a vida seguia com oscilações entre bem-estar e dificuldades, alegrias e tristezas, entendimentos e desentendimentos, até que Maria Dolores partiu, vitimada por um câncer pulmonar fulminante, após quarenta e três anos de convivência sem romantismo e com muito pragmatismo.

JOANA PAGLIARINI

aedocar2022@gmail.com

Porto Alegre – RS



PROPOSTA TRANSDISCIPLINAR MÉTODO AEDOCAR E A HORTOTERAPIA

Meio Ambiente, Sustentabilidade
Inclusão e Ressocialização.

A necessidade da transdisciplinaridade decorre dos conhecimentos, da cultura e da complexidade humana. A interação e o reconhecimento valorizam as características e habilidades do aluno/estudante e indivíduo privado de liberdade e sua família, respeitando os direitos individuais na execução dos deveres individuais e coletivos na sociedade, incluindo o meio ambiente. Já a Hortoterapia com o método AEDOCAR estimula a memória e aumenta o foco, o bem-estar e a capacidade de autocontrole. Além disso, a jardinagem, o cultivo de plantas medicinais, legumes, verduras, árvores frutíferas, etc. em grupo promove a comunicação e a interação, preparando o indivíduo para retornar a sociedade com algum conhecimento sobre autossustentabilidade e empreendedorismo, bem como autoconhecimento, autocuidado e comprometimento.

Considerando a Lei 12.187, de 29 de dezembro de 2009, que instituiu a Política Nacional de Mudança de Clima, com diretrizes ao estímulo e apoio à manutenção e promoções de padrões sustentáveis de produção e consumo e como um de seus instrumentos à adoção de critérios de preferência nas licitações e concorrências públicas para as propostas que propiciem maior economia de energia, água e outros recursos naturais e a redução da emissão de gases de efeito estufa e de resíduos; e o disposto na Lei 12.305, de 2 de agosto de 2010, que institui a Política Nacional

de Resíduos Sólidos e Decreto 7.407, que regulamenta a supracitada Lei.

A realidade da vida não é fragmentada, nem dividida em disciplinas, e uma educação de qualidade requer um ensino que envolva a compreensão do ser, da vida, da cultura, em suas relações e inter-relações. Dessa maneira, a escola assume um papel fundamental de preparar o educando para a vida em sociedade.

Diante dessa realidade destaco a necessidade de mudança da forma de pensar o acolhimento e a educação, reformar um pensamento é um problema paradoxal, pois para reformar o pensamento é necessário antes de tudo reformar as instituições que permitem esse novo pensar. Mas para reformar as instituições é necessário que já exista um pensamento renovado. Este não deve ser ultrapassado, deve começar por movimentos marginais, movimento piloto pelas universidades e escolas de boa formação. O grande problema é a reeducação dos educadores. Ao constatar a necessidade de aprimorar as relações individuais e em grupo, significa sair da rotina e investir em novas tecnologias, metodologias, autoconhecimento, autocuidado, incluindo o comprometimento individual em prol de um conjunto de fatores que devem nortear essa nova forma de pensar o mundo do ensino e da inclusão. Desenvolvi uma nova metodologia que tem auxiliado em momentos de grandes dificuldades dentro da sala de aula.

O método AEDOCAR voltado para o autoconhecimento, autocuidado e comprometimento individual. Contempla 7 passos dentro da hortoterapia para o tratamento da ansiedade e depressão. É um processo que mostra a importância do autocuidado para a AÇÃO de mudança de hábitos, diferentemente

de outros tratamentos para ambas, ele trata o indivíduo alimentando a vida emocional, física, intelectual, social e Espiritualmente enquanto trabalha com a sustentabilidade, educação ambiental, inclusão e na ressocialização.

A horta é um antídoto, que pode ser usado como um refúgio, para o “eu exausto”. Alain Ehrenberg (Sociólogo francês)

O desenvolvimento sustentável também pode passar pela conscientização da importância das relações humanas saudáveis e com a natureza. Criar a reconexão do indivíduo com a terra através da compostagem, do cultivo em pequenos espaços, da hortoterapia (método AEDOCAR) nas hortas domésticas, comunitárias, escolares, etc. plantando chás, verduras, legumes, árvores frutíferas, plantas PANC (plantas alimentícias não convencionais) amplia o desenvolvimento social através do acesso à alimentação saudável, melhorando a saúde como um todo. Qualifica a convivência em grupo, a educação inclusiva, a educação ambiental, a ressocialização e principalmente a cultura da paz.

Do ponto de vista filosófico, as emoções são consequências desencadeadas a partir de ações ou percepção interpretadas através do conceito do bem e do mal, da felicidade e do sofrimento, do certo e do errado, etc. E em muitos casos atrelados a leis civis, contudo, não é uma regra. A moral é formada por normas adquiridas através da cultura, tradição, acordos e cotidiano do comportamento do ser humano em uma sociedade específica. Ou seja, os valores morais vigentes no Ocidente podem não ser os mesmos no Oriente, existindo grandes diferenças entre os atos que são tidos como morais e imorais entre as sociedades que pertencem a cada região. A compreensão do método assegura o entendimento de que é possível a reconexão do indivíduo com o universo e a natureza.

Essa nova complexidade exige tecer os laços entre a geográfico, histórico, o biológico, as linguagens, o matemático, a sociedade, o meio ambiente com a parte espiritual ou o sagrado, devendo também ser reconhecidos. Informar a importância da valorização dos pontos positivos nas ações diárias no espaço de convivência individual e coletivo, aumenta a autoestima dos alunos/estudantes e demais indivíduos interessados no tratamento da ansiedade e depressão com a hortoterapia e o método AEDOCAR. Este processo reforça os valores éticos e morais, bem como aprendem a falar das suas emoções e dificuldades, atingindo assim a vontade de melhorar, a qualidade de vida, começando com a execução das atividades rotineiras em prol do fortalecimento das relações humanas, para a mudança de vida e o retorno, para a convivência familiar e em sociedade.

Nesta prática, não existem fronteiras entre as disciplinas, e este olhar múltiplo, permite ao educando uma interação de saberes, entre as inúmeras faces de compreensão do mundo, e um movimento de reflexão e cooperação para que se chegue ao objetivo principal que é o conhecimento, o AUTO-CONHECIMENTO e o AUTOCUIDADO. No que se refere à metodologia transdisciplinar para a abordagem e análise de fenômenos estudados em vários campos do conhecimento, pressupõe-se que nenhuma outra metodologia seja excluída (KORTE, 2007). Portanto, a atitude transdisciplinar tem como prática integrar todos os métodos, no qual os mestres são livres para escolher material didático, métodos de ensino e de avaliação, ou seja, eles decidem como ensinar e também analisam a qualidade de seu próprio trabalho.

Essa metodologia de ensino aliada a HORTOTERAPIA com o método AEDOCAR proporciona mais autonomia aos

alunos/estudantes, uma vez que a educação tem relação direta com a visão de mundo, por isso se faz necessária uma formação consciente e responsável que explique a importância da ressocialização, dos núcleos familiares da solidariedade humana e planetária.

O educador precisa, além de uma prática crítica e reflexiva, ser um facilitador do processo de ensino e aprendizagem, capaz de olhar para o estudante como sujeito essencial na construção de saberes. Capaz de propor alternativas que auxiliem a interação e o desenvolvimento de cada docente. Somente através da educação pode-se ter uma compreensão melhor da realidade. Portanto, falar de uma educação para o futuro é muito mais que uma função docente ou um conjunto de competências.

O docente transdisciplinar é aquele que vivência a prática e estabelece relação afetiva de amor à vida, ao conhecimento e de responsabilidade diante do seu papel enquanto formador de seres humanos participativos na sociedade e na educação planetária. Assim, tanto à docência como os discentes devem estabelecer uma relação de troca de informações, interação e colaboração, a partir de novos instrumentos do pensamento, para evitar a fragmentação no ambiente da sala de aula e no próprio cotidiano de vida, principalmente junto a família, resgatando laços afetivos e celebrando os acontecimentos simples da rotina familiar. O estudante de hoje está atento às transformações e deve ser instigado constantemente a construir e reconstruir sua própria aprendizagem. Dessa forma, a docência transdisciplinar deve ser dialógica, inovadora, criativa e complexa. Cabe ao professor propiciar as condições necessárias para que essa formação realmente aconteça no ambiente escolar, desenvolvendo práticas

de ensino que possibilitem ao aluno aprender a aprender, a serem críticos e reflexivos.

O processo de desenvolvimento das atividades atua na construção de *novos saberes* em relação ao conhecimento individual partilhado e desperta talentos, do *espírito empreendedor* do indivíduo e melhora a convivência familiar, em grupo, na sociedade e com o meio ambiente.

Baseia-se em um princípio que vai além de aspectos cognitivos, pois engloba a “humanização das relações com a natureza e a ‘ecologização’ das relações sociais” (CARVALHO, 2008, p.141), esta contextualização do conhecimento é o que possibilita a construção de um comportamento ecológico e uma visão do todo, em uma sociedade que requer uma reforma urgente do pensamento, que recuse a separação entre ciência, espiritualidade e humanidade, pois essa responsabilidade está associada à educação. Com prática pedagógica transdisciplinar da hortoterapia com o método AEDOCAR abrange a humanização das relações com a natureza e a ‘ecologização’ das relações sociais.

Dessa maneira, rompe-se com o processo tradicional de ensino-aprendizagem, no qual a educação era restrita a conceitos pré-determinados e incontestáveis, pois no pensamento transdisciplinar, as disciplinas não são mais abordadas de modo fragmentado e isoladas das demais, exige um compartilhamento de ideias, pensamentos e opiniões, ou seja, passa-se a transitar pela diversidade dos conhecimentos abrangendo todas as disciplinas do currículo escolar. As atividades na horta, a HORTOTERAPIA com o método AEDOCAR, pesquisa, sondagem, o cine debate, o seminário, as oficinas, workshop, palestras, minicursos, as atividades curriculares e o trabalho em grupo/família, bem como

os eventos nas datas comemorativas fazem parte dessa prática transdisciplinar. Considerada de nível satisfatório a alteração e qualificação das relações com os colegas dentro da escola e o entorno, despertando o espírito empreendedor, a convivência harmoniosa em família, na comunidade escolar e com o grupo. Portanto, desenvolver as Hortas em pequenos espaços e de forma biológica, adquirindo competências de conhecimentos ancestrais, como cultivar os seus próprios alimentos, promove a interação com a natureza e o sagrado. Pode ser a base da reconexão do mundo interno e externo para pessoas que sofrem de depressão, ansiedade, estresse, falta de autoestima, entre outros. Sendo também um satisfatório processo criativo, integrador, ressocializando os excluídos e marginalizados (incluir e ressocializar) bem como as famílias dos mesmos, entre outros benefícios. Cultive a saúde mental no seu quintal.

BIBLIOGRAFIA.

- CARVALHO, I. C. de M. Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: 2008
- FREIRE, Paulo (1977). Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra (primeira edição de 1970).
- FREITAS, L.; MORIN, E.; NICOLESCU, B. Carta da Transdisciplinaridade. In NICOLESCU, B. O Manifesto da Transdisciplinaridade. São Paulo: Triom, 2008.
- LIBÂNEO, José Carlos (1994) Didática. São Paulo: Cortez, 1994.
- MORIN, Edgar. Educação ambiental na escola: objetivos, conceitos e estratégias – pensamento sistêmico e pensamento complexo. EDIC 2010
- PLANTE VOCÊ MESMO. Texto de Christa Müller <https://piseagrama.org/plante-voce-mesmo> acesso em 17 de janeiro de 2022

JOSÉ ARILDO VIEIRA

O POETA DO POVO

josearildo@hotmail.com

Araucária – PR



AMANHECER DO DIA

Acordo com o canto dos pássaros que beleza
Assim que o dia amanhece e todo dia
Sinto-me uma pessoa feliz com certeza
Com o canto dos pássaros me dá alegria.

Moro na cidade com amor de verdade
Mas quando acordo e com sinceridade
Como se morasse em uma casa La no interior
Pois o canto dos pássaros me enche de amor

Faz que o dia seja melhor e me alegra
Ouvindo sempre a linda canção do dia
O canto dos pássaros integra
Por isso a Deus agradeço por ouvir esta linda sinfonia.

Fim

CURITIBANO(A)

Sou curitibano, um sujeito diferente
Não dou sorriso nem mostro os dentes
Sou capaz e inteligente para mostrar
Que a nossa cidade quem aqui vem quer voltar
Capital do Paraná, cidade em que empresas
Lançam seus produtos aqui, se não vender
Para o curitibano entre todas as raças, surpresas
Seus produtos não lançaram, é fácil de entender
Curitibanos (as) pessoas nascidas aqui difícil de
conversar?
Pessoas quietas e calmas não gostam de falar.
Mas sinceras depois de sua amizade conquistar
Por isso é bom na cidade sorriso estar a morar.
Hoje está fácil entender e saber!

Fim

IGARAPÉ

Na beira de um igarapé
Sentado molhando os pés
Olhando a minha frente
Para ver se não vinha gente
Confirmando peguei minha vara de pesca
Coloquei a minhoca no anzol e comecei a pescar
Lambari já beliscou e o primeiro fiz a festa
Fisquei era grande tamanho de uma frigideira para fritar
Feliz da vida tirei ele do anzol e preparei outro lançamento
Nem bem caiu n'água! Já fisquei outro! Tamanha foi minha
alegria
Pensei hoje, estou feito, vou fisgar bastante, neste momento.
Eu imaginei vou encher o embornal até o final do dia.
Para quem não sabe? IGARAPÉ é um arroio que desce
águas límpidas e transparentes. E enxergamos os peixes, as
pedras e tudo que tem de baixo d'água. Por este motivo, fiz
esta poesia. E digo somente quem conhece e viu assim como
eu vi estas maravilhas da natureza. Sabe o que é a grandeza
Beber água pura, sentir a energia que flui é maravilhoso.
Preserve a natureza, rios, cachoeiras, cascatas e mananciais.

FIM

SECA

Na terra seca do chão
Na mão calejada do lavrador
E ele em oração reza pedindo trovão
A Deus pai para a chuva cair com amor
A falta de chuva é seu sofrimento
Pois já não tem água para os animais
Somente a água que cai ao chão no momento
E a do suor do seu rosto em forma de sinais.
Mesmo assim ele não se desespera
Pois confia em Deus que ainda será
Feliz vendo a água em sua terra
Molhar o seu chão vendo como estará
Molhando e Produzindo sua plantação.
Então veio a chuva e derrubou casas
Acabou com a plantação e estradas
E que veio abaixo deixou estragos. FIM
Lojas, ruas, mercados, todos alagados. Fim
Ruas e calçadas
Toda rua e toda calçada hoje é esburacada
Pode te derrubar ou te deixar todo molhado
E aí você fica bravo, ó choveu, estou encharcado
Desculpe, mas é assim nesse corre-corre na calçada.
Carros mal estacionados
Motoristas com pedestres
Estão sempre apressados
Deixando seus carros na rua estacionados.
Saia de casa tranquilo e confiante

Para você poder realizar tudo e ficar
Com o dia numa boa viajante
Com uma fina garoa a te molhar.
A chamam de chuva que cai fininho
Bem devagar e vai molhando
Você aos poucos e deixa sozinho
Você na rua e sério brincando.

FIM

SONO

Deito-me e durmo.

La pelas três da manhã acordo,

Levanto-me e ligo a televisão.

Lavo as mãos, bebo água e volto a deitar.

Deito-me, durmo dali a pouco acordo de novo.

Mesmo caminho me levanto, ligo a televisão

Lavo as mãos, bebo água e volto a deitar-me.

Isso era quatro da manhã, La pelas cinco horas acordei de novo.

Não importa se é segunda, sábado ou domingo...

Sento-me no computador e começo a escrever.

E o tempo parece que não passa começo a ler.

Às vezes nem sei o que escrever, mas o sono não chega.

Ele já foi embora, aí é só escrevendo, para o tempo passar.

Fim

MADRUGADA

São três horas da manhã eu aqui acordado.
Pensando em mandar meu recado amor.
Eu ainda estou acordado pensando em
Realizar meus sonhos aqui imaginados.
Boa noite, bons sonhos a todos.
Somos sonhadores e trovadores.
Da paixão e do amor pela vida
Despedindo das tristezas senhores.
A luz dos bares já se apagou.
A turma da noite para casa voltou.
Cheirando a bebida e cigarro.
Foi para casa descansar?
Aqueles jovens em um canto
Sentados olhando para as paredes. Segue
Com certeza muita história tem.
Para contar e seus segredos.
Boa noite, bom sono
No interior dorme-se cedo
Na cidade ficam acordados com medo
Vivemos em um total abandono.

Fim

O MENINO E O MAR

Vi aquele menino impressionado!
Com o barulho do mar sempre agitado.
Os seus olhinhos não desgrudavam
Ficava alegre e às vezes sorria e chorava.

O Pai e a Mãe ao seu lado ficavam extasiados!
Com a alegria do menino, ficavam o tempo todo
admirados.
Era a primeira vez que aquela criança via tanta Água a sua
frente.
E todas as pessoas que passavam olhavam para ela
alegremente.

De repente ele se levanta e diz Água Grande! Papai!
Mamãe!
Lindo! Lindo! Ela tem espelho? Olha o brilho dele Pai!
Mãe!
Eu quero ir Lá! Me leva Pai! Leva-me Mãe! Eu quero ver!
O Pai e a Mãe pegaram em suas mãozinhas até a Água
seus pés tocarem.

Quanto sentiu os pezinhos molhados, ele chutava água
para todos os lados.
E gritava água grande Pai! Mãe! Na sua simplicidade de
criança.
Não seria diferente o seu espanto de ver sua Mãe e seu Pai
com ele abraçados.

Com certeza ele terá para sempre uma grande e maravilhosa lembrança.

FIM

ÁGUA CRISTALINA E PURA

Era a água que vinha da mina
Corria pelos coxos de madeira
Atravessando matas e campina
Onde nadávamos com nossa brincadeira
Aquela água que movia monjolo limpinho
Está difícil de encontrar
O ser humano veio a sujar
Difícilmente você vai achar
Um local limpo para se banhar
E quando encontrar... segue
É porque pessoas apaixonadas pela natureza
Fazem de tudo para manter e deixar para seus filhos e
netos esta beleza.
Quem bom seria se todos nós cuidássemos e zelássemos
da natureza?

Fim

NA LUZ DO SOL

No lampejo do raiar do sol
decidi te procurar.
Veio-me a mente
a Luz no ocidente.
Mostrando a vida.
Onde eu teria que te dizer,
amor vou te buscar.
Quando chegar à hora devida.
Mas seguindo a luz do sol
durante o dia senti.
E passado algum tempo,
a sombra me escondeu.
Enquanto de longe você
me via cantando para ti.
Eu me lembrava do dia
em que você me conheceu.
E foi quando no por do sol,
por ti amor senti uma vontade. Segue
de te abraçar e te beijar.
E no meio da multidão.
Veio à noite devagar,
em suas mãos peguei
e foi quando descobri te amar...

FIM

JOSÉ LOPES BAPTISTA

pjlb@t@gmail.com

Leiria – PT



O OUTRO LADO DA VIDA

A planície estende-se por uma longa distância. O sol de primavera aquece os campos e salienta as cores da natureza, mas não ilumina a solidão de João. Os 91 anos de tempo que já cruzou fazem dele um sábio em silêncio, porque são poucos os que por ali vivem ou passam, e menos ainda os que param com tempo para escutar.

Nessa tarde, João vislumbra uma silhueta a recortar a luz do sol poente. A distância da estrada impede-o de perceber quem será. O pensamento invade-o de uma esperança feliz, sem que ele saiba bem por quê. Segurando entre dedos os restos do perfume de uma flor, entabula conversa com seus botões soltando o pensar do seu coração abafado: “Que faço eu aqui, sozinho, a segurar uma vida já tão longa? Se ao menos pudesse semear um pouco dela e fazer florir a de alguém... Já declinam muito as minhas forças e o corpo vai chegando ao ocaso...”

Sem que ele se desse conta, porque os olhos se fecharam e a força das lembranças lhe encheram a mente, a silhueta que vira aproximou-se e assumiu a forma de uma jovem esbelta, na aparência de 20 anos, que chegou envolta em silêncio

Os pensamentos de João fizeram-lhe nascer nos olhos uma gota de lágrima, que se libertou e foi travada por um dedo terno e pelo afago do sorriso que estava à sua frente.

Ele olhou, emudecido, a jovem de pé, diante de si.

“Sou a Rafaela” – disse-lhe ela, enquanto se sentava numa pedra à sua frente. “Falaram-me de si, Sr. João” - disse, envolvendo as palavras com um olhar cativante - “vim estar um pouquinho consigo”.

João sentiu o coração tremer e só a muito, muito, custo controlou a emoção e a vida que parecia explodir dentro de si. “Falaram de mim... alguém quer estar comigo” – pensou. E disse: “Sou um velho, solitário como um lobo fora da alcateia. Já vivi muito, mas agora, todo eu estou cansado. Quem quererá saber de mim?”.

Rafaela ajeitou-se sobre a pedra, assentou os cotovelos nos joelhos e fixou o queixo entre as mãos, que lhe contornavam o rosto macio. Abriu bem os olhos e puxou pelo sorriso para dizer: “Sou toda ouvidos”.

Um aroma de juventude encheu de vigor o corpo e o ânimo de João. “Sabe menina...?”. E falou, por longo tempo, da infância, da brincadeira, do irmão, da vida difícil, dos pais e do amor que sempre sentiu neles: um pelo outro e pelos filhos. Deixou desvanecer a vida que tinha no olhar para falar da escola a que nunca foi, e da tristeza sentida por não ter podido aprender a ler. Queria saber ler e escrever e narrar e contar e deixar para os outros o que fervilhava dentro de si.

“Agora, estou velho... e maçador, pensa a menina...”, disse ele, enquanto com a cabeça fazia um gesto de assentimento, como quem pede ao seu interlocutor que concorde.

Mostrando os dentes brancos como pequenos flocos de neve, Rafaela atirou uma sonora gargalhada, e deixou sair de dentro de si a verdadeira a razão de estar ali. Era uma apaixonada por pessoas francas, por gente com vida. Não conseguia resistir a uma história vivida, mais ainda quando a ternura da voz tinha a capacidade de seduzir a imaginação e de se gravar como selo de fogo.

“Ó Sr. João – disse ela, em tom de criança – acredite que o escuto como o avô que não tenho”.

“Tu matas-me!” - retorquiu-o com o olhar batido por ondas emoção.

O velho João baixou o olhar, respirou fundo a puxar todas as forças que tinha no peito e continuou: “Só não estou sozinho por saber que lá do céu Deus me olha, e que levou para junto de Si a mulher que me emprestou. Não me zanguei com Ele – disse, sorrindo – porque O compreendo... é uma pérola que Deus quer junto de si, como eu queria junto de mim! Mas tenho tantas saudades...!”

Rafaela contorceu-se por dentro por imaginar a dor e, quase, palpar o amor que sentiu nas palavras e viu no tom de voz, nas feições doces e nas marcas deixadas pelo tempo no rosto do homem, tão frágil e tão forte, que tinha na sua frente. Nesse instante, sentiu-se diante de um monumento vivo. Sem dizer palavra, ansiou que o momento não fosse cortado por nada.

Focando o olhar no infinito do sol-posto, João continuou: “A Maria, minha esposa, tinha o coração nas mãos. Estavam sempre estendidas para acolher e para dar, não sabia dizer um não, a não ser que fosse ao mal. Sabe, menina? As palavras que dizia e os gestos que fazia... eu acho que nunca eram a mais nem a menos. Eu sentia-me pequenino... - parou a pensar – acho que até tinha ciúmes, talvez inveja, por não ser como ela. Ser como ela... - sorriu - nem por sombras!”

“Naquela tarde de domingo – continuou ele, depois de ter partilhado tanta vida em comum – por momentos, o tempo parou. O olhar escuro daquele jovem enfermeiro, triste e a chamar por mim, abriu um poço fundo, muito fundo, e eu caí. Caí lá dentro. A

vida partiu de mim no resto daquela tarde e na noite seguinte, e que eu não conheci. Só não conheci a morte porque a perda dos sentidos não me deixou vê-la”.

Fez-se noite numa escuridão ténue, como se assim fosse preciso para que só as estrelas pudessem brilhar. Rafaela convidou o Sr. João a entrar na casa, que era dele e que ela sentia já ser a sua. Fez alusão a ir embora e teve medo de que ele aceitasse que assim fosse. Ele pegou-a pela mão e convidou-a a entrar. Antes de o fazer, Rafaela olhou o céu. Viu Júpiter e Vénus, lado a lado, brilhantes como fogo no infinito. Parecendo tão perto, imaginou-os em amena conversa, a olhar a terra e a vida que nela acontece.

Focando-se apenas em João, Rafaela não prestou atenção alguma aos pormenores do interior, como se isso não importasse ao olhar feminino, ou como se ali tivesse estado antes e tudo conhecesse já. Puxou uma cadeira e, quase deslizando, aproximou-a das pernas cansadas de João. Sentou-se noutra e abriu o semblante, dispondo-se a continuar a escutar, agora que o conforto interior envolvia de maior paz a história que ele retirava de dentro de si, reordenando peças soltas para as unir num puzzle colorido.

João inclinou levemente a cabeça, entrou no olhar profundo e envolvente de Rafaela, e disse: “Ao voltar a mim, na manhã do dia seguinte, disseram-me que a razão do meu ser tinha partido. O coração que ela era deixou de bater. Fiquei sem nada. Apenas com a vontade de deixar de existir.

“Só muito lentamente recuperei e reencontrei o sentido da vida e do que sou. E só a minha intimidade com Deus – disse, ao erguer as mão e elevando os olhos para o alto – me deu a força para não definhar. Agora sou forte (sorriu), mas a verdade é que me faz falta sentir que tenho alguém por perto”

“E porque não voltou a procurar alguém? – Questionou Rafaela

- “Porque me senti sempre sem força para partilhar com outra o amor que vivi com a minha mulher”.

- “E a solidão não se torna muito pesada?”

- “Já não. Nunca exigi tudo de Deus, nem de ninguém. Mais que querer receber a vida, procurei construí-la e vivê-la, e estou muito grato por tudo”.

- “Tudo tem sentido quando nos perdemos em confiança divina”.

Com estas palavras, Rafaela fixou-o com um olhar de céu, e acrescentou: “Pense que sou sua neta e que o acompanharei sempre.” Aproximou-se, envolveu-o num abraço puro e, com leveza, beijou-lhe a face.

João sentiu que uma estranha força preenchia cada dimensão do seu ser. Movido pela emoção, segurou nas suas as mãos de Rafaela e disse-lhe um “Obrigado”.

Ainda de mãos nas mãos, num tom e com uma expressão de quem diz “até já”, Rafaela sussurrou: “Chegou a hora de partir”. O azul de seus olhos clareou. Ela voltou-se e saiu tão tranquila com entrou.

João seguiu-a até à porta, que estava logo ali, e contemplou-a a caminhar pela estrada, ladeada pelo brilho de Júpiter e Vénus, fixados no infinito céu. Em um breve momento, ela desapareceu.

Era noite lá fora. João voltou a entrar. Levava nele a firme certeza de que um anjo o tinha visitado. Naquela noite, sentia-se pleno de luz interior, e só o corpo o impedia de brilhar. Ainda remoendo a ideia de que aquela jovem que o escutara era um anjo,

deitou-se na cama. Fechou os olhos. Respirou fundo. Fixou um sorriso sincero no rosto e partiu. Partiu numa viagem eterna.

ERIVAR ROCKSTEIN

erivarockstein@gmail.com

Caucaia – CE



JARDIM DE ESPINHOS

Numa de suas andanças pelo agreste, defrontou-se de súbito com um estranho pé de espinhos. Embora estivesse fazendo parte daquela paisagem triste de mais um longo verão tropical cearense, o arbusto (como queiram alguns) apresentava-se com mais vivacidade do que as carnaubeiras que lá se estendiam como uma imensa plateia de gente feliz diante do teatro da vida em sociedade (sempre alegre, em pé, e sabe lá por que, batendo palmas ao vento).

Sem qualquer sinal de folhas ou frutos, o arbusto era constituído por inúmeros galhos finos de modo que, entrelaçados e revestidos de afiados espinhos, desenhavam uma copa acinzentada bastante irregular a partir do caule duplo. A estranheza vinha do fato que possuía altura e aparência curiosa de um poeta curvado sobre a sua mesa de trabalho escrevendo a máxima: “A um animal revoltado dê-lhe comida ou liberdade, a um homem dê-lhe apenas um pouco de razão, e só. A Natureza lhe agradece.”

Ficou deslumbrado, encantado mesmo, diante daquele pé de espinhos. Em outras ocasiões, havia visto uma catedral gótica de 3 metros de altura, construída por colônias de mandacarus. E também um cavalo e um elefante, feitos de ramagem nova, marchando livre por cima da mata outrora castigada por um fogo irresponsável. Mas o que estava vendo naquele instante, com certeza diferia de tudo isso. Não era nenhum efeito óptico visto por certo ângulo. Não era como os desenhos momentâneos das nuvens. Também não era alucinação em virtude do calor excessivo. “Aquilo” parecia ser único, profundo e verdadeiro. Para não ter

dúvidas, ainda deu uma volta completa em torno do arbusto, e constatou ser tridimensional. E ainda contava com a cumplicidade de uma pedra próxima, que lembrava uma mesinha rústica entalada no chão duro.

Sim, conhecia bem aquela região de duas estações antagônicas, sua flora, biodiversidade e suas estratégias de sobrevivência em solo raso, mas nunca viu nada semelhante. E não conseguindo decidir se o que estava vendo era uma espécie nova ou do estrangeiro, concluiu que aquele tipo de arbusto nascia de um pedaço de galho e não ultrapassaria aquele tamanho e aspecto. Lembrem-se: da altura e aparência de um poeta curvado sobre a sua mesa de trabalho agora, adivinhando o que estava por acontecer, escrevendo a máxima: “Não é estranho que para escrever sobre a vida, meus olhos ficam buscando palavras longe, muito longe mesmo, lá no vazio. Estranho, não?”

As coisas, os seres, como num delicioso mundo de sonhos, tudo parecia ter vontade própria. A impressão que tinha era de que um objeto qualquer ou uma cena comum do cotidiano, enfim, não raro, aquilo com que se deparava queria lhe comunicar algo mais, tornar-se pelo avesso diante de seus olhos e... É; mas aquele pé de espinhos foi muito além desse divino querer.

Quebrou um de seus galhos e o levou consigo embrulhado numa peça de roupa. “Afinal, para que tantos espinhos? E como foi parar ali? Será que essa espécie faz parte da famosa seleção natural dos seres? Ora, quantas perguntas tolas! E como deve ser tedioso, e também tolo, ser apenas mais um no mundo, sem nada questionar, sem nada a submeter, e apenas seguir, deixar-se levar pelas aparências da vida imposta.”

Em casa (sem respostas para as indagações que vez por outra lhe ocorriam durante a viagem da volta) colocou o pedaço de galho no melhor lugar que encontrou. Plantou-o logo abaixo da sua janela preferida, aquela que lhe deixava observar o lado hostil das ruas suburbanas onde morava, bem no meio das papoulas murchas do antigo inquilino. “Cresça logo, pé de espinhos, sua tarefa agora é proteger esta moradia contra os indesejáveis. Como vê, não há muro alto deste lado da casa.”

No dia seguinte, Santa Epifania! Ficou todo arrepiado (não de medo, pois não acreditava em assombrações, também não queria vê-las), mas de uma alegria jamais sentida em seus quarenta e oito anos de vida plena. Bem, apressando um pouco a narrativa, tinha em frente, e em volta da sua casa, dezenas de pés de espinhos, e aconteceu assim mesmo: da noite para o dia.

E naturalmente cuidou deles. Todos eram magníficos, cinzentos, retorcidos, curvados, enfim, com uma aparência curiosa igual (ou muito próxima) àquela que encontrara no primeiro pé de espinhos. Pareciam clones. Claro, sem aquele cuidadoso reconhecimento da Medicina ou desespero da Igreja. E como todo bom jardineiro conversa com suas plantas, o nosso foi mais além, começou a nomear os exóticos arbustos com nomes de poetas para diferenciar a multiplicidade em volta da sua casa: Luis de Camões, Gregório de Matos, Edgar Allan Poe, Walt Whitman, Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, William Blake, Oscar Wilde, Rimbaud, Paul Valéry, Verlaine, Baudelaire, Mallarmé, Goethe, Nietzsche entre outros que ainda consigo lembrar. Também o interrompi nessa hora, perguntando se não havia poetizas em sua lista. Respondeu-me, rindo, dizendo que homem nenhum consegue viver sem uma Beatriz ou Eva. E Deus sem o diabo,

acrescentou. Não entendi a primeira frase. Ri também. E não insisti no assunto.

Era divorciado sem filhos, professor de matemática. E a normalidade da sua vida em nada mudou com a chegada sobrenatural dos pés de espinhos em sua casa. Quer dizer, agora era obrigado a realizar podas, com certo cuidado, abrindo um estreito caminho entre eles até a calçada da rua, tão estreito quanto aquele que existe entre a sabedoria e a loucura. E foi a partir daí que percebeu uma mudança em curso. Alguns arbustos, discretamente, lhe abriam passagem; outros, não, de forma alguma facilitavam o seu serviço. Nessas podas, jurava ele que ocasionalmente ouvia um pé de espinhos sussurrar, falar coisas atrás de si, mas nunca o deixava terminar, assustado como ficava, logo se virava, e o silêncio voltava a reinar em seu belo e exótico jardim.

Uma vez ousou escutar até o final. Pôs-se de orelha bem esticada e, como quem não quer nada, folheando um livro já lido do Hermann Hesse, estava ele sentado no chão entre os arbustos. Não demorou e, em versos, escutou um deles dizer:

“Querendo mudar o mundo com palavras afiadas,
Tentei pegar todos os meus sonhos em vão.
Hoje, essas palavras já não cortam mais nada,
E os sonhos escapam feito água em minhas mãos.”

Depois desse dia, nunca mais os ouviu falar com tanta eloquência e sentido. Apenas frases curtas e atravessadas, ideias vagas que às vezes o levavam à reflexão da própria linguagem diante do infinito insondável. Seriam koans?

E se pensam vocês que não buscou uma explicação na Ciência, para as supostas vozes que vinham dos espinhos:

aguardem. Também não acreditava em mediunidade, espíritos desencarnados, demônios ou em anjos bonzinhos soprando coisas e participando de nossas vidas. Era um homem realista, espirituoso, moderno até demais, devo acrescentar.

Foi num trem de passageiros que nos conhecemos. Isto há nove meses. Quando embarquei ele já se encontrava em seu interior. Muito espontâneo, logo puxou conversa. Percebi que não estava correndo perigo: me desarme. E permanecemos a sós naquele vagão até o meu desembarque. Acredito em sua história, porque não existem histórias falsas, o tempo é que torna tudo falso.

No meio da conversa, entre momentos de bom humor, pitadas de sarcasmos e confissões à parte de ambos os lados, após tomarmos meio litro de cachaça da serra, olhou em volta com desconfiança, e em seguida me perguntou se acreditava de verdade na ideia maluca de que um pé de espinhos poderia nos falar “coisas”. Disse-lhe um SIM emocionado, na hora! E mais: como pesquisador insaciável, havia me debruçado sobre assuntos relacionados à comunicação oral e corporal dos animais domésticos com os seus donos. Na minha infância, um gato me falara uma frase em português... Mas algo tão significativo e contextualizado... que até hoje fico pasmo quando lembro do fato.

Disse-lhe também que havia visto, num programa de tevê, que um cientista gravou uma canção de um pé de tomate sob influência de estresse e estímulos em laboratório, especialmente estruturado para esse fim. Tudo bem, trabalhos científicos podem conter fraudes, mas... Um tomateiro?! Sim. Não uma canção com voz humana, mas algo com ritmo e assustador sentido às proposições lhe apresentadas, tudo fundamentado e registrado

numa certa frequência de ondas de rádio. Quando lhe falei isso, ficou sóbrio de repente, e haja mais cachaça!

Os meus vizinhos — continuou a sua narrativa — que todas as manhãs cuidavam de seus jardins floridos (agora vem a parte engraçada, sempre há, encontramos uma até quando um avião cai sobre uma creche), começaram a sentir ciúmes da beleza do meu jardim. E com vergonha de me pedirem o endereço onde encontrara aquelas arvorezinhas, eles (os meus bons vizinhos) começaram a revirar o lixo da minha casa em busca das sementes dos espinhos.

Afirmo isso sem medo algum de cometer qualquer tipo de injustiça aqui, pois, lá da minha protegida janela, os observava procurando no lixo aquilo que bondosamente a mãe Natureza me dera. Se tivessem procurado direito, teriam descoberto algo interessante, já que é sabido de todos que o lixo testemunha contra nós, santos e pecadores. Sei até que tentaram germinar algumas aparas, mas não deu certo. E não me pergunte por quê. Só sei que não deu certo: não nasceram pés de espinhos em seus jardins. Resultado: levantaram ainda mais os muros de suas casas.

É. O melhor de tudo vem agora, de propósito deixei por último. O incômodo na minha rua atingiu o bairro inteiro. E do jeito que as coisas andavam, ultrapassar as suas fronteiras era questão de pouco tempo. Explico-lhe melhor. — Tomou mais uma lapada. — Minha casa (como uma comprida favela, veja só que feliz coincidência) ficava num cruzamento de ruas onde todos, ao saírem de suas casas para trabalhar ou passear, tinham que ali passar obrigatoriamente. Às vezes me divertia à beça, dava loucas risadas da minha janela, quando os pais repreendiam seus filhos com conselhos pouco interessantes: “nunca chegue perto daqueles

espinhos, meu filho; nem entre naquela casa, ouviu bem?" Notava-se fácil o que diziam pelos gestos opressores.

Ora, as crianças, como ágeis batedores de carteiras, sempre nos cegam, e as de hoje são espertas demais. E já que para muitas coisas da vida nem a escola, nem a família conseguem ensinar, apostado como elas mesmas poderão encontrar o primeiro pé de espinhos e plantá-los. Logo nas casas dos que, durante dois anos, tentaram germinar mudas de espinhos do meu lixo. Ah, Ah, Ah! Como a natureza é perfeita, não? E cruel também.

Uma noite dessas, aproveitando a minha ausência, um dos meus vizinhos ou todos, e quem nos saberá dizer a verdade? Criminosamente incendiaram o meu santuário de poetas e, com ele, a minha casa. Não consegui provar nada na justiça. E como o meu pedido de aposentadoria foi aceito sem muita burocracia, fui embora dali sem pensar duas vezes. Há muito me acusavam de estar corrompendo a mente dos jovens na escola. E ultimamente a coisa estava mais acirrada em virtude da polarização ideológica na política do país. Loucos! Todos loucos!

Bom... e aqui estamos nós, eu indo para o meu exílio, morar num lugar próximo daquele pé de espinhos. Mas e você, Veracruziano, para onde está indo?...

Pois é. Foi durante uma incursão pelo sertão cearense que encontrei aquele simpático senhor. Ele me disse o seu nome, mas como resolveu enaltecer a minha ilha, caracterizando-me sem maldade por trás, acho também lógico chamá-lo de, o Senhor dos Espinhos, em homenagem a sua história.

Desci na estação de Reriutaba. E foi a última vez que o vi. Que dia, meu Deus, que história interessante para se dar voz!

A gente se despediu com um forte aperto de mãos, como dois grandes amigos que jamais tornariam a se ver novamente. E com o trem já em movimento, disse-me ainda: “Divirta-se, Veracruziano, divirta-se! Aqui é o Brasil! Terra de grandes contrastes, do carnaval e da biritá também. Lugar ideal para o seu aprendizado na arte da guerra. Quanto às flores... Ah, essas só servem para o dia de finados, engabelar as mulheres, e depois pó. O cara da canção estava certo, elas não podem deter os canhões! Ouviu bem? Os canhões!!” Foram as suas últimas palavras, e também as que mais ecoam dentro mim.

Tenho pensado e repensado demais na vida desde então, na existência, na condição humana, e na definição de Belo. Acho que fui contaminado naquele encontro. Sair da ilha por uns tempos? Por enquanto, nem pensar. Um projeto filosófico com base em suas últimas palavras não me dá essa alternativa. Para espairar, e fugir da ânsia de terminá-lo apressadamente, comecei a escrever cartas. Não para mim mesmo, mas para a sociedade onde fiquei preso. Pedindo a ela, de forma explícita, que não só pense num mundo melhor, não; mas que trabalhe com afinco e faça essa mudança acontecer de verdade. E por acreditar que serei ouvido um dia, sou realmente um maldito entre os malditos.

O que me faz ser tão pretensioso, assim, é que estou no quarto, curvado mais uma vez sobre a mesa escrevendo estas lembranças e, ao olhar para o espelho em frente, vejo algo assustador em meu lugar. Penso em pegar a máquina fotográfica abandonada na estante, mas... Não, não consigo tirar os olhos da imagem que acredito ser o meu reflexo no espelho. Ah, o que vejo é tão assustador e tão verdadeiro que só consigo descrevê-la com estas palavras:

“Se tu sofres intensamente, és alfabetizado, então escreva infeliz! ESCREVA! Mesmo que isso te faça sofrer duplamente. Pois só assim tu conseguirás ver e entender a profundidade, a extensão e as causas de tuas dores. E por que não dizer: da tua insignificante existência. Escreva, infeliz! ESCREVA! Sim, tudo dói quando tentamos ser diferente. Mas com certeza, quando estiveres moribundo à beira da morte, tu poderás dizer bem alto, pra todo o mundo ouvir — Odeio despedidas, odeio tanto! Que não irei ao meu próprio funeral.”

JULIANO BALTAZAR

julianobaltazar.escritor@hotmail.com

Blumenau – SC



DÊMONIOS DO ASFALTO

Antes de tudo, eu quero que saibam: não sei se este livro terá um final. Dois, no máximo três meses, foi o tempo que me deram de vida. Estou com um câncer em estágio final e minha família não sabe. Quero poupar eles disso.

Vou às consultas sem ninguém saber. Todos acham que eu saio para resolver algo da empresa.

Na consulta seguinte foi a mesma coisa.

— Sente-se, Jon... — Disse Ed.

Ed falou com pequenos rodeios que eu tinha pela frente em torno de uns quatro meses, no máximo.

Não me desesperei, não chorei, nem qualquer coisa do tipo.

Sempre tive o desejo de escrever um livro, mas não sou bom em inventar, então, tive uma ideia: irei atrás de histórias.

Ainda não contei essa minha ideia para minha família. Não sei exatamente como vão reagir.

No sábado à noite sempre reunimos toda a família na minha casa. Vêm meus dois filhos, Lucas e Mateus, minhas noras e meus netos.

No fim do jantar levantei e todos me olharam quietos.

— Vou escrever um livro. — Disse sem rodeios.

Acharam que se tratava de uma brincadeira. Minha mulher começou a rir. No fim viram que não era piada, mas, mesmo assim, não deram muita importância.

Naquela mesma semana eu liguei para o Tenente Ruy. Nos conhecemos há muitos anos. Expliquei para ele que eu estou “caçando histórias”.

— Tenho algo muito bom pra você! — disse ele. — Talvez se você pagar, esse policial conta a tal história. Vou te passar o endereço e avisar ele, ok? Você o encontrará provavelmente na cama ou na cadeira de rodas. Mas, onde está a boa história nisso tudo? Seguinte: um cara usando uma roupa de couro preta com uma moto esportiva toda preta começou a seguir essa gangue de motoqueiros e foi pegando um por um. A gangue eram cinco criminosos, e, esse tal de “vingador negro” matou todos, um por um. Até hoje as pessoas não sabem quem é o “vingador negro” e o que ele tem a ver com o acontecido, ele virou uma lenda. Mas você vai descobrir algo que pouquíssimas pessoas sabem.

Não entendi nada do que o Ruy disse, mas no dia seguinte fui à casa do tal policial.

Toquei a campainha. Eu estava muito nervoso.

Uma jovem abriu a porta e disse para eu entrar, em seguida, me levou para o quarto onde estava o policial deitado.

— Então você é o “caçador de histórias”, é isso?

Fiquei visivelmente nervoso.

— Sente-se. — Disse o policial. — Essa é minha filha, Ana, eu sou Carlos. O senhor quer beber o quê? Temos suco, água, cerveja, destilados...

— Pode ser água. — Eu disse.

— Uma cerveja pra mim, meu amor. — Falou o policial para a jovem filha.

— Jonathan... serei direto: quanto eu ganho nessa parada pra contar tudo, deixando de lado apenas meu nome verdadeiro?

— Quanto você quer?

— Vejamos... três mil reais.

— Não posso lhe pagar uma quantia dessas. Mesmo a história sendo excelente! Mas não dá! Entenda! No máximo mil e quinhentos.

O homem deu uma risadinha.

— Dois mil! Cada parte perde um pouco e todos saímos felizes dessa! O que me diz?

— Negócio fechado! Gostaria de começar agora? Posso ligar meu gravador?

— Ligue... Você conhece os Demônios do Asfalto? — assenti. Eu já tinha ouvido falar sobre essa gangue. — Eu e meu parceiro fazíamos o turno da madrugada — ele começou — estávamos fazendo uma ronda quando avistamos um tumulto. Vimos que a gangue estava espancando um jovem. Meu parceiro saiu rápido do carro e deu ordem para eles pararem. Um dos motoqueiros disse: “Depois será a vez de vocês dois ficarem aqui no meio da roda!” Isso causou uma risada do grupo inteiro. Meu parceiro sacou a arma e gritou com o grupo novamente. Foi tudo muito rápido. Um deles, que não estava no nosso melhor alcance da visão, sacou uma arma, apontou para mim e disse: “Ou coloquem a arma no chão, ou tiro nesse ‘policiazinho’ de merda!”. Meu parceiro não obedeceu, mesmo eu dizendo para ele jogar a arma no chão. Ele continuou com a arma apontada e o cara da gangue apontando para mim.

Ficamos um tempo nessa confusão e ninguém baixou a arma. Quando ouvimos o estampido e, alguns segundo depois, vi a arma do meu parceiro cair no chão com um som metálico batendo no concreto. Depois vi meu parceiro cair no chão já sem vida.

Rapidamente me tiraram a arma e começaram um rodízio de espancamento. Quando os cinco cansaram da brincadeira, pegaram suas motos e foram embora.

Depois que acordei no hospital, havia uma enfermeira no quarto; onde eu disse a ela, pela primeira vez, sobre minhas pernas. Ela chamou um médico urgente.

“Senhor Carlos. O que aconteceu?” O médico perguntou confuso tirando o lençol de cima de mim.

Ele estava apalpando minhas pernas e perguntou se eu sentia. Eu disse para ele que poderia apagar um cigarro nas minhas pernas.

Minha família chegou no hospital assustados. Me levaram de cadeira de rodas para uma sala. Fizeram todos os exames; os resultados mostravam que eu não tinha nenhum problema. Me disseram que era para eu estar andando normalmente. Fizeram mais exames e deu na mesma.

Naquele dia fomos para o velório e enterro do meu parceiro. Fui na cadeira de rodas.

Fiquei ao lado do caixão dele sentado na cadeira de rodas até o fim.

Após esperar outra cerveja chegar e dar alguns goles, ele continuou:

— Bem... Jon... Os Demônios continuaram no asfalto... por pouco tempo! Após alguns meses, eu acompanhei pelo jornal e pela internet, que um dos integrantes dos “Demônios do Asfalto” havia sido morto enquanto estava em casa com uma garota. Ela disse que um homem todo de preto e com um capacete preto entrou na casa.

Ela disse que esse homem chegou, colocou a arma na cabeça do namorado dela e fez uma pergunta apenas: “Me diga os endereços dos outros quatro senão mato essa sua namorada vadia.”

A moça disse que o namorado disse os endereços dos outros do grupo, mas, mesmo assim, ele explodiu a cabeça do meu namorado.

— É... os Demônios mexeram com alguém que não devia. Alguém teve alguma pista desse tal cara de preto? — perguntei empolgado com a história. Aparentemente era boa mesmo!

— A única coisa que saiu em todos os jornais e blogs era de um tipo de “vingador”, que vestia uma roupa de motoqueiro toda preta, o capacete preto e a moto... adivinhe a cor, Jonathan?

— Preta!

— Bingo! Isso! Ele usava uma moto esportiva preta. Nosso “vingador” foi matando um por um. Demorou mais de um ano para matar os cinco.

— Ele matou os cinco? — fiquei pasmo.

— Os cinco! Exatamente! Todas as mortes foram friamente calculadas. Ele pegou cada um quando estavam sozinhos. Ele planejou minuciosamente a morte de cada um. E conseguiu. Depois disso, ninguém mais ficou sabendo desse “vingador”. Nunca descobriram quem fez isso ou sua motivação de matar a gangue inteira.

— Mas que loucura isso! — eu disse espantado.

— Muita loucura, muita! A cada um que o homem de preto matava, eu via nos jornais e blogs e comemorava. Comemorava dançando pela sala com minha filha.

— Essa foi boa, Carlos! — dei uma risada. — Então você dançou cinco vezes, certo? Morreram os cinco, hein?

— Com certeza, Jon. Com certeza... Estou dançando até hoje! Quem não dançaria? Não é? Você dançaria?

— Com certeza! Dançaria até gastar a sola dos meus sapatos completamente! — rimos juntos. — Realmente é uma história fantástica! Muito! — falei bebendo um gole de água.

— Eu não disse que seria um bom investimento? — Carlos riu. — E, adivinha... recebi algumas visitas de policiais e investigadores me interrogando se eu não tinha algo a ver com o caso.

— Mas... como assim? Se você havia feito algo? Não entendi! Como poderia?

— Então... Me investigaram por muito tempo se eu não fazia parte das mortes. Eu respondi que “sim”. Disse a eles que eu corria atrás da gangue mais perigosa do estado em uma cadeira de rodas e, sentado na minha cadeira, consegui matar cinco bandidos muito bem armados e com motos.

— Como poderia, hein? — eu disse e rimos juntos.

— Você gostaria de ver a moto? — ele disse.

— Como?

— Você gostaria de ver a moto? — ele repetiu e agora eu havia ouvido bem.

— Você tem uma moto?

— Tenho! Adivinha a cor?

— Preta! — respondi sem entender nada.

— Vamos na garagem...

— Onde está a cadeira? Sua filha? Eu ajudo, mas... me diga o que fazer.

— Não faça nada! Apenas veja!

E assim, nessa situação surreal, parecendo um sonho confuso, Carlos desceu da cama e ficou em pé na minha frente.

— Vamos? — ele disse. — Ou devo pegar a cadeira de rodas pra você? — e deu uma grande risada.

Carlos me levou para uma garagem muito bem fechada. Havia uma porta discreta dentro da casa que dava para a garagem.

Quando Carlos acendeu a luz, eu vi algo tampado com um enorme pano escuro. Quando ele puxou o pano, havia uma moto esportiva preta e um capacete igualmente preto pendurado num espelho retrovisor da moto.

Por um tempo fiquei em choque. Não conseguia assimilar as coisas.

— A roupa de couro preta está guardada se você quiser ver. Eu não consegui dizer nada.

— Vem... Vamos para a sala.

Eu fui seguindo ele até sentarmos na sala.

— Você não deve estar entendendo coisa nenhuma, certo? — disse ele rindo.

— Não! Nada! Nada vezes nada!

— Eu imagino! Jonathan... Eu matei os cinco, compreende? — ele disse sem esperar pela minha resposta. — Demorei um ano e pouco pra dar fim nos cinco. Obviamente, peguei um por um. Eu comecei a segui-los para saber suas rotinas, lugares que frequentavam e, principalmente, quando estavam sozinhos. O resto foi muito fácil, pra ser sincero. Você deve estar se perguntando sobre minhas pernas, certo?

— Sim... estou confuso, mas, é sobre isso.

— Caro Jonathan! Quem no planeta inteiro iria pensar que alguém que não funciona mais da cintura para baixo mataria cinco pessoas? Quem? É o melhor álibi do mundo!

— Mas... você vai ter que ficar assim a vida inteira!

— Jonathan... você não acredita em milagres? — ele me perguntou rindo.

— Não sei o que dizer...

— Estou esperando o momento exato. Daqui a alguns meses eu serei curado por um “milagre”! Um grande “milagre” de Deus! Lembra que nunca acharam o problema nas minhas pernas? Lembra?

— Claro! Lembro!

— Então... Vou aparecer no hospital dizendo que minhas pernas voltaram. Simples assim!

— É... tenho que admitir, foi um plano genial...

— Não esqueça de não mencionar meu nome, endereço e coisas do tipo, certo?

— Claro! Não se preocupe!

Paguei o valor combinado e fui para casa ainda atordoado com aquela história. Eu só queria chegar em casa para digitar o que eu havia gravado.

Chegou sábado e eu estava empolgado.

Cheguei na mesa carregando algumas folhas. Chamei a atenção e todos olharam para mim.

— Consegui escrever isso! — mostrei o pequeno monte de folhas que eu já havia digitado.

— Nossa! — Mateus falou e os outros ficaram curiosos.

— Já digitei mais de 30 páginas. — Disse.

— Uau! — disse minha mulher. — Parabéns, meu amor!
Novamente não deram grande importância.

Naquela mesma semana voltei ao meu médico e amigo, o Dr. Edgar Saustrin. O Ed. Estou sentindo muita dor no meu estômago. O câncer que me devora por dentro está aumentando. Simples assim!

Ele tinha em mãos os novos exames.

Cumprimentou-me e fomos direto ao ponto.

— É... Jon... como era de se imaginar, o problema está aumentando. Compreende? — ele deu uma pausa — Jon... sendo bem sincero, como amigo. Você não acha que deveria informar sua família disso tudo?

— Ed, não! Nunca! Pra quê fazer eles sofrerem uma coisa que não vai mudar, hein?

— Eu entendo seu ponto de vista, mas... não é, digamos, correto fazer isso...

— Ed, não perca seu tempo. Está decidido!

Após a consulta, resolvi deixar todas as coisas organizadas. Pois, não sei se estarei vivo amanhã.

Mandeí um e-mail com as coordenadas para Ed.

Na mensagem mandei:

“1) Quero que você cuide de tudo o que diz respeito ao meu livro;

2) Mandeí o que consegui escrever do meu livro para a Editora Book & Book's. Para o editor Benjamin Dowson. Mandeí que entregassem, quando pronto, para o seu escritório. Passei seu

telefone para contato. Tudo sobre o livro deve ser conversado exclusivamente com você;

3) Meu agradecimento por tudo o que você fez por mim. Foi um privilégio, para mim, ter conhecido você, Ed. Um abraço infinito!”

Nessa semana fui mais duas vezes ao hospital devido às dores.

Numa dessas idas, acabou meu segredo!

Minha família foi informada, mas não entenderam o que estava acontecendo. É óbvio que ficarão chateados comigo quando souberem da verdade. Principalmente Glória. Mas, não tinha mais saída.

Eu estava totalmente lúcido quando eles chegaram. Todos falavam ao mesmo tempo. Pedi calma.

— O que está acontecendo, pai? — perguntou Lucas com um semblante de preocupação.

— Jon, o que você tem, afinal? — perguntou Glória assustada.

— É... querida família... infelizmente tenho um câncer em estado terminal.

Todos ficaram em choque por um tempo. Olharam-se e depois olharam para mim.

— Um câncer terminal e você nunca disse nada para nós?

— Glória disse com um pouco de raiva, quase gritando. Eu entendia ela.

— Bem... eu quis poupar vocês de um sofrimento desnecessário.

Dentro do quarto virou uma loucura total. Todos choravam, Glória gritava, me abraçaram.

Ed chegou em seguida e viu o tumulto.

— Ed, contei para eles.

— Ed, por favor, diga que há uma chance ainda! Temos boas condições financeiras para comprar qualquer medicação, consulta, transplante... qualquer coisa! — Glória disse com um enorme desespero na voz.

— Eu entendo vocês... Vejam: o caso do Jon, desde o início, foi um câncer bem agressivo. E, nesse estágio que o Jon se encontra agora, é totalmente irreversível. Compreendem?

Todos compreenderam e uma nova choradeira desesperada tomou conta do quarto.

Passado uns minutos, eu falei com Ed que decidi passar meus momentos finais em casa. Ele compreendeu.

Assinei muitos papéis e, pouco tempo depois, eu estava na minha querida casa. Meu lugar preferido. Quando entrei em minha casa, eu pensei que não veria mais ela. Não consegui conter o choro com esse pensamento.

Mateus, Lucas e Glória também choravam.

Ed me fez uma visita no dia seguinte. Ele chegou à minha casa de noite junto de sua família.

Fiquei extremamente feliz e emocionado. Minha família em segredo convidaram o Ed e sua família para um belo jantar.

Estávamos todos sentados na mesa e o jantar era bem farto.

Ninguém combinou, mas, cada um decidiu não falar em coisas tristes nesse jantar.

Rimos um pouco. Apesar de tudo o que estamos passando, conseguimos nos divertir um pouco. E isso foi ótimo para mim.

Mas, sendo sincero, por alguns momentos tive que segurar as lágrimas. Eu olhava para todos e pensava: “Nunca mais vou ver eles!”

Tentei desviar esse tipo de pensamento, do contrário eu começaria a chorar.

O jantar foi até tarde. E foi algo magnífico.

Ed não conseguiu conter as lágrimas na hora de se despedir de mim. Eu chorei abraçado ao Ed. E disse em seu ouvido:

— Ed, foi uma imensa sorte ter sido seu amigo. Estou profundamente agradecido. Se puder, cuide da minha família por mim.

Ed e sua família foram embora emocionados. Quem não estava emocionado nesta noite?

Eu disse para Glória que logo iria para a cama. Eu estava sem sono e queria ficar um pouco no meu escritório.

Seria a última vez que eu escreveria. Então escrevi devagar:

“Para toda minha família: É muito difícil escrever minhas últimas palavras que deixo para vocês.

Eu havia pensado em falar na hora da janta, mas, ainda bem que mudei de ideia, pois, eu começaria a chorar e todos ao redor da mesa chorariam comigo e assim eu teria estragado nosso belo jantar.

Existe uma religião que diz que renascemos cento e oito vezes. Morremos e depois nascemos novamente cento e oito vezes. Só tenho a dizer uma coisa: se tal coisa for verdadeira, eu pediria a

Deus que, eu queria mais do que tudo, de nascer nesta mesma família as cento e oito vezes.

Vocês são pessoas incríveis.

Vocês foram meus anjos na vida. Depois que eu partir, serei o anjo de vocês. Prometo que cuidarei de todos vocês de onde eu estiver.

Meu amor por vocês é profundo demais.

Glória, quando você estiver olhando para o mar onde ficávamos, lembre-se que estarei ao seu lado vendo o mar com você!

Eu vou partir... mas nunca deixarei vocês!

Sobre o livro? Infelizmente morrerei antes de finalizar ele.

Amo vocês!"

Ed fez tudo como Jon havia pedido. Jonathan havia enviado parte que havia do livro para a editora Book & Book's.

Ed ligou para o editor Benjamin Dowson e contou tudo sobre o Jon, inclusive que ele falecera. O editor Dowson ficou incrédulo.

Demorou 60 dias para o livro ficar pronto. Ed ligou para Glória e disse se seria uma boa ideia um jantar no sábado. Ela disse que talvez seria bom. Por fim combinaram.

Seria o primeiro jantar sem o Jon. Seria algo estranho e difícil. Mas tinham que superar

No fim do jantar, Ed pediu apenas um brinde a Jon. Todos se emocionaram.

— Vou buscar algo no carro. — Disse Ed.

Ele voltou com uma caixa. Colocou sobre a mesa e abriu.

— Acho justo Glória ficar com o primeiro. — Disse.

Ed alcançou um livro de capa azul com letras douradas e entregou para Glória.

— Mas... o que... — Disse Glória gaguejando olhando a capa.

Em segundos, ao redor da mesa, todos tinham um exemplar do livro nas mãos. Na capa azul-escuro lia-se: “Belos Contos” com letras douradas.

— Bem — disse Ed. — Jon tinha o início do livro e pediu para eu cuidar de tudo quando ele fosse. E, neste belo livro, têm a única história que Jon conseguiu escrever.

— Sério isso, Ed? — perguntou Glória.

— Sério! É um livro de contos. A história do Jon está por aqui. — Ed apontou para o livro e perguntou:

— Vamos ler a história dele juntos?

Todos na sala reagiram com um misto de choro e saudade.

— Vejam, a história dele é a primeira. Vou começar... — disse Ed e todos se emocionaram.

LAURO BORGES

laurobgs@gmail.com

Tigrinhos – SC



MULHER SÁBIA

Não! Não é voltar no tempo, tampouco regressar ao passado. Não! Não sou nostálgico e nunca fui. Escrever essas poucas linhas para relatar uma grande história, vivida na infância deste humilde escritor, é compartilhar uma emoção que não só me acompanha, mas me persegue há muito tempo. Sinto não poder descrever toda a minha emoção enquanto digito cada letra deste pequeno relato, pois muitos poderiam pensar que é ficção, mas não: foi tudo real. As lágrimas são inevitáveis; não há como escondê-las. As vistas ficam tão embaçadas que mal posso ver as teclas enquanto vou digitando, lentamente, letra por letra, palavra por palavra. Acreditem ou não, ao lembrar tudo o que vivemos, eu viajo ao meu passado e me vejo de novo como uma criança! Só que me vem primeiro à mente aquilo que realmente me marcou, o que meu cérebro não conseguiu apagar; porque não é para esquecer: sempre me persegue. É muito clara e bem nítida a fisionomia sofrida de minha mãe, naquele dia de temperatura baixa (frio). Não sei explicar o porquê disso tudo, como pode uma criança guardar em seu coração cenas tão fortes como essa. Mas é muito real em minha mente. Talvez pelo momento que estávamos passando; longe da cidade e de todo tipo de recursos. Uma jovem mulher com quatro crianças para cuidar e tendo que confiar na própria sorte. É muita coragem. Eu sei de tudo isso porque, quando eu estava sendo alfabetizado, ela mesma me mostrou o registro de nascimento para que eu lesse para ela. Infelizmente, ela era analfabeta, o que me deixou muito espantado! Como pode um adulto não saber ler e escrever? Mas há coisas que só vamos entender mais tarde, quando pudermos tirar nossas próprias conclusões. Mamãe deu à luz aos

dezoito anos de idade. Meus pais se conheceram, logo se assumiram e foram morar juntos. Então, seis anos depois, eles já tinham quatro filhos, todos meninos.

Tudo aconteceu em meados dos anos sessenta, bem no interior da região sudeste do Paraná, onde meus pais resolveram tentar a vida na lavoura. Não sei quem encorajou quem nesta decisão de ir para o meio do nada. Mesmo porque, sem terem experiência no cultivo da terra, seria um tiro no escuro. O motivo exato não sabemos, mas certamente foi uma proposta de vida nova que tiveram. Deduzo que minha mãe foi a grande incentivadora dessa nova ideia, porque ela é de origem cabocla, uma morena de personalidade forte, cabelo grosso, e talvez tenha se visto voltando às suas raízes. Ela foi criada por um padrinho, ficou órfã bem nova, lembrando muito pouco de seus pais. Então foram para aquele lugar deserto buscar o sustento para o casal e seus quatro filhos, dos quais eu era o mais velho, com apenas oito aninhos.

Depois que eu relatar o ponto-chave deste conto, vocês vão entender o que estou descrevendo; só então perceberão que o momento em que vivíamos era de extrema necessidade, para não dizer de miséria. Pobre pai: João Maria Borges e pobre mãe: Maria Cândida Borges e seus quatro filhinhos. Só que eu não me lembro dos sofrimentos que estávamos vivendo! Uma criança não percebe nem entende tal situação. Para ela, se tiver roupa, está bom; se não tiver, está melhor ainda. Tudo é normal: com roupa ou sem, tendo saúde, o resto é diversão. E que momentos maravilhosos vivemos ali. Mas talvez eu dê continuidade a essa história toda em outro momento. Agora não posso perder o fio da meada. Certa manhã de um dia muito frio, estávamos reunidos ao redor de um fogo de chão. Lembro que papai havia pegado uma lata de vinte litros e

perfurado as laterais com vários furos. Então, colocava lenha dentro dela e acendia; e pelos furos feitos na lata, nós nos aquecíamos e, inocentemente, até nos divertíamos, colocando um graveto e outro para queimar.

Foi quando fomos surpreendidos por nossa mãe que, com o peito apertado, um tanto emocionada e a voz bem rouca, disse algo que nos deixou com os olhos arregalados: "Hoje, nós vamos comer algo diferente", exclamou ela. "Oba! O que vai ser, mamãe?", gritamos todos juntos numa só voz. "O café desta manhã vai ser: virado de feijão com melancia." Oba! Foi o que se ouviu da boca daqueles pequeninos inocentes. Eu não sei, até o dia de hoje, se mais alguém já teve essa ideia ou comeu algo assim, mas não tinha nada de atraente. Então ela colocou o resto do feijão cozido do dia anterior em uma panela, misturou farinha de beiju, que eles mesmos faziam, apurou tudo no fogo, e estava pronto o virado de feijão. Depois, cortou melancia em cubos e, com um gesto de carinho, foi a primeira a provar. Então serviu para seus queridinhos. Não sei como estava seu coração, nem seus pensamentos, enfim; mas me lembro que foi o melhor café que provei na minha vida. Tinha muito amor envolvido. Tanto que, sempre que tenho oportunidade, eu o degusto, só para manter viva essa história dentro de mim. Essa cena é muito marcante porque demonstra a sabedoria de uma mulher. Nossa mãe era completamente inculta (hoje ela já soletra alguma coisa), não sabia ler nem escrever, mas teve a inteligência de fazer, naquele dia, um teatrinho para nos convencer a comer aquele prato improvisado, que não tinha nada de interessante! Com que coragem aquela mãe ia dizer aos seus filhos que não tinha nada para servir a eles no café

daquela fria manhã? E, se ela não criasse um clima, não fizesse uma encenação, talvez ninguém engolisse o tal feijão com melancia.

Essa história me comove porque só fui compreendê-la depois de adulto. Parece que vejo aquela mulher se esforçando ao máximo para convencer aquelas crianças a comerem aquilo que ela chamou de café da manhã. A cena foi tão bem interpretada que parecia que estava sobrando comida na sua dispensa, quando, na realidade, não havia nada.

Nosso paizinho faleceu há sete meses, aos oitenta e quatro anos, bem vividos. Digo bem vividos porque teve o prazer de criar todos os filhos e ver e conviver com seus muitos netos e bisnetos. Dona Maria, hoje, está com oitenta e quatro anos de idade e goza de boa saúde. Mora na cidade de Foz do Iguaçu-PR. Teve oito filhos, dos quais eu sou o mais velho. E eu lhes garanto: ela ainda continua com a mesma disposição para improvisar na cozinha, se for preciso.

LUCIDÉA FARIAS DOS NAVEGANTES

educaneurociencia@gmail.com

Belém – PA



AMOR DE FAMÍLIA

Essa história é baseada em fatos reais. Tudo começou em 1924, quando nasceu **José Guilherme de Farias no dia 20 de março,** no município de **Irituia**, na região nordeste do estado do Pará, em uma família típica do interior paraense, cheia de tradições e culturas indígenas. Rodeado por uma vegetação rica de fauna e flora, rios exuberantes com variedades de peixes de água doce, era um lugar privilegiado pela natureza. Em 1931, nasceu **Antônia de Farias Soares** no dia **07 de maio de 1931** no município de **Ourém do Pará**, também na região nordeste do estado paraense, um lugar com clima quente e úmido, apenas 190 km da capital do estado. Ela era prima de primeiro grau de José Guilherme, pois seus pais eram irmãos. Antigamente, existia uma tradição de famílias escolherem o marido ou a esposa para seus filhos dentro da própria família. Com o passar do tempo, essa tradição foi se perdendo, e com a evolução da ciência, descobriu-se que o sangue igual das crianças impediria de vingar, como se falava antigamente, e de sobreviver nos dias atuais.

José Guilherme cresceu em um ambiente organizado, de respeito e muito amor dentro de sua casa. Aprendeu tudo: a cozinhar, limpar a casa, plantar frutas e verduras, cuidar de uma horta e até a pescar. Sua família sempre o orientava a ser um jovem correto, cuidadoso com sua aparência, responsável pelos afazeres de casa e comprometido com sua religião católica. Ele estava sempre que possível frequentando as missas de domingo e não abria mão de ler sua Bíblia todos os dias. O tempo foi passando e logo chegou à idade de 18 anos, quando deveria se apresentar ao

Exército e cumprir com suas obrigações militares. Em 1942, ele foi servir ao país. Depois de passar um ano nessa missão, voltou cheio de sonhos e esperanças de construir sua própria família. Cada final de semana, ele ia dançar com as garotas do vilarejo. Era um verdadeiro pé de valsa: dois pra cá, dois pra lá, e os embalos de sábado à noite eram só felicidade. Quando tinha festa em outras comunidades, lá estava José Guilherme para dançar com todas as moças que estivessem dispostas. Ele amava dançar, era todo galante, presença agradável, cheiroso e muito elegante. Sempre que chegava aos lugares onde tinha baile, logo era disputado para bailar. Um beijinho pra cá, outro beijinho pra lá, e nada de assumir compromisso com nenhuma moça da comunidade. Sua família estava preocupada, principalmente seus pais. Já estava perto de completar 30 anos e ainda não tinha uma pretendente, uma noiva, alguém com quem planejasse construir um lar. Todos sabiam que as moças das festas não eram sérias para relacionamento; elas só queriam diversão passageira. Foi quando seus pais lembraram-se de sua prima Antônia, que era moça de família conhecida. Eram primos de primeiro grau, mas não tinham convivência e nem amizade. Sua mãe falou:

- Já sei, meu filho José Guilherme, você deve casar-se com sua prima, filha de minha irmã que não vejo há muito tempo. Ela é um pouco mais nova, vocês são primos, devem se respeitar e manter os bons costumes e as boas tradições de nossa família. É a única maneira de seu casamento dar certo. Pense: as moças de fora dificilmente irão aceitar nosso jeito de fazer as coisas. Alguém de dentro da nossa família é o ideal, sem conflitos, sem dificuldades e sem maus hábitos.

Os pais de José Guilherme pediram a mão de Antônia em casamento. Seus pais aceitaram e logo começaram a preparar o enxoval para o casamento do ano da família Farias. A expectativa de José Guilherme era grande para saber o que sua noiva sabia fazer; ele nem conseguia imaginar. Ela foi educada para ser uma verdadeira dona de casa. Aprendeu a cozinhar, engomar roupas de tecido de linho, cuidar dos animais, bordar, costurar, plantar, fazer vinho de açaí, enfim, tudo o que uma moça prendada precisa saber para deixar sua casa um brinco. Finalmente, o dia do casamento chegou. José Guilherme e Antônia Farias. Quando seus olhos a viram vestida de noiva, ele sentiu seu coração acelerar, parecia que ia sair pela boca. A emoção foi tanta que teve que beber um copo de água com açúcar para se acalmar. Ele não sabia que sua prima era herdeira de uma fazenda cheia de vacas, bois e cavalos. Tudo no começo é maravilhoso. O tempo foi passando e Antônia engravidou de seu primeiro filho, que infelizmente logo veio a falecer sem motivo aparente. Dois anos depois, ela engravidou novamente, agora de uma menina, a quem deram o nome de Magna. Era uma criança com aparência exterior saudável, mas seu problema era interno; ela se debatia o tempo todo, deitada dentro da rede. Foi levada ao posto de saúde para uma consulta. O médico a examinou e descobriram que seu problema era sanguíneo: seus pais tinham o mesmo sangue. Esse problema é conhecido como consanguinidade, e a criança não sobreviveria muito tempo. Como José Guilherme era devoto de Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora de Nazaré e também Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, ele acreditava que Deus iria cuidar da filha deles e que tudo ia ficar bem. O tempo foi passando, a menina foi melhorando e Antônia engravidou de novo, agora de um casal de gêmeos. Eles não

conseguiram completar um ano de vida e, pelo mesmo motivo, a culpa foi do sangue igual dos pais.

A família estava crescendo, agora completa com cinco filhos vivos e aparentemente bem saudáveis, com três meninas e dois meninos. Uma fatalidade aconteceu: o quinto filho estava apenas com um ano de vida quando Antônia sofreu um atropelamento bem em frente à sua casa. Ela havia acabado de chegar do centro da cidade, não observou direito e atravessou em frente ao ônibus do qual havia acabado de descer. Não percebeu um carro se aproximando, e quando deu um passo para frente, foi arremessada para longe. Sua perna esquerda quebrou em duas partes. Naquela época, ainda não existia tratamento com fisioterapia, então sua perna foi engessada, e sua filha mais velha, Magna, teria de tomar conta da mãe, da casa e dos irmãos. Nesse momento, começou o sofrimento para todos da família Farias Soares.

Quando Magna percebeu que a cruz que estava carregando era pesada demais, o mundo desabou em sua cabeça. Ela sempre respondia para sua mãe: "Por que eu? Por que eu tenho que fazer tudo? Perdi minha infância cuidando da casa e de todos os meus irmãos. Não consigo estudar, não posso me divertir, não tenho felicidade na minha vida. O que fiz para merecer tamanho castigo? Eu joguei pedra na cruz?" (ou foi coisa mandada? Como diz o ditado).

O tempo foi passando e as coisas só iam piorando. Seu pai, José Guilherme, cobrava cada vez mais responsabilidades de sua filha mais velha, Magna. Ela tinha que ser o exemplo para seus

irmãos, era preciso ensiná-los a cuidar da casa e ajudar a mãe com tudo o que ela precisava. Foi então que Magna despertou e organizou as tarefas dentro de casa, atribuindo a cada irmão uma responsabilidade dentro e fora de casa. Colocou ordem na vida de cada um, e finalmente parecia que sua vida estava melhorando. Veio a triste notícia: descobriu que estava grávida com apenas 15 anos. Uma bomba explodiu em sua cabeça. Seus sonhos de ser uma enfermeira e de ajudar sua mãe foram para o "beleléu", como diziam os antigos, melhor dizendo, para o "fundo do poço". Nada que não possa piorar. Agora, uma gravidez na adolescência, em plena década de 70, era uma grande humilhação para qualquer família da época. Era uma desonra, uma vergonha para uma jovem de 15 anos e, principalmente, para seus pais, uma grande decadência estrutural. O futuro dela estava arruinado.

A família do pai de seu filho não a aceitou, fizeram grandes atrocidades contra Magna. Foi lamentável, uma menina tão dócil, ingênua, imatura, sofrer tanto. Dizem que a felicidade de pobre dura pouco, e às vezes até acredito nisso. Magna teve quatro filhos, todas as crianças bem saudáveis, aparentemente perfeitas, sem problemas nenhum. Sua terceira gravidez foi de uma menina, para a felicidade de todos, uma verdadeira índia, bem linda, com cabelos lisos e negros, brilhantes como uma noite de luar cheia de estrelas. Uma criança encantadora, com olhos iluminados e de uma beleza invejável.

Os primeiros netos do casal José Guilherme e Antônia, mesmo com Antônia em uma cadeira de rodas, eram cuidados pela vovó. Antônia fazia mingau para eles tomarem no café da manhã e

sempre estava ensinando algo importante para todos: a cuidar da limpeza do quintal, dos animais, das plantas. Era uma vovó zelosa e muito amorosa, sempre corrigia seus netos quando erravam. Apesar de suas dificuldades físicas, era uma pessoa muito ativa e sempre disposta a ajudar todos que precisassem dela.

Como tudo na vida, nem sempre são flores, e muitas vezes achamos que a idade passa rápido demais para os outros. Deixamos de nos olhar e ver as marcas em nosso rosto. É, amigos, com os anos ganhamos experiência, maturidade, conhecimento e muitas outras coisas mais... Com José Guilherme e Antônia não foi diferente. O tempo voou, eles construíram uma grande família, com netos e bisnetos, ajudaram seus filhos a criarem seus netos. Sua grande felicidade era ver a família reunida na hora das refeições, com boas conversas, risadas e lembranças marcantes do passado, momentos únicos.

A velhice e os problemas de saúde chegaram. Para a tristeza de todos, em fevereiro de 2013, morre José Guilherme, com 89 anos, deixando todos com o coração cheio de gratidão e saudades de tudo de bom que ele fez por todos. Antônia comenta que, no dia de sua morte, foi um dia especial. Ele tomou um banho, depois comeu sua fruta preferida, que era abacate, foi deitar em sua rede estendida na sala e faleceu. Foi nessa sequência que tudo aconteceu. Como ela sempre diz, foi uma morte feliz.

Em 2015, chega a vez de Antônia descansar, aos 84 anos. Só que ela não teve a mesma sorte. Passou mal, desmaiou em sua cadeira de rodas, foi levada ao hospital e ficou internada por vários

dias. Descobriram, em seus atuais exames dentro do hospital, que os médicos haviam errado sua medicação. Ela tomava medicamentos para o coração, mas na verdade tinha problemas nos pulmões. Sofreu duas paradas cardíacas e voltou para se despedir de sua família. Sua filha mais velha viu sua última lágrima escorrer pelo rosto, ela fechou os olhos e faleceu.

A família corre para fazer os preparativos de seu sepultamento. Seus filhos, espalhados por todo o Brasil, não conseguem se despedir nesse momento memorável na vida de todos. Fica a história brilhante que ela escreveu; seu legado é vivo na vida de todos que a conheceram. A saudade é inevitável, e as conversas e seus bons conselhos sempre estarão em nossa memória.

Lucidéa nasceu em 19 de março de 1975, em Belém do Pará. Já trabalhou em São Paulo, Rio de Janeiro, Canaã dos Carajás e Belém, e atualmente mora e trabalha em Santa Catarina. É professora, já realizou diversos projetos de evolução pessoal com neuroaprendizagem na área da educação, ama sua família, amigos e alunos, e seu hobby preferido é escrever histórias reais.

LUIZ DE PAULA

luizpaulaadm@hotmail.com

Caçador – SC



A LUZ DA VIDA, APESAR DAS DORES

Uma escada de acesso externo para o segundo andar de uma casa, adaptada em cima de um paiol na fazenda de seu tio, era o que restava para Kowalski descobrir o que acontecera com Bartira sua esposa. Casados, um amor instigante e intenso, que contornara as dificuldades enfrentadas dia pós dia por 14 anos. Kowa como era chamado desde pequenino, era muito trabalhador. Bartira batalhadora, pessoa concordada, morena bonita, olhos azuis, personalidade forte, não media esforços para manter um lar saudável e dedicado, mantinha seus caprichos como uma costureira, preparava os últimos acertos nas roupas que fazia para o mais novo habitante daquela casa, ainda sem um nome escolhido, mas estava próximo de nascer. E até ajudava no orçamento da casa com suas encantadoras costuras. Se conseguisse sucesso em todas às vezes que engravidara, já seria o quinto filho, já que Bartira teria tido diversas complicações ao longo dos anos e por muitas vezes, por se tratar de uma gravidez com dificuldades de se concretizar. Redobrava os cuidados com o filho e com ela mesma. Muitas vezes Kowa era surpreendido pelo mal-estar de Bartira, até que concluía mais uma vez o sonho frustrado de ser Mãe. Dado a uma endometriose crônica e outras complicações. Mas desta vez o sonho era mais forte. No final de uma tarde de primavera, sujeito a chover a qualquer momento, cansado, muito quente, Kowa encerra suas atividades do dia, ao chegar em casa, senta-se na escada, seu trabalho era ajudar seu tio nas atividades da fazenda, de onde queria mudar-se.

... encontrara seu tio na cidade, – Kowa! Não o vejo a três dias, o que ouve? Por onde tem andado? imaginei que estaria em

viagem ao sul em busca de trabalho, o que há com você parece tão abatido. E Bartira está com Você?

- Meu tio Bartira está na fazenda, como não a viu? – Não a vejo a três dias, não ouço ruídos na casa. Tenho me envolvido na plantação, as chuvas estão para chegar, preciso aprontar a terra. – Como não a viu meu tio?

Kowa olhou para a caminhonete de seu tio, seus pensamentos confusos, percebe que está carregada de novilhos, serão vendidas, para a compra de sementes de milho, produto cultivado na fazenda.

- Kowa, Kowa, Kowaaa...chama o Sr. Pontes, tio de Kowa, sem sucesso.

Após uma disparada de volta para casa, esta que ficava a seis quilômetros da cidade, corre muito, através de colinas, campos, caminhos íngremes sem parar. A dez minutos da fazenda, já na estrada principal, começa a chamar por sua amada... Bartiraaaa, Bartiraaaa..., já se sentindo sem fôlego, exausto, com olhos esbugalhados, rosto todo empoeirado, chega na fazenda.

Vencendo subir as escadas, encontra a porta entreaberta, grita muito por Bartira, sem respostas, vasculha os quartos, banheiro, um silêncio gritava em sua mente, deixava-o ainda mais tenso, com medo e tentando entender. Ao abrir uma janela, dava vistas ao horizonte onde observavam quase que todos os dias o sol se por. Viu um risco de poeira vindo em direção à fazenda, era seu tio, que após concluir seus a fazeres na cidade, voltava para casa. Kowa desceu, foi até a casa grande, em busca de resposta com sua tia que está de cama, recuperava-se de uma forte enxaqueca.

- Tia, você viu Bartira? – Meu filho, só vi seu pai essa semana, nem Você eu vi depois do almoço de domingo. Kowa volta ao encontro de seu Tio que acaba de chegar.

Os dois voltam a procurar por toda a fazenda, até mesmo no galpão último local, onde se guardava feno para os animais, nada de Bartira.

Praticamente esgotado, Kowa volta para sua casa, senta-se na escada, e sem ação enquanto descansa, tanto era o seu cansaço.

A noite chega...

Kowa...Kowa... Kowalski, acorda você dormiu aqui fora, na escada, acorda!

Sem entender nada, com o pescoço doído e duro por ter dormido mal naquela escada, acorda, e ao olhar para o último degrau da escada acima, ouve uma voz, é de Bartira chamando-lhe para entrar. — Já está escuro. Kowa não conseguia definir a realidade ali em sua frente, vendo Bartira lhe chamando e tocando para acordar.— Entra meu amor, o jantar está pronto. — O que houve? Você...! Você...! — O que foi Kowa está tão abatido? — Eu estava a lhe procurar, mas como? Venha, lavar-se e vamos jantar, depois você me conta o que aconteceu. Após o banho, Kowa senta-se a mesa para o jantar, quando chega em sua porta sua Tia, que sempre visitara Bartira para saber e acompanhar sua gestação, já que tinha e sabia do histórico de sua saúde.

Kowa em seu silêncio, ainda que tudo estava assustador, pergunta: — Tudo bem, minha Tia, como a Senhora está? Querendo certificar-se que estava tudo bem.

Estou ótima sim, vim ver como estão, pois, o dia está chegando, e tudo deve estar em ordem, para o grande dia. — O

grande dia, sim... o grande dia, com o tom baixo de voz, responde Kowa.

Passados alguns dias, Bartira reclama novamente de um mal-estar, igual outras vezes não consegue se sentar, fica meia deitada, meia sentada na cama, com uma perturbação misturada com o medo que toma conta de sua alegria, de estar quase chagando a hora, passa muito mal à noite, não consegue dormir, está com febre. O médico mais próximo está na cidade, a quem deveria ser buscado apenas por seu tio, que possuía o único veículo naquela região. Naquele momento encontrava-se carregado de feno para distribuir ao gado, nos coxos da fazenda, a alguns minutos dali. Nesse meio tempo, chegaram alguns vizinhos de fazenda, com seus cavalos, oferecendo soluções, seja de ordem da religião, alimentos, presentes em homenagem. Alguns até com remédios, chás para ajudar. O anoitecer não demorava, quando o tio de Bartira chega com seu veículo já vazio, pronto para socorrer a sobrinha. Vendo que, às pressas, Kowa desce do carro e sobe correndo as escadas de sua casa, os vizinhos depositaram suas oferendas na mesa da varanda, deixaram mensagens ao Sr. Pontes e voltaram a seus cominhos de volta. Kowa surge na porta e põe-se a descer as escadas com Bartira no colo. Seguem para a cidadezinha, a tardinha, confusos, com medo e expectativas. Bartira com gemidos cada vez mais fortes, suando, resmungos quase inconscientes.

Kowa empurrou a porta com os pés, a porta apenas encostada, entra adentro com Bartira e grita: - Doutor, chamem o Dr. Chamem o Dr., prostra Bartira em uma cama e corre chamando o Doutor, nada o fazia entender tanta demora, não havia atendente, não havia enfermeira, não havia o doutor. Kowa pega um copo de

água e leva para Bartira que se contorce no leito, escuro mal arejado. Bartira tenta beber água, vira-se e vomita em seguida, sobre os pés de Kowa. Passados algumas horas, chega o doutor, as pressas, pois o Tio de Kowa havia o encontrado numa igreja, visitando o padre que se recuperava de febre-amarela. Como você está querida, Bartira sem condições de falar, e despercebida sobre o doutor. Apenas gritava: - vou morrer... meu filho. O Doutor percebe que está grávida e o pior, um parto naquele momento não estaria pronto, precisava medicar. Ao ministrar alguns calmantes, entre outros remédios, já se passavam quase duas horas, Bartira foi aos poucos se acalmando, ainda com dores conseguiu expressar sua maior curiosidade, - Meu filho está bem doutor? A troca de olhares do médico com Bartira e Kowa foi uma clara resposta da dúvida e do medo que o Doutor tinha sobre as condições de saúde do bebê.

Já na ante sala com o Doutor enquanto Bartira dormia, Kowa discorria sobre sua nova experiência de tantas que vivera, sobre as dificuldades de Bartira, sobre o quanto era confuso, pois estava em novamente naquele impasse. – Dr. é sempre a mesma coisa... não temos o que fazer, mas nosso sonho é ter um filho, pois nossa felicidade chegaria instantaneamente com esse feito. Doutor deixa Kowa na sala e retorna para examinar Bartira e seu rebento.

Por mais que o sofrimento de ambos e a decepção até aquele momento fosse avassalador, a perseverança tomava conta do casal amante, sem precedentes, principalmente quando se tratava do sonho que alimentavam a 14 anos.

Doutor chamou sua assistente, e solicitou que ficasse passando a noite com Bartira e que qualquer coisa que acontecesse

o chamasse imediatamente. Enquanto ainda dormia, Kowa fora dispensado para voltar a sua casa.

Embarcou na caminhonete de seu Tio seguiram em silêncio, sem dizer uma só palavra até sua casa. – Kowa se precisar de alguma coisa pode chamar. – Obrigado Tio, dá um beijo na Tia por favor! Diz a ela que está tudo bem agora. Ao entrar para sua casa, Kowa precisava aliviar sua tensão emocional, e tenta entender o que a vida lhe traria de surpresas desta vez, após algum tempo sentado na varanda, olhando para a escuridão, como se estivesse procurando algo que lhe mostrasse que tudo aquilo era apenas um sonho. Imaginava que aquela imensidão, sem poder ver um fim, traria seu amor de volta, a qualquer momento. O silêncio novamente grita em seu consciente. Levanta-se, vai para o quarto, não consegue dormir, ora, como sempre dizia, algumas vezes “conversei com Deus, hoje” contava muitas vezes a Bartira, assim o fazia a noite toda, conversava com Deus e o questionava muito.

Entre idas e vindas à cidade com seu Tio para visitar Bartira, já se passara 15 dias, Kowa emagrecera muito, não comia direito, pensativo refletia sobre o que o Doutor lhe falava a cada visita, parecia não ver progresso, isso lhe consumia. Numa dessas voltas para casa, com saudade de uma boa conversa com a esposa, foi sentar-se embaixo de uma figueira centenária que tinha atrás da casa grande, onde ficava por horas e horas com Bartira, sonhando, fazendo piquenique, sentindo o ar puro, louvando a natureza, coisa que ao falar com seu Deus como sempre dizia, agradecia, ao contrário daquele momento que já estava a ignorar esse papo de conversar com Deus, pois o que recebia segundo ele era sofrimento.

Uma certa manhã, após o café já pronto para o trabalho, observa que chega um carro na casa grande, que de sua varanda

via todo o movimento em frente à casa de seu Tio. Mas logo percebeu que àquela movimentação era atípica, saindo da rotina normal, atento, Kowa percebeu seu Tio saindo da frente da casa grande e apontando para a sua casa. O veículo em movimento, dirigia-se para a casa de Kowa. Quase caindo desmaiando, gelado, uma palpitação lhe fazia o coração disparar. — Bom dia! Sr Kowalski, — sim, pois não! - Meu nome é Bily, vim a mando do Dr. Jhonathan que pedira para vir lhe buscar. — O que aconteceu? Pergunta Kowa com uma voz tremula. Não posso lhe dizer nada, pois o Dr. apenas pediu para vir buscá-lo. — Só um minuto, já desço. Foi até o quarto, até o banheiro, voltou ao quarto sem pegar nada, saiu e embarcou no carro. Olhava firmemente para aquele motorista que não conhecia, achando que ouviria algo sobre Bartira, mas, Sr. Bily apenas fazia comentários sem sentido e sem interesse a Kowa. O caminho até a cidade era interminável, a sensação era que não conhecia aquele caminho, naquele momento tão obscuro para Kowa. Chegando a clínica do Dr. entrou correndo para desvendar o motivo de terem ido lhe buscar. Ao empurrar a porta, o Doutor lhe convida a sentar, ofegante. - Dr. e a Bartira como está? — Calma Kowalski, sente-se vamos conversar. Então, Bartira teve mais uma crise essa noite, e quase não consegui contornar, como ela está de 7 meses e 20 dias, sugiro fazermos uma cesariana e tirarmos o bebê, pois poderá haver uma complicação uma próxima vez e colocar em risco a vida dos dois, mãe e filho. Então estou lhe chamando para resolvermos isso, antes que seja tarde, pois ambos correm riscos de morte. — Dr. preciso pensar, -Seja rápido, inquiriu o médico, os riscos são eminentes, além de outras complicações prejudiciais. Kowa a cirurgia será amanhã, só preciso de sua autorização. — Dr. porque me chamou se já tem tudo pronto,

marcado e decidido. Nada importa minha opinião. — Kowa temos que pensar em salvá-los, independente de decisão, estou apenas lhe informando para sua ciência e autorização. — Doutor, salve-os por favor!

Kowa, seu Tio e sua Tia, aguardavam do lado de fora do hospital, num jardim cheio de flores tentando se controlar, pela impaciência de Kowa, pois já durava 2 horas a cirurgia. Mais um tanto e surge no final do corredor de flores uma assistente do hospital e chama, -Sr. Kowalski, o doutor está a lhe chamar. Kowa abraça sua Tia e segue. — O Sr pode aguardar aqui nesta sala que o Doutor já vem. Foi os 10 minutos mais longos da vida de Kowa. — Dr. como está minha esposa? Pergunta Kowa. — Garoto Kowalski fizemos o que pudemos, o bebê está bem, é uma linda menina. — Sim, que bom e a minha esposa Doutor? — Poderá entrar para vê-la, antes de entrar a enfermeira traz em seus braços e mostra uma linda menina rosada e enrolada em um tecido branco. — Sr. Kowalski olha a sua filha, diz a enfermeira, ela é linda. — Sim, ela é linda, e onde está minha esposa? — Vou levá-la a sala da maternidade, como ela nasceu um mês antes, precisa de cuidados na estufa, oxigênio, mas está muito bem, o doutor Jonathan irá conversar com o Senhor.

— Dr. Por favor me fala como está minha esposa? — Infelizmente Kowalski sua esposa não resistiu aos procedimentos, tivemos que optar em salvar o bebê, eu sinto muito. — Doutor por quê? Por que doutor? O que aconteceu? Nunca imaginei que não a salvaria... impõe-se de joelhos aos pés do Doutor. Meu caro, Deus lhe deu uma linda menina que amará tanto que suportará sua perda, eu sinto muito, retirando-se o Doutor por entre cortinas de salas em um corredor. Kowa se vê sem saída, sem uma solução,

sem chão, — por que Deus fez isso comigo? Porqueeee... Bartiraaaaaa! Cai sobre o chão agarrando uma almofada de criança que tinha na sala de espera. O desespero toma-lhe a vida naquele momento. Ao chegar nos limites, entra na sala sua Tia e seu Tio, que o abraçam e pedem calma a Kowa, e sugerem que deverá pensar em sua filha.

Ao final da cerimônia de Bartira, Kowa com muito pesar deposita em sua lápide uma mensagem, “Você participará de nossas vidas, em nossos corações”, adeus meu Amor”.

Passaram-se três anos, Kowa batizara sua filha com o nome de Bartira, o que emocionou muito a comunidade, pelo prazer e o amor de chamar e ou citar esse nome pelo resto de sua vida.

Ao enfrentar a solidão sem seu amor, sem uma boa conversa no final da tarde com sua esposa, o que faziam com frequência na varanda vendo o sol se pôr no horizonte, Kowa foi até o quarto, deixou Bartira sua filha na cama, e foi vasculhar nas coisas de Bartira sua esposa, seus guardados, seus livros, suas cartas da época de namoro, suas joias. Ao abrir uma das caixas, já dopado com o cheiro que sentia de seu amor em suas coisas, encontrou um diário, “Diário da Bartira”, pensou muito se teria coragem de abrir e ler uma só palavra, mas, seu amor o autorizava, pois era seu maior motivo de viver naquele momento. Ao iniciar a leitura, percebeu nas escritas de Bartira que tudo começou quando iniciaram sua vida matrimonial. As palavras eram doces ao serem pronunciadas, que somente ela poderia escrever. Transcorreu por atos e fatos lendo seu diário, até que Bartira começou a chorar, estava na hora do jantar, e estava com sono. Guardou o diário, e foi com sua filha após o jantar, para mais uma noite avassaladora pela ausência da esposa.

Numa manhã de domingo, Kowa levantou cedo, preparou alimentos, brinquedos, guarda-sol e o carrinho de Bartira, e dirigiu-se para embaixo da grande figueira próximo à casa grande, passar seu dia com Bartira sua filha, como fazia com Bartira sua esposa. Após corridas, brincadeiras e proza, como se Bartira estivesse entendendo tudo. Em dado momento pegou o diário e continuou a leitura, tão logo chegara um momento em que lia: *“Meu amor por Kowa é tão grande que um dia darei um filho a Ele, fruto do nosso amor, é o sonho que impera em nossas vidas, e sei das dificuldades que tenho em contemplar esse ato de amor em nossas vidas, porque não sei se Deus me permitirá, mas se assim for, ou não, quero que os deixe, ou deixe-nos viver juntos, e ou que vivam juntos, ou que vivamos juntos, independente da minha presença, ou não, que eu consiga brincar junto com eles sobre os momentos mais desejados por nós em nossas vidas. Meu Deus, quero participar, ou eu, ou eu como uma borboleta, que voa e ronda nossas vidas, mesmo sem saber o sentido. Muitas vezes vivemos observando uma borboleta, sem saber o significado, então meu Deus, ou Eu, ou como o vento, ou como uma borboleta quero tocá-los e quero participar da vida de meus amores”*. Kowa sem segurar as lágrimas, se viu lendo em voz alta para Bartira que parecia estar prestando atenção naquelas palavras. Ao encerrar aquela tarde iluminada por um sol sem igual, Kowa junta as bugigangas e sai empurrando o carrinho, cantarolando com Bartira, até ser alvejado por uma brisa que chega a levantar algumas folhas à sua volta, até que uma borboleta linda azul-céu, brilhante, encanta ao bailar sua revoada por volta ao caminho de Kowa e Bartira, fazendo os parar e observar que seu voo, seguia para o lado do sol poente, e que se fundiu na luz do sol que se punha lentamente, até desaparecer. Nesse momento Kowa respira fundo e percebe que seguirá em frente com Bartira a filha,

e com Bartira a esposa, entre a brisa, as borboletas e a luz do sol, até onde a vida lhe levar, até a um novo encontro com Bartira.

LYSLEI NASCIMENTO

lysnascimento@gmail.com

Belo Horizonte – MG



Todos os animais da terra tremerão de medo diante de vocês: os animais selvagens, as aves do céu, as criaturas que se movem rente ao chão e os peixes do mar; eles estão entregues em suas mãos.

Gênesis 9:2

ONDE ESTARÃO OS DOBERMANS E OUTROS ANIMAIS DESAPARECIDOS?

As abelhas – quem diria? – foram os seres vivos mais importantes da Terra. Sua importância, prefigurada em suas construções rigorosamente matemáticas, foi ignorada ou explorada por anos a fio. Com o seu desaparecimento, não é mais possível fazer lua ou pão de mel. Nem os lábios da brasileira de José, o Alencar, podem ser comparados ao seu néctar. Ninguém mais sabe o sabor que eles tinham. O aviso, talvez tardio, da Royal Geographical Society de Londres foi sumariamente ignorado. A Academia Mundial dos Letrados não se manifestou, ao contrário, elegeu outros animais para serem prestigiados com medalhas, medalhas, medalhas. Seres alados tão pequenos não podiam, afirmavam os exterminadores de florestas, reger o planeta. Estavam enganados. Fizeram ouvidos moucos. A Rainha-Mãe esperou inutilmente que a Abelha-Rainha e Alice a fizessem companhia no chá das 17h.

As borboletas desapareceram dos jardins, das casas, das praças, das matas próximas e longínquas há muito tempo. Desde as coleções infantis, seus sarcófagos, em forma de álbum, anunciavam o seu extermínio. Os arco-íris alados presos por alfinetes exibiam torturas ignoradas. Antigamente, suas cores aladas feitas de pó translúcido formavam arcanos semelhantes aos olhos das corujas e iluminavam de azul, vermelho, amarelo, os caminhos dos homens. No lugar das Atírias, surgiram, maciças e monstruosas, asas de concreto cinza-escuro como as estátuas da última morada. Arquitetos, engenheiros e artistas – que as conceberam para habitar praças e jardins de pedra – creem iludir

os passantes e aqueles que se demoram nos bancos à espera de milagres, inexistentes em tempos de megalópoles, que façam farfalhar as asas petrificadas numa ressurreição do voo.

Onde estarão os Dobermans? Ou os cães dos Baskervilles? Eles desapareceram, silenciosamente, da rua, das casas, dos depósitos de gás, no mês dos cães danados. Não se sabe por onde andam. Nem há notícia de um colóquio de cães. Latidos, ganidos e uivos não se ouvem mais na madrugada. Onde estarão os cães e sua proverbial fidelidade canina? No entorno da Pampulha, um rapaz, de ombros e outros membros superiores excessivamente malhados, passeia com seu Pitbull sem focinheira, também esquizoide e de patas dianteiras mais desenvolvidas do que as traseiras, atrofiadas. Onde estarão os Dobermanns? Enjaulados. Aguardando, raivosos, dentro de nós.

Os dromedários já estiveram, outrora, entre nós, mas nunca os percebemos. Eles vagavam, com uma só corcova, entre outros camelos. Seus olhos, antes altivos, tornaram-se baixos, miravam o chão. No deserto – esse labirinto em que estamos irremediavelmente presos, dromedários ou não – eles variavam de memória, de miragem, de dores, como nós. Sempre curvados, tão diferentes de o homem que calculava, esses estranhos seres permaneciam acometidos por uma estranha mácula na retina a fitar a areia que, algumas vezes, toldavam-lhes a visão. Nenhuma lágrima foi vista, nem antes, nem depois da extinção.

Os elefantes, que não subiam em árvores, nem esqueciam, foram assassinados e esquecidos por seres muito menores do que eles. A memória dos não elefantes é curta e bruta. Ela menospreza a monumentalidade das orelhas pensas daqueles seres superiores. Suas presas, tais quais os caninos de morsas, narvais (as baleias

dentadas) ou hipopótamos, se tornaram peças entalhadas, enfeites de marfim. Para além desse nefasto acervo, o caçador desejava ter poder sobre aquele grande ser. As obras de arte derivadas do assassinato desses animais são perenes como bibelôs, junto a xícaras de ágata, sobre as mesas, nas teclas do piano, dentro das gavetas, em prateleiras cristalinas de colecionadores atrozes.

O dia, tal qual o conhecíamos, não amanhece porque não há mais galos para tecer as manhãs. Amanhã, quem sabe, um pintainho cor de nuvem, há de, apesar de tímido e pequenino, enfrentar a noite escura e infinita, subindo corajosamente na cerca que nos separa, desafiar a lua e as estrelas e, por três vezes, chamar, com seu canto mavioso e solitário, não a traição, mas a um terceiro tom a que chamamos aurora. O galinho, assim, se tornará o solilóquio heroico do nosso tempo.

De estranho plural, os Joões-de-Barro foram, sobretudo, pássaros construtores. Os pedreiros das florestas também eram, antes de serem extintos, acusados de ironia mais rasteira, ciumentos e assassinos de suas amadas. Correu, à boca miúda, que um deles, cego pelo ciúme, em defesa de uma honra que não se sabe qual, selou a porta de sua casinha, deixando, encerrada nela, sua companheira que, diziam Otelo e Bentinho, o traía. Quando habitavam as matas e, de vez em quando, os beirais das casas, eram conhecidos pelo ninho de barro em forma de forno construído com esmero. Ave de la Patria foi, ou ainda é, nunca se sabe, a ave-símbolo de um país da América do Sul. Lá, ele era chamado de hornero. Antes de ser exterminado, o construtor de fornos ardia de amor e de ciúmes.

O verde, de todos os matizes, desapareceu há muito do planeta. Muito antes dos animais, alguma nuança, ainda que

tímida, existia, quase invisível, no amarelo do fogo, nas queimadas, nas cinzas. Os Louva-a-Deus, com suas mãozinhas postas como se rezassem, e seu verde que te quero verde, a lembrar as florestas extintas, não fizeram recuar os assassinos. Ninguém jamais os deteve. Uma Louva-a-Deus nomeia, agora, poderosa serial-killer que, nas inumeráveis redes digitais, exhibe tremendos olhos cor de ardósia.

Os peixes-boi eram mamíferos e não peixes. Como os golfinhos, os delfins e os botos, durante muitos anos, foram confundidos com outra espécie. Apegados aos humanos, esses seres ambíguos, em extinção, foram proibidos de serem olhados nos olhos. Sua natureza dupla, ambas comestíveis, era, na verdade, uma síntese. Os peixes-boi sumiram das águas. Primeiro, eles mugiram nos pratos dos infelizes que os capturaram em megalomaníacos aquários para pantagruélicas refeições. Depois, silenciosamente, faziam farfalhar as barbatanas pelos rios, pelas bacias. Sua caça foi aberta, dizem, quando os golfinhos, os delfins e os botos cor-de-rosa também desapareceram.

Os tigres sempre estiveram entre nós, como gatos analisados. Eram, sobretudo, tigres monumentais disfarçados. A dupla e secreta identidade dos felinos domésticos só aparecia nos espelhos, ao se tornarem azuis e atravessados, ao que parece, cabalisticamente, pela escrita de Borges. Os pais, imprudentes, levavam os filhos ao último refúgio ou cárcere para que seus rebentos pudessem contemplar, incólumes, os três tigres tristes que ali habitavam. Os hipergatos – gatos, gatos, gatos – ronronavam à roda dos seus fascinados capturadores ou, mais tarde, espectadores famintos que pagaram milhares de dólares por sua carne exótica. Mortos os tigres selvagens, na casa aconchegante dos escritores, os

gatos desapareceram. As pegadas destes e daqueles jaziam impressas nos livros das bibliotecas também extintas.

Os vaga-lumes, ou pirilampos, se volatilizaram na imensidão. Mistério profundo era sua produção e emissão de luz. Um inseto de luz própria insuportável para os bípedes enciumados. Reza a lenda que a bioluminescência emitida por esses seres alados se daria por conta de pigmentos denominados de luciferina. Em verde fluorescente, brilhavam, nos pirilampos, a parte inferior do abdome. Alguns deles possuíam faixa preta, como a dos judocas ou das abelhas, que também desapareceram do mundo. O faixo de luz dessas criaturas da noite, por cima das árvores, como lanternas, era de, aproximadamente, um metro! A vida precária desses seres era somente no verão. Segundo observadores da vida microbiótica, os vaga-lumes, embora pudessem viver de 1 a 3 anos, comiam lesmas e caramujos, que também desapareceram do mundo dos vivos. Nas árvores apodrecidas, nas matas e nas florestas úmidas, em brejos, em campos e em cerrados, também todos mortos, as pirilampos-fêmeas botavam seus ovos e esperavam os filhos nascerem brilhantes como os avós. Não há avós nem netos luminosos em um mundo sem pirilampos.

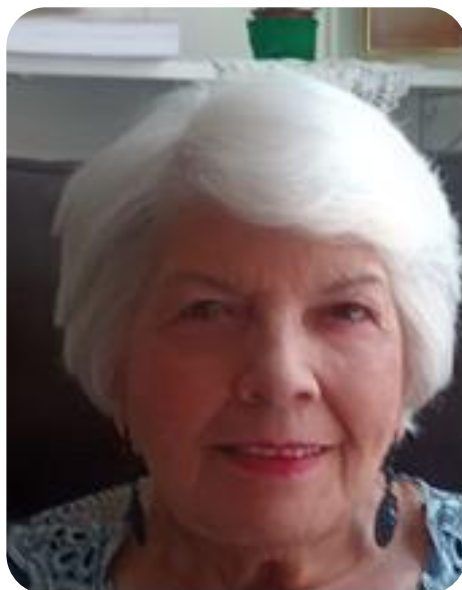
Muitas vezes confundidas com cavalos vestidos para dormir, as zebras começaram a desaparecer quando designaram, no dicionário, tanto os mamíferos africanos de pelagem listrada de preto e branco, quanto as faixas de pedestres, as pessoas de pouca inteligência, o resultado inesperado das competições ditas esportivas, como o futebol, as roupas com listras, inclusive a de presidiários, e os hábitos peculiares, extravagantes, repetitivos, as ideias fixas, as esquisitices, as manias e as maluquices.

Disfarçando-se em peixes-zebra, elas tentaram ser, inutilmente, uteis como cobaias para experimentos. Daí surgiram, ao que parece, as zebras com bolinhas em vez de listras, excluindo-as, por conta dessa anomalia, também da Arca.

MARIA IMACULADA COSTA

m.imaculada45@gmail.com

Contagem – MG



O AMÉM DOS ANIMAIS

Numa casa de amigos
Havia uma festa de aniversário;
Muita gente se divertia
Quando ouviram alguém dizer:
— Meninos, por favor!
Venham ver o que aconteceu.

Lá se foram todos correndo
Procurando daqui pra li
Nada viram de interessante!

Mas quando passaram no quarto
Viram, miando, uma gata
Que cobria com suas patas
Seu filhote com carinho.

Foi aí que o moço falou:
— Leva pra você menina!
Seu presente de aniversário

A menina parou e sorriu
As outras numa só voz gritaram:
— Dá pra nós, dá pra nós...

Mas a garota contente
Com o presente que ganhara
Diante de toda gente

O gatinho apanhara

Foi buscar o irmãozinho
E pra ele o doou
Foi aí que o menino
Virou seu dono e foi brincar.

Este foi o começo de tudo
Que agora vou contar:
— Deu-lhe o nome de Floquinho
— Aquele lindo gatinho
De quem estou a falar

Dorme muito o dia inteiro
E só mia pra comer.
Mas quando seu dono chega
Então é lindo de se ver.

Enquanto este não para
Pra lhe dar atenção
Mia, mia sem parar
E só cala quando o vê
Com a sua ração chegar

Às vezes fica dengoso
E na cama vai deitar
Não mia pra mais ninguém
Até seu dono chegar.

Aí ele vai pro quintal
Procurar o que fazer.
Nunca teve companhia
Nem chegou a conhecer.

Olha a lua e as estrelas
Lá em cima a brilhar.
Parece que tudo entende
Fica esperando que a gente
Vá lá fora a procurar.

Floquinho, Floquinho!
Alguém se põe a chamar
Quando escuta, responde:
— Miau, miau...

A gente então entende
Que nessa vida da gente,
Um bichinho é sempre bom.
Mas eu fico a pensar:

Será que quer um chamego?
Está miando pra pedir
É tão mansinho!
Mas não gosta de ficar sozinho.

Torna-se impossível a nós
Não gostar dos animais
Sejam eles quaisquer um

Muito amados ou não
Só não devem ser largados
Como seres desvalidos
No mundo com ingratidão.

A toda gente da Terra
Faço a minha apelação
Porque, de vocês espero
Que a isto preste atenção

Nosso Planeta precisa
De mais gente de valor
É a nossa Pátria querida

Precisando ser ouvida:
— Estamos carentes de amor!
— Cuidem dos meus animais.

MADÁ ROSA

madards@hotmail.com

Brasília – DF



MEMÓRIAS DE UM COMA

Tudo começou no dia 08/04/2019, porém vamos ao que antecede.

Após os festejos do carnaval, Maria se dirigiu a icônica fazenda em que fora criada, onde reverbera as imagens da sua saudosa e inocente infância. Na fazenda Jabuti, além da alegria de encontrar a família, viveu a experiência marcante de acordar às 4:30 para ver o sol nascer, ouvindo o canto dos pássaros e a natureza despertar em todo seu esplendor. Experiência única, coisa que nunca havia feito antes, com o olhar da observadora.

Após esse inusitado fato que marca o fim de suas férias, retorna ao lar e precisamente no dia 08/04/2019, começa a experiência. Significativos acontecimentos que a levaram ao mergulho mais profundo de sua consciência na inconsciência: O Coma.

Fatídico dia, acorda cansada com falta de ar e, ao mesmo tempo, sentindo uma dor, um torcicolo. Chega à cozinha, procura um analgésico, encontra um dorflex, ingere. Ansiava um efeito de cura imediato.

Em pouco tempo o efeito devastador. Começa a sufocar a dor aumenta rapidamente, seus filhos sentiram o drama e imediatamente a socorreram. Chega ao hospital sem sentidos. Os procedimentos de internação foram feitos sem que tivesse consciência, a memória se apagou, não viu se caiu e nem como a socorreram, após internada e entubada, já na UTI, a família foi avisada. O Choque!

Começa a saga de Maria.

Maria entrou em uma espiral e passou a girar, girar sem parar, estava deitada em uma cama grande, coberta com uma colcha branca enfeitada com um laço preto, tudo girava continuamente, 24 horas sem cessar. O episódio se deu no sábado e imaginava que na 2ª. feira, quando seus filhos chegassem em casa, eles a tirariam daquela situação.

Só que chegou 2ª. feira e eles não se aproximaram de sua cama e para piorar foi convocada por um Conselho, definido por um rígido Protocolo. O Conselho estava muito bem informado, não é que sabiam tudo que se referia a sua vida? De agora em diante teria que se submeter ao Protocolo, porque havia sido acometida por uma embolia pulmonar e sua vida estava nas mãos do Protocolo, uma situação imposta.

Descobriu que sua casa tinha sido hackeada. Foram instalados programas que deixaram sua vida sob o domínio do chefe do Protocolo, com sons que alteravam sua consciência, assim, passou a viver sob os efeitos desses sons, que constantemente a colocavam em transe.

O líder do Conselho, atrevidamente, se apoderou de sua casa, encaminhou todos os membros do Protocolo para lá e estrategicamente envolveu seus filhos que também perderam a privacidade, porém eles não se incomodavam, achavam até divertido, mas Maria, sim, estava incomodada, o que fazer?

Todos os dias era submetida a um ritual de hipnose. Ficava girando e ouvindo sons alucinatórios com falas inaudíveis até ficar totalmente fora da realidade, a vida fora de controle.

Não tinha liberdade em casa, pois eles se mudaram para lá, se apossaram do que era seu e dos seus mais caros afetos. Diziam que seus filhos eram seres evoluídos, que podiam participar dos

rituais já com uma iniciação feita por eles, e assim, os meninos começaram a participar dos rituais, e todos que iam à sua casa, também. Berenice, sua irmã, que a visitava diariamente, participava entusiasmada. Ninguém percebia que havia um domínio sobre Maria e tudo seguia como se fosse natural. Os transe diários, indo e voltando nos giros sem fim.

Depois de vários dias que lhe pareciam intermináveis, entrou numa nova fase, teve a convicção que iria escrever um livro, pensava num título “Quando Madá Rosa dançou”, pois percebia que tinha perdido o norte de sua vida, era como se não tivesse mais controle sobre si mesma, sua vida estava nas mãos do Protocolo, sua casa estava nas mãos do chefe e ela estava à mercê deles. Totalmente subjugada, sem ação, sem reação, mas seu íntimo reagia, mesmo sem compreender, sua mente estava viva.

Sem entender, via tudo que se passava e não tinha força de ação, porém seu mental dizia para documentar sobre como se realizavam aqueles rituais, o Protocolo era um ritual enorme e ela estava colhendo material para escrever como tudo funcionava, era agora uma investigadora que atentamente pesquisava informações para constituir um dossiê.

Subjugada pelo efeito da medicação que impensadamente ingeriu, seus reflexos continuavam tolhendo a realidade, pois diariamente Maria se preparava e participava do Conselho. Ao término de cada ritual todos se transformavam em uma cápsula, um corpo inerte, como uma figura de uma pessoa num casaco de pele, fechadinha num envelope e o nome desse Conselho era “Aspirina Efervescente”.

Passam-se alguns dias, eis que Robert Suzo, seu companheiro, chega em sua casa, e desta vez não ela não o buscou

no aeroporto, ele veio de Uber e, ao encontrá-la, passou a afirmar repetidas vezes: “amor, cheguei, estou aqui, olha para mim, estou aqui, tudo vai dar certo”, ela o olhava e o ouvia reafirmando “tudo vai dar certo”. Ela observava a casa cheia de gente, aquela gente do Protocolo. Isso a deixava por demais abobalhada, sem saber o que fazer. Robert Suzo continuava afirmando, talvez para lhe tranquilizar: “meu amor, está tudo bem, tudo vai dar certo”.

Ela achava estranho aquela atitude e presenciava um grande encontro, Robert Suzo e toda aquela gente, a fala das mulheres do Protocolo que afirmavam que iam deixar o casal, a sós e mesmo assim ninguém saía e ela não entendia nem o porquê de tanta gente e nem o porquê daquela fala: “está tudo bem, tudo vai dar certo”.

Seriam alucinações?

Após a chegada do Robert Suzo e a inesperada visita de uma amiga, foi noticiado que haveria um encontro com a turma da astrologia.

O encontro com a turma da astrologia seria um jogo que se deu em um grande jardim, onde tudo se transformava, ora era gente, ora eram bonecos de massas comestíveis, alguns eram flores. Robert Suzo também estava lá e lhe ofereceu de presente, uma pétala de flor que ela ingeriu dizendo que era ótima.

De repente, não mais que de repente lá estava Maria em um shopping, bem ao lado de um hospital e pressentiu que queriam lhe internar, mas antes, todos foram a um curioso espaço com grandiosos cenários de fantasias, nesse espaço cada pessoa se transformava numa representação de animal e logo depois se transformavam em bonecos e casas de madeira onde os jogadores

tinham que dominar outros bonecos. No jogo, Maria domina um boneco que se chamou nasurdim.

Ali ela identificou Mat, Karol, Harbis e Igo brincando no jogo sem responsabilidade, então vai a eles e diz: “mudem de atitude, pois esse jogo é o jogo da vida e vocês precisam vencer”. Segue seu caminho e assim que termina a competição eles instantaneamente se transformam em bonecos. Entenderam a mensagem e a deixaram feliz, pois era o sinal que assumiram a responsabilidade por suas vidas.

No dia seguinte, Maria seria internada. Para se preparar, o Protocolo definiu que deveria ter um encontro do Conselho antes da bateria de exames que antecederia sua internação. Estranha determinação, pois convocaram uma grande quantidade de pessoas. Nem tinha noção de como sua realidade impactava tantas vidas, tantos interesses.

O encontro do Conselho do Protocolo ocorreu em um auditório na entrada da cidade, lá estavam todos os membros do Protocolo e muitos convidados, ela viu de relance por uma fresta, Berenice, Simony e Robert Suzo, que estavam participando, também identificava a presença de outras amigas. Para abrilhantar o evento, teve uma apresentação de um aparelho de café todo vivo, era a equipe do Dr. CO, os bules e xícaras tinham vidas e as pessoas não conseguiam se servir, ela se viu presenciando aquela estranha performance.

Como foi dispensada de entrar em transe, observava enquanto a palestra rolava, as pessoas tentando se servir do chocolate quente e ninguém conseguia, até que descobriram o segredo que era: uns servir aos outros. Ela ficou pensando, há uma

mensagem subliminar em cada gesto desse Protocolo, caberia investigar para assumir o comando de sua vida.

Seus filhos e amigos, chegaram ao local da reunião, que mais parecia uma festa infantil, repleta de guloseimas de chocolates, tinha até confetti, bolinhas de chocolate, chocolate quente, esse encontro era uma festa espetacular.

No dia da internação, Robert Suzo, muito solícito, se candidatou a levá-la ao hospital, entretanto ele se encostou em seu ombro e adormeceu. Ficou num sono tão profundo que não conseguiu acordar, e agora o que fazer? Era tão bom oferecer-lhe um ombro amigo, mas tinha um compromisso inadiável, a solução seria apelar para um táxi, foi quando notou que estava presa em uma maca e sua casa era toda adaptada para que ficasse deitada. Simony e Berenice foram acompanhar sua internação e ela passou muito mal antes de sair, seria medo?

Já internada, havia um médico cirurgião cardiologista que era seu cuidador e se chamava Louis Rivera. Ele se interessou por ela. Louis Rivera e Robert Suzo iniciaram um clima de disputa e a semelhança de dois infantes, passaram a levar a sério essa competição. Eram olhares, gestos, palavras e movimentos corporais que indicavam uma acirrada troca de asperezas, por pouco não virou uma luta corporal, somente com o intuito de mostrar quem era o melhor.

Ela observou muitas vezes eles disputando, não sabia o que eles queriam provar. Teve uma hora que eles pareciam dois lobos, um lobo mais evoluído que tinha as mãos e um lobo mais primitivo que não tinha mãos, eram apenas dois feixes de palha. Olhando aquela cena, lembrava da condição humana e da metáfora: “o homem tem dois lobos dentro de si”.

Vivia momentos tensos, pois era pressionada a todo tempo, um clima que até o Protocolo teve que abrir algumas audiências para discutir o desafio que se colocava em seu caminho, não queria criar obstáculos justamente com a pessoa que era responsável pelo seu quadro clínico.

Internada, sem muito compreender, passava o dia velejando em um barco e, no fim da tarde quando o barco ancorava, ela se encaminhava para sair e era impedida, assim ficava aborrecida e enviava recado para sua família avisando que estava numa caixa metálica, muito grande, parecia um caminhão de mudança e esse espaço ficava perto do Restaurante Grafits, queria que seus familiares fosse vê-la. Sentia uma sensação estranha, como se estivesse presa.

Os rituais do Protocolo continuaram e sua casa se tornou um verdadeiro zoológico, Karol havia trazido gatos, cachorros, macacos, micos, galinhas, tinha até urso no quintal de sua casa, era tudo tão amplo, tão bucólico, nesse dia a reunião se deu no início da noite, era uma noite linda, uma claridade e todos ali centrados, entorpecidos, vendo os animais passando bem próximos. Ninguém sentia medo, pois eram todos um, em unicidade, todos os reinos agregados.

No dia seguinte, estavam os integrantes do Protocolo na casa de Maria e, após o ritual, Louis Rivera num impulso tentou beijá-la e se não fosse Robert Suzo, teria efetivado tal intento. Quando a situação acalmou e ela abriu os olhos, viu que os participantes estavam dormindo nus. Achou aquilo estranho, pois apenas ela estava vestida. Ficou a pensar sobre o porquê de não ter se desnudado. O que seu inconsciente retém? Até em transe queria ter controle? Um caso a pensar.

Um episódio intrigante. Era mais um dia de ritual do Protocolo em sua casa, entretanto, nesse dia Robert Suzo colocou sua roupa de karatê e fez uma verdadeira demonstração de seus conhecimentos, exageradamente mostrando que sabia muito, perfeito em suas performances e habilidades de karatê como faixa preta. Maria via as demonstrações e não falava que ele era 4º. Dan, para não exaltar a situação, o que não seria de bom-tom para um homem graduado. Entretanto, num olhar de lince identificou Louis Rivera se encolher e por se sentir ofendido, chamou a federação de karatê de Brasília, vieram uns 15 caratecas lhe apoiarem. Robert Suzo não gostou e parou com suas demonstrações.

Depois desse evento, todos seguirem seus encaminhamentos do resto do dia e, em casa, começaram os ciúmes entre os dois, cada um queria se sobressair. Maria resolve comunicar a Louis Rivera que ficaria com Robert Suzo, para encerrar suas esperanças. Porém, ele não aceitou e disse que iria se capitalizar para lhe impressionar.

Tudo isso, porque Robert Suzo tinha feito um depoimento dizendo o quanto havia aprendido a lidar com dinheiro, que agora sua vida era próspera e que ele e Maria iriam curtir as próximas férias, nada mais nada menos do que em Paris, realizar um desejo romântico.

A partir desse depoimento, que era como se fosse um testemunho, ela observou que Louis Rivera passou a trabalhar dobrado no hospital e em 2 meses tinha se capitalizado e queria casar com ela. Ele enviou várias mensagens para seu celular, e viu que suas mensagens tinham sido lidas, porém, quem as leu não foi Maria e sim seu filho, que entrou em cena e foi ao hospital falar

para Louis Rivera deixar sua mãe em paz, porque ela tinha um companheiro e não era justo ele querer atrapalhar sua vida estável.

Ele ficou muito aborrecido com seu filho e passou, a partir desse dia, a não querer mais nada com ela e a falar mal dela, aquela conduta indigna dos que resistem a verdade e não suportam ser contrariados. Louis Rivera ficou contando histórias para os médicos e enfermeiras, como se fosse o coitadinho, que Maria tivesse dado esperança para depois cair fora.

Como a médica que a acolheu no hospital, falava muito bem de seus filhos, afirmando que eles eram bons e amorosos, Louis Rivera passou a falar mal de seus filhos também, tanto para os médicos como para toda equipe. Eram noites horríveis ouvindo aquelas falas. Da filha ele não falava muito, simplesmente porque ela não tirou satisfação como o irmão. Que desafio! Presa a um Protocolo e assediada por seu médico.

Estando confinada em um hospital, presenciou muitas situações, um fato que lhe chamou a atenção foi quando ouviu a história de uma mulher que esperava um bebê. Ouvia os diálogos da internação, era um bebe que nasceria de uma mãe de 50 anos que teve um filho aos 20 e agora, teria uma menina, ela estava apreensiva, a gravidez tinha sido tranquila, mas agora ela não estava mais curtindo nem a gravidez e nem o parto, ficaram horas e horas com ela, quase a noite toda e ela ouvia os relatos e também os preparos cirúrgicos, parecia que a criança ia nascer, ela ouvindo tudo, a respiração, a doula, enfermeiras tudo por conta, porém, quando levaram a mulher embora a criança não chorava, ela ficou esperando a criança chorar e nada, mais tarde quando a enfermeira chegou perto, ela perguntou se a criança tinha nascido, a enfermeira sorriu e disse que ela tinha sonhado. Isso se anunciou

como uma grande conscientização de uma realidade que só estava no Coma.

Maria percebia que as pessoas que a visitavam e que rezavam, de alguma forma faziam contato, entravam nas suas alucinações, porque até para uma afilhada ela enviou recado, escreveu na areia para ela saber que estava viva. Lembrava do carnaval com as amigas, como se tivesse sido uma despedida.

Uma amiga foi lhe visitar e ela a viu com uma tatuagem tribal na cabeça, havia raspado a lateral esquerda da cabeça para por essa tatuagem, ela ficou olhando, querendo perguntar algo, só não sabia o quê.

Cada dia era uma memória, sua mãe ao seu lado, estavam num grande teatro, iam assistir a uma apresentação. Ficaram sentadas na última fileira de mãos dadas, esperando o show começar.

Certo dia, estava batendo papo com as irmãs sobre sua situação e lembraram o caso de mãe, quando ela adoeceu que olharam as fotos viram ela perfeita e ela foi para o hospital e não voltou, quando foi a vez do irmão Gil, aconteceu o mesmo, olharam as fotos e a foto da mãe estava perfeita em Gil, assim ele não voltou do hospital e agora a vez de Maria, que também estava no hospital e olharam as fotos e viram a mãe perfeita em Maria, o que queria dizer que ela não voltaria também. Receios e incertezas povoavam sua mente, buscava um sentido para todo o caos em que se via mergulhada. Que drama seria esse, seria um acordo espiritual?

Foi num templo, pois uma sobrinha tinha desabafado sobre a dificuldade do início de seu casamento e agora ela dava testemunho de que após ter se voltado para a “oração da mulher” sua vida tinha mudado e era feliz. Maria estava passando por uma

situação desconfortável no relacionamento, pois com o interesse e assédio de Louis Rivera, Robert Suzo pensou em lhe deixar. De sorte que falou com um orientador espiritual que lhe disse para perdoar, que não ouvisse os conselhos dos homens, os homens são falíveis. O orientador era um repórter e passava salmos para ele ler.

Por um golpe de sorte, na manhã seguinte, a respiração de Maria melhorou a ponto de os médicos se sentirem confortáveis em lhe tirar do coma. Quando finalmente recuperou a consciência, descobriu que havia perdido o olfato. Como teste, uma enfermeira lhe pediu para assoar o nariz e cheirar uma caixa de suco de maçã. Seu olfato voltou, mas — para surpresa de todos — o ato de assoar o nariz forçou o ar através de fissuras que foram em seu olho esquerdo, levando o globo ocular a saltar da órbita.

Tantos mistérios, tantos sentidos que a vida proporciona, Maria abriu as portas da alma e o “Coma” lhe trouxe com suas alucinações e ilusões o afloramento de medos e incertezas do que a vida nos traz. Tudo tem um sentido que é entender as várias lacunas que não tinham sido preenchidas de propósitos.

Uma experiência por demais desafiadora, porém muito esclarecedora, só quem passa, entende em profundidade, uma mente que sonha, que navega nas asas da imaginação e o que vem à consciência de uma inconsciência que constitui o Ser Humano.

MARLI ORTEGA DE FIGUEIREDO

professoramarliortega@gmail.com

São Paulo – SP



TESOUROS DA INFÂNCIA

Naquele dia, meu pai parou o carro em frente ao portão, fazendo ecoar o som da buzina para chamar a nossa atenção. Quando ele buzina, sabíamos que havia novidade; por isso, em um piscar de olhos, toda a família correu para fora. Foi uma festa! A explosão de alegria tomou conta do quintal como fogos de artifício iluminando os sorrisos radiantes, enquanto nos amontoávamos ao redor do jipe para ver a novidade.

Não era o carro o motivo da empolgação; esse nós já tínhamos há algum tempo e já nos havia levado para aventuras inesquecíveis na casa da avó, das tias e até na Aparecida do Norte e à praia em Santos.

Aos sábados à tarde, era tradição, munidos de balde, bucha e sabão, nos reunirmos para deixar limpinho o Jipe 57 que, durante a semana, meu pai usava para transportar materiais de construção da vila de sobrados que ele estava ajudando a levantar na Mooca. Mas, no fim de semana, o jipe se tornava o veículo da família, bem limpinho e brilhando, estava pronto para nos levar aonde o coração desejasse.

Muitas vezes o jipe serviu de ambulância e até maternidade, como no dia em que a comadre da minha mãe sentiu as dores do parto e meu pai saiu correndo atendendo ao chamado; apesar da rapidez, não deu tempo e o moleque nasceu ali mesmo, amparado pelo compadre. Em agradecimento à assistência prestada, os pais da criança convidaram meus pais para padrinhos.

A festa naquele dia tinha outro motivo: o jipe estava com a tampa traseira aberta para melhor acomodar a geladeira. Confesso que eu gostaria que ela tivesse chegado em uma caixa de papelão,

transportada por aqueles caminhões grandiosos com o nome da loja escrito em letras garrafais e coloridas.

Era usada, mas funcionava perfeitamente e até fazia sorvete! Eu queria que fosse branca, seria mais bonita, mas ela já havia sido pintada. Meu pai disse que, para pintar, era preciso usar uma cor mais escura para a tinta aderir bem. Era azul, bem bonita, apesar de um pequeno amassado na lateral. Depois da limpeza caprichada da mãe e abastecida com alguns alimentos, ficou lindamente instalada na cozinha, encantando o olhar da família.

Não sei precisar o tempo em que permanecemos admirando a nova aquisição da casa. Com o coração ainda repleto de emoção, entrei no quarto banhado pela luz dourada do sol que entrava pela janela, criando um jogo de sombras e cores na parede. Através da janela, podia-se ver o pé de ameixas com seus cachos amarelos atraindo os pássaros que naquele tempo ainda eram abundantes na cidade de São Paulo.

Me aproximei do vidro, onde costumava me espelhar quando queria conversar comigo mesma, e podia sentir o aroma da terra molhada que exalava da horta recém-aguada.

A janela abria lateralmente; embora nossa casa fosse nova e inacabada, suas portas e janelas tinham o estilo colonial. Meu pai as havia ganhado na demolição das casas antigas que dariam lugar à vila de sobrados que modernizavam o bairro. A brisa do fim da tarde acariciava o rosto da menina refletido no vidro da janela.

Sorrindo para o reflexo, eu disse baixinho: "Acho que ficamos ricos!"

O reflexo, correspondendo fielmente ao sorriso, perguntou: "Ricos? Mas como assim?"

"Temos televisão, geladeira e até carro! Quem mais na rua tem tudo isso?" Explicando, continuei a falar: "Só rico tem televisão, geladeira, carro e casa própria."

O reflexo, sem saber que já estava filosofando, moveu a cabeça ponderando: "É verdade! Mas não é só isso que nos torna ricos."

Encarando a menina refletida, questionei: "O que mais então?"

Após alguns segundos de reflexão, a resposta vinha do espelho: "O amor da nossa família, a felicidade de ter um lar aconchegante, o pai, a mãe e os irmãos."

Sorri para a menina refletida na janela e concordei: "Você tem razão! Somos muito ricos! Somos uma família!"

Realmente nós éramos ricos! A riqueza não estava nos bens materiais, mas no amor da família, na felicidade de ter um lar aconchegante e na oportunidade de criarmos juntos memórias inesquecíveis em momentos que se tornariam verdadeiros tesouros da infância.

NAH CARVALHO

nahcarvalhoam@gmail.com

São Bernardo do Campo – SP



POR QUE HOJE NÃO?

— Meninas, eu disse que hoje não é para vocês sair de casa.

— Hã, mas por quê, mãe? — disse Nazaré — Já tinha combinado de brincar na casa da Lindalva e andar de bicicleta.

— Mas hoje não, seu pai disse hoje cedo para vocês ficar em casa — Disse sua mãe com a voz embargada, com lágrimas nos olhos, quase sem palavras. Ela notou o tom da voz de sua mãe, e não demorou muito para perceber que algo não estava bem. Por alguns instantes ela ficou triste e não entendia o porquê que seus pais haviam dito para não sair de casa para brincar naquele dia em pleno domingo, igual como qualquer outro. Mas, ao mesmo tempo, havia uma pergunta na cabeça que não a deixava pensar em outras coisas: Por que hoje não?

Nazaré, apelido herdado de seu avô, chegou na fazenda com seis anos, com sua grande família, como diziam as pessoas que lá moravam “uma escadinha”. Ela era a quarta filha do casal, que eram pais de nove filhas, menina arqueira, como dizia seu avô, uma serelepe, que queria sair todos os domingos para brincar e andar de bicicleta com a irmã mais nova Shirley e sua amiga Lindalva. Um dia só para elas parecia pequeno demais para pôr as brincadeiras e as conversas em dia. Sua infância foi na fazenda até aos onze anos, elas não tinham como se divertir, não havia nada que pudesse fazê-las se sentirem como criança de verdade. A única diversão ali era a bicicleta da sua amiga, que acabara de ganhar de seu pai. Mesmo não sendo dela, era a sua maior alegria aos domingos.

Ela não tinha amizades com outras crianças que pudessem se divertir. As casas da colônia eram longe uma das outras e mesmo

assim não havia criança nenhuma. Fazia planos para brincar aos domingos, assim como qualquer outra criança que brincava com suas próprias irmãs mais novas, já que eram muitas, e às vezes elas até brigavam, porque Nazaré sempre queria ser a primeira: liderava todas as brincadeiras possíveis e por fim, acabava ficando sozinha.

Não aceitava o fato de ficar em casa, mas resolveu ficar por obediência a seus pais. Assustada, ela observa tudo ao seu redor, ao ver suas irmãs mais velhas com semblantes tristes, quietas e sem dizer algo. Às vezes as irmãs conversavam com alguns amigos e vizinhos que lá estavam. Sua mãe com sua irmã caçula de apenas cinco meses nos braços, andando encolhida com passos apertados, disfarçadamente secando as lágrimas dos olhos enquanto dizia que tudo estava bem e tudo ia ficar bem:

— Deus não desampara ninguém.

Por sua vez, Nazaré queria entender o que estava acontecendo, mas a pergunta falava ainda mais alto na sua cabeça, não dando a chance de pensar ou procurar, pedir a alguém uma explicação sequer, talvez por medo de receber alguma resposta e não lhe agradar o que estava por vir. E a pergunta ficou nítido em seu pensamento: Por que hoje não? Justo hoje?

E continuava a pensar: Amanhã não posso, tenho que ir à escola... Só no outro domingo agora?

Várias pessoas passaram por sua casa antes do meio-dia. Desde a manhã naquele domingo, elas entravam e saíam apressadamente, e naquele momento, Nazaré começou a fazer suas próprias perguntas: O pai tá doente? A mãe tá secando as lágrimas dos olhos... E essas pessoas aqui? Por que será?

— Será que é pelo pai? — perguntou ela a sua irmã, Shirley, que estava sentada escrevendo num pedaço de papel os gemidos de seu pai: ai... ai... ai... Seu pai estava acamado e muito doente, num estado terminal de uma doença severa e acabara falecendo naquela manhã, no domingo de 5 de outubro de 1975. Foi quando ela percebeu que não podia mais sair naquele dia, e talvez nem nos próximos finais de semana, e que a falta da presença de seu pai iria acompanhá-la por toda a sua vida.

Um domingo, o dia tão esperado para as alegrias de uma criança brincalhona, foi abreviado, não aconteceu. E os demais também não foram aproveitados da mesma forma que eram antes para aquelas meninas que tanto queriam aproveitar o dia, como se não haveria outro.

Ela queria apenas brincar e andar de bicicleta.

Fim.

NILVA TÂNIA FACCO

taniafacco@hotmail.com

Itapoá – SC



DEIXA

— Me deixa sair, mãe, por favor, abra a porta, mãe! Me solta, eu estou suplicando, eu preciso, por que só eu não posso ir? Por favor, me deixa ir?

Gritos dispersos aos ventos, bloqueados antes de atingirem ouvidos que não eram surdos, apenas escolhiam o que queriam ouvir, e tudo o que o cérebro vazio da mãe processou, foi o eco do impacto da sola de seu sapato, naquela rua esquecida por Deus. Passos apressados se afastando, e o sinistro tilintar das chaves do cadeado que cerravam a prisão da chorosa Marcela.

Marta andava num ritmo acelerado, precisava transpor a ponte sobre o rio que separava o centro, do último bairro ao final da cidade, seu derradeiro destino. O Sol brilhava ardente, lançando lampejos por sobre as ondas superficiais, formando brumas ao balançar dos ares mornos daquela tarde de sábado. A mulher, fatigada pelo esforço, encostou suas mãos no parapeito da ponte. Fitou por alguns instantes, as águas correntes, que passaram a levar consigo, além de pequenos galhos e folhas soltas, as gotículas que escorriam de seu rosto. As gotas misturadas nas águas transparentes do rio poderiam ser lágrimas de tristeza. Observou um grupo de adolescentes, no piquenique organizado para o último encontro do final de ano escolar, se banhando nas águas frias das margens, com descontração e alegria causadas pela simples brincadeira. Porém, não havia um só resquício de arrependimento incrustado naquele duro coração, não lamentava pela filha não estar com os amigos, seus pensamentos eram de desprezo, de inveja pela felicidade desprendida da juventude, que ela não era capaz de aceitar. E o fluido de sua face não eram

lágrimas, era o suor abnegado pela longa caminhada, sob o calor escaldante do Sol das 3h da tarde.

Irritada, apressou o passo, a matinê começaria às 4h, ela estava atrasada para seu compromisso.

O agito dos pares levantava poeira do salão, e a vibração sonora da banda quase encobria o som da informação prestada pela vizinha, despejada ao pé do ouvido, com um quê de maledicência disfarçada. "Sabe onde está sua filha?"

Marta saiu com pressa, irritada, havia esquecido de acorrentar as janelas? Chegou na beira do rio a tempo de ver sua filha Marcela aos beijos com um colega 4 anos mais velho, com a pele meio enrugada, denunciando que deveria fazer algumas horas que a adolescente estava a brincar nas águas.

- Sua sem vergonha, irresponsável, já para casa, infeliz...

Não sentia que Marcela sequer ouvia as ofensas, que os tapas desferidos também não a machucavam. A vergonha pela agressão na frente da turma e que, ver Pedro correndo, com medo das represálias, era dor maior que tudo. Era nítida a vil torpeza com que privava a filha de sua liberdade.

Confrontada pela conselheira tutelar por sua atitude agressiva, ela olhou ameaçadora para a filha, que compreendeu o recado, o aceno das mãos, não eram de reconciliação, mas de promessas de torturas e espancamento, e a menina inocente, jurou ser aquela a primeira vez.

- Hoje é só uma advertência, mas se encontrarmos outra vez seus filhos sozinhos, se agredir sua filha e a obrigar ao trabalho infantil, ou fora da escola, pois uma menina de 13 anos não pode ser responsável pelos cuidados de outra de 10 e um menino de 5, tomaremos medidas mais drásticas -. Disse a voz da proteção.

Marcela omitira quantas vezes apanhara, que o pé de azaleia já não tinha mais galhos, de tantas vezes que foram arrancados para castigar-lhe as pernas. Infeliz a sina da planta, o lindo pé de flor, criado por Deus para adornar o universo com aromas e cores, marcava de vermelho a pele juvenil da garota quando ousava desobedecer às duras regras que a mãe impusera.

A mãe, com visível desdém, jogou na cama o celular de segunda mão que comprou para a filha. A reclamação de que o aparelho não permitia acessar a *internet* era irrelevante, já que sequer tinha assinatura para tanto, e o objetivo era que Marcela avisasse caso algum dos outros filhos adoecesse ou alguém do conselho chegasse, preço vil pago pela aparência de afeto.

Passados quatro meses, Marta encontrou um aparelho telefônico novo, escondido na gaveta do cômodo do quarto de Marcela, enquanto rebuscava entre os papéis para procurar o boletim de notas ruins e ausências, que a professora denunciava.

As mentiras e a forma utilizada para conseguir dinheiro fizeram com que Marta esquecesse as advertências do Conselho Tutelar, a cinta substituiu os galhos da planta recém recuperada do jardim. As dores intensas também fizeram Marcela esquecer a promessa de silêncio, e suas queixas foram finalmente ouvidas por quem jurava defender seus direitos juvenis:

- Doutor, minha mãe é malvada, meu pai era um homem bom, ele dava tudo para mim e meus irmãos, mas parece que ela o traiu e de medo, veio embora, nos trouxe para a miséria. Não gosta de ninguém, nem é mãe direito, sou eu quem crio meus irmãos, a vejo sair todos os dias cedo e voltar tarde. Eu faço todo o serviço da casa sozinha, por isso não posso sair nunca. Só comemos arroz com feijão. Saí com os homens porque ela também faz, e não dá nenhum

dinheiro para nós. Claro que ela sabe, disse que ano que vem não irei mais para a escola. Minha mãe me odeia e me espanca.

A vida não se tornou mais fácil no abrigo municipal, não era mais o choro de seus dois irmãos que a irritava, mas os lamentos de mais 12 menores de todas as idades, a cuidadora autoritária sabia ser mais severa do que sua mãe, e lá não tinha nenhum resquício do amor que buscava. Cansada das promessas não cumpridas, de não terem encontrado o paradeiro do pai, a transgressão das novas regras, viraram rotina. A cerca de grades não lhe era obstáculo. Fugia, sucessivamente, para encontrar-se às escondidas com Pedro, e os autos de Busca e Apreensão de Menor se aglomeravam no escaninho do Juiz de Direito.

Pedro a esperava, ele era tão maduro aos 18 anos, e morar com a avó dele parecia ser boa escolha, a velha não se metia nos assuntos do neto, e ainda fazia doces para venda.

Longe da escola ou trabalhos domésticos, roupas novas, *smartphone*, festas, passeios, enfim a tão sonhada liberdade aos 16 anos, sem mãe, educadores, tias e admoestações. Como era bom acordar nos braços de seu amor, viver as fantasias e aventuras que estava a descobrir, sem ninguém para dar satisfações.

Como toda beleza tem seu senão, a mãe voltara a lhe atormentar as ideias, querendo que a filha retornasse, estava ela precisando de sua escrava? Não conseguia sustentar os outros filhos? Por que não os deixou no abrigo? Desta vez ela não se deixaria levar pelos argumentos mentirosos da mulher exploradora, nem mais a considerava como sua mãe, Marcela não estava mais sozinha, desta vez, foi ela quem bateu a porta e trancou a matriarca, só que pelo lado de fora.

A dor de cabeça denunciava o teor alcoólico das bebidas, o cigarro e entorpecentes da noite, o enjoo e o mal-estar eram desconhecidos. Um exame. Um resultado positivo. Uma catástrofe.

Uma escolha cruel para uma adolescente. Foi onze meses de convivência, para revelar um Pedro violento. Uma imposição. Uma negativa. E o peso da mão masculina fez Marcela perceber que as mãos de Marta eram carícias em sua pele. Uma reclamação e as ofensas gritadas fizeram a jovem compreender que as palavras da mãe eram sussurros de amor em seus ouvidos.

Formavam uma dupla perfeita, ninguém desconfiava da jovem moça que transitava por entre os carros e ruelas, entregando panfletos variados, santinhos e oferecendo brigadeiros feitos pela avó, e do rapaz que viajava toda semana acompanhando motoristas ao exterior, trazendo encomendas, peças, objetos, eletrônicos. Não havia motivos para alguém investigar a procedência do dinheiro com que mantinham um padrão anormal para suas idades.

Bastaria um relato, uma pista, e a polícia descobriria que as ostentações advinham da comercialização de drogas ilícitas.

Marcela não se rendeu, ia poupar uma vida, a promessa de denúncia não surtiu o efeito esperado, e ela fugiu em busca de socorro, os pés descalços não deixavam ruídos, mas os olhos de lince do jovem rapaz captavam o vulto que a luz límpida da Lua revelava.

Sentia pavor, sabia que estava sendo seguida, tentou desvencilhar-se atravessando quintais ermos, hortas e jardins, eis que não tinha esperança de que um salvador surgisse em alguma janela. Desequilíbrio-se ao pular uma cerca, e o arame farpado rasgou-lhe a testa, uma dor profunda a fez parar escondida atrás

de um enorme pé de azaleia. Instintivamente levou a mão à testa, tentando estancar a ferida e pensou na cicatriz que teria.

Pavor, cicatriz, duas palavras na noite insólita foram a chave para destravar o bloqueio de lembranças que a mente produziu para proteção de seu trauma, artifício eficaz para ocultar as tragédias sofridas.

Viu seu pai chegar em casa, embriagado como sempre o fazia, brigando, agressivo e assustador, batendo em sua mãe, tirando o menino de 10 meses do berço, arremessando-o contra o solo, ouviu seu choro angustiado e o ferimento na testa do pequeno irmãozinho, tentou pegar o bebê e foi severamente repreendida, pegou a irmã e se esconderam debaixo da cama, para se manterem longe dos olhos de loucura do homem. A mãe corajosamente interveio, recolheu o filho e correu estrada afora, com o marido a fazer ameaças de morte. Marta demorou quatro dias para voltar, juntou rapidamente algumas roupas e as duas outras filhas e fugiu para longe de sua miséria.

Marcela sabia que o julgamento do pai, ao achar não serem seus os três filhos, era invenção de uma mente doentia, do uso constante do álcool. Raciocinou um instante, a memória avivou, lembranças amargas que sua mente menina queria esquecer, preferia lembrar-se de seu pai lhe dando doces imaginários, de abraços paternos que nunca aconteceram, de palavras amorosas nunca ditas, de carinhos que nunca existiram. E culpar Marta por todas as suas agruras.

Pensou em sua mãe, no medo que ela tinha, na maneira que ela tremia ao fechar a humilde casa, dos sustos dos barulhos

noturnos, das insônias e rezas, cada vez que um desconhecido sondava o ambiente, temendo ser o seu marido.

Quantas vezes sua mãe lhe dizia, que precisava trabalhar, que seus ganhos como diarista não eram suficientes, que conseguira um extra limpando um salão aos sábados, e que suas saídas noturnas, seu trabalho "sujo", era para limpar as latrinas da rodoviária, e assim pagar o aluguel. Precisava da ajuda de Marcela, para não deixar os outros dois filhos sozinhos, e contava com ela para lavar alguns pratos, e ajudar na lição de casa dos pequeninos.

Tantas vezes repetidas as premissas, que Marta não mais explicava, absorvia a revolta da filha, esperando que os suaves castigos a contivesse e que a maturidade um dia lhe mostrasse a verdade da vida.

O amor despertado pela descoberta da maternidade, o retorno do sentimento do medo, o forte desejo de sobrevivência, ou talvez a combinação de todos estes acontecimentos, dissiparam a névoa que encobria a visão deturpada de Marcela, e a infantilidade deu lugar a uma responsabilidade nunca antes exercida.

Recordou do calor do abraço da mãe, a paciência com que conduzia a família, suas singelas repreensões, tentando consertar seu caminho.

Sentiu um forte impacto, uma dor queimando-lhe a carne, fez uma oração de súplica, pedindo ajuda e perdão ao Divino.

Um tiro rompera o silêncio da noite, a bala encontrara seu alvo. Um desejo obscuro que a morte tivesse uma nova companhia.

A observação dos vizinhos, mostrou que a comunicação informal não tem sempre intuito de prejudicar as pessoas, e consegue levar a palavra aos ouvidos de quem se destina, quando o pedido de socorro silencia na garganta da vítima indefesa.

O som da sirene ecoou pelas ruas, dois agentes desceram da viatura. O luar que denunciou o vulto de Marcela, também não encobriu o de Pedro, e a autoridade policial conseguiu chegar até o moço, ele ainda não havia conseguido se livrar da arma de fogo e a prisão em flagrante fez Pedro terminar sua aventura no crime.

Marcela saiu de seu esconderijo, tomou coragem para prosseguir em seu trajeto, faltava tão pouco.

A porta se abriu ao primeiro toque, por ela adentrou uma jovem com o corpo ensanguentado, pois que o líquido viscoso de sua testa ferida encontrava-se com o que escorria de seu ombro direito, pelo orifício que a bala deixara em sua trajetória. Protegera o fruto que crescia em seu ventre, com a lucidez de quem finalmente encontra o destino: o amor verdadeiro do colo curador que ansiava...

- Não me deixa sair, mãe, por favor, feche a porta, não irei mais pular as janelas! Me prenda, me bata, eu suplico, preciso do seu perdão. Mas, por favor, mãe, não me deixa ir.

PAULO BOMFIM SIMÕES LIMA

max3paulo@gmail.com

Miami – Flórida



NÃO VIVA DESANIMADO

“O desânimo é apenas um obstáculo temporário. Lembre-se de que a perseverança e a determinação podem superar qualquer adversidade.”

Albert Einstein

Nas terras distantes de Frígia, um reino envolto em magia e mistério, vivia um jovem chamado Zarick. Desde cedo, ele fora marcado por uma tristeza profunda que o acompanhava como uma sombra, obscurecendo seu caminho. Ele se via constantemente desanimado, incapaz de encontrar alegria nas pequenas coisas da vida.

Em Frígia, a energia vital que percorria todos os seres era conhecida como “a essência”, a qual era responsável por manter o reino vivo e vibrante. Infelizmente, Zarick sentia que sua própria essência estava se dissipando, resultando em um enfraquecimento progressivo e um sentimento crescente de desânimo e desespero. Mesmo a energia fluindo pela aldeia era incapaz de restaurá-lo ou trazer significado à sua vida, tornando o mundo ao seu redor uma imagem em preto e branco.

Determinado a encontrar uma solução para sua condição debilitante, Zarick embarcou em uma jornada em direção ao Reino do Monte Zion, uma terra magnífica e envolta em mistério. Segundo antigas profecias, esse local abrigava uma fonte de poder capaz de restaurar a essência e renovar a esperança daqueles que se encontravam desanimados. Com coragem e determinação, ele se aventurou na busca desse local sagrado, confiante de que encontraria a cura para seu desânimo e uma renovação para sua própria essência.

Enquanto caminhava por um bosque, próximo ao pântano, Zarick foi surpreendido por uma cena surreal. Uma majestosa águia, chamada Rhua, sobrevoava o bosque com um voo impressionante. De repente, a águia se aproximou e o cumprimentou, chamando-o de jovem valoroso. Surpreso e nervoso ao ouvir a águia perguntar sobre o motivo das suas atividades naquele pântano sombrio, como se já soubesse. Com cautela, explicou que se aventurava naquele território perigoso como objetivo chegar ao Monte Zaion, onde acreditava encontrar a fonte de poder para encontrar sua essência e renovar sua energia.

Enquanto trilhava seu caminho, Zarick desabafava com a sábia águia sobre sua constante tristeza e a falta de percepção das cores e sabores da vida. Ele compartilhou a angústia de enxergar o mundo em preto e branco, enquanto todos em Frígia afirmavam sua beleza em tons vibrantes.

Aproximando-se ainda mais, a águia sábia ofereceu sua ajuda, transmitindo tranquilidade diante dos perigos e da hostilidade do pântano que ele atravessava. Ela revelou que o Rei Leão, conhecido como o Maravilhoso Conselheiro, poderia auxiliá-lo, uma vez que era o soberano do monte Zaion e conhecia o caminho até lá.

Porém, a águia alertou-o sobre a importância de sua força e coragem para enfrentar possíveis inimigos que tentassem impedi-lo de encontrar o Maravilhoso Conselheiro Rei Leão. Somente ele poderia levá-lo até a fonte da essência, onde poderia recarregar suas energias.

Enquanto continuavam a caminhar, Zarick compartilhou com a águia a existência de uma antiga profecia em sua cultura, que falava sobre uma misteriosa fonte de poder nas terras do Monte

Zaion. Essa fonte podia curar aqueles que viviam uma vida sem propósito e significado, restaurando-os completamente. Nesse momento, a águia sussurrou em seu ouvido que o caminho da fonte da essência estava mais próximo do que ele imaginava.

Inspirado por essas palavras, Zarick decidiu descer em uma clareira próxima, onde se encontraria com o conselheiro Rei Leão, soberano do monte Zaion. Esse ser extraordinário, fora enviado às regiões sombrias do pântano com o propósito de ajudar a salvar aqueles que buscavam a cura e o cumprimento da antiga profecia. A verdadeira fonte capaz de restaurar a essência da terra da Frígia estava ao alcance de todos que se dispusessem a encontrasse com ele.

Ao aceitar o desafio, Zarick testemunhou um evento singular. Enquanto dialogava com a águia, uma sensação intrigante começou a envolvê-lo. Gradativamente, o medo e o fardo que carregava há tanto tempo foram dissipados, à medida que ele se conectava à sabedoria daquela majestosa ave.

Guiado pelas asas imponentes da águia Rhua, o jovem aventureiro prosseguiu com determinação em sua jornada. Enquanto cruzava a região norte do bosque, uma criatura estranha e terrível emergiu do pântano: o Monstro da Depressão.

Ao perceber o perigo iminente, a águia soltou um grito agudo, ecoando pelas árvores: “Seja forte e corajoso!” Zarick sentiu seu coração acelerar, mas, ao mesmo tempo, uma estranha confiança se instaurou dentro dele. A águia prosseguiu: Esta batalha é sua e somente sua, mas estarei ao seu lado, guiando-o e revelando os passos que você precisa tomar.”

Enquanto ele avançava, o monstro da depressão se materializava diante de seus olhos, assumindo uma forma

horrenda. Emanando uma aura sombria e opressora, sua presença era avassaladora. Seu corpo retorcido e disforme parecia uma fusão de pesadelos e sombras, exalando uma profunda tristeza e desesperança. Sua pele pálida e translúcida refletia a falta de vida e vitalidade. Seus olhos eram poços negros e profundos, transmitindo um vazio sem fim e um brilho sinistro.

Com garras afiadas, podia perfurar até as almas mais resistentes, arrancando qualquer faísca de alegria e prazer. A cada passo, emitia gemidos lúgubres e angustiantes, como se carregasse o peso de todas as tristezas do mundo. Suas presas afiadas revelavam sua sede insaciável por arrastá-lo para o abismo da escuridão.

Enfrentar esse monstro é uma batalha árdua, mas não impossível. Seus olhos vazios pareciam sugar a tudo que fosse positivo do ambiente ao redor. Zarick sentiu um arrepio percorrer sua espinha, mas se lembrou das palavras da águia e reuniu toda a coragem que tinha.

Com um passo determinado, ele encarou a criatura, enfrentando o medo que ameaçava dominá-lo. A águia Rhua continuava a incentivá-lo, suas asas batendo no ar com uma força que transmitia uma mensagem clara: você não estava sozinho. Sentindo-se encorajado pela presença e sabedoria da águia que o cercava, o jovem valoroso encontrou a determinação necessária para continuar.

Enquanto a batalha se desenrolava, os olhos de Zarick encontraram os da criatura, e ele sabia que não podia recuar. A promessa de cura e renovação pulsava em seu interior, impulsionando-o a avançar e enfrentar o monstro com todas as suas forças.

O embate era intensa, mas Zarick não recuava. A cada golpe desferido e investida do monstro, ele encontrava forças que desconhecia possuir. Rhua, a águia com sua visão aguçada, apontava os pontos fracos da criatura, orientando-o em sua investida.

A batalha se arrastava, como se o tempo estivesse suspenso naquele momento. Zarick sentia-se exausto, mas sua determinação permanecia inabalável. Ele sabia que precisava encontrar uma solução para derrotar o monstro da depressão que o assombrava.

Foi então que a águia se aproximou ainda mais de Zarick e com uma voz melodiosa, o chamou de guerreiro valoroso. Suas palavras despertaram algo dentro dele, uma energia interior que desconhecia.

Decidido a fazer algo ousado, ele ergueu as mãos em desafio ao destino e fechou os olhos. Em sua imaginação, visualizou as palavras da águia e se viu corajoso e destemido, capaz de vencer qualquer batalha.

Com a força de sua imaginação, sentiu uma bola de fogo azul se formar em suas mãos. Era a luz necessária para combater a escuridão que o cercava. Encarando a depressão nos olhos, lançou a bola de fogo diretamente no monstro.

A explosão foi intensa, como se o próprio universo tremesse com o impacto. O monstro, que antes era horrendo e opressor, agora se tornava transparente e desaparecia em meio à luz. O jovem guerreiro se sentiu vitorioso, como um herói de uma história épica.

Um grito de triunfo escapou da sua garganta, ecoando pela clareira. A águia Rhua, agora pousada próxima a ele, soltou um guincho de alegria, reconhecendo a vitória de seu companheiro. No entanto, a jornada estava longe de terminar.

Após a grandiosa vitória, Zarick sentiu a exaustão da batalha e a consciência de seu vazio mental retornarem, trazendo consigo desânimo e tristeza. Ele sabia que precisava do poder da fonte da terra do Monte Zaion para se curar de uma vez por todas.

Enquanto caminhava com passos vacilantes, era guiado pelas palavras da águia. De repente, um gemido ecoou no pântano. Ambos olharam na mesma direção e se depararam com um novo desafio para o jovem guerreiro: o monstro da frustração. Era como se o próprio pântano não quisesse que Zarick encontrasse o monarca da terra do Monte Zaion.

Consciente da necessidade de superar aquele obstáculo, Zarick reuniu suas últimas forças, portando uma espada afiada, preparando-se para enfrentar o terrível monstro. Este emergiu das profundezas do pântano, revelando-se uma criatura grotesca com tentáculos viscosos e olhos brilhantes que exalavam malícia.

Sua boca era repleta de dentes afiados, capazes de dilacerar qualquer coisa que se aproximasse demais. O monstro da frustração exalava um odor pútrido, que se misturava com o cheiro de podridão do pântano, deixando-o ainda mais repulsivo. Sua voz era gutural e assustadora, capaz de enviar arrepios pela espinha de qualquer um que a ouvisse.

Além disso, o monstro exibe uma agilidade surpreendente, movendo-se com destreza pela lama e pelos terrenos pantanosos. Ele também possui a habilidade de se camuflar no ambiente, tornando-se praticamente invisível quando imerso na lama ou entre as raízes das árvores.

A presença do monstro é sufocante, emanando uma energia negativa que afeta o ânimo e a esperança de todos ao seu redor. Ele

utiliza essa energia para atacar suas vítimas, lançando explosões de energia negativa capazes de causar danos emocionais e físicos.

O monstro da frustração exala uma aura de desespero e desânimo, buscando drenar a confiança e a determinação de seus oponentes. Seu objetivo é alimentar-se das emoções negativas das pessoas, aumentando seu próprio poder e mantendo-as presas em um ciclo interminável de frustração e tristeza.

Um estrondoso ruído ecoou das entranhas do monstro, desafiando Zarick a se aproximar. Era, sem dúvida, o oponente mais poderoso que ele já enfrentara. A aura de desânimo emanada pelo monstro da frustração era sua principal arma, envolvendo o jovem guerreiro. À medida que a aura o envolvia, sua mente ia sucumbindo às sugestões negativas, minando sua força e determinação. A espada que antes estava em sua posse, agora jazia inerte e esquecida.

Percebendo que os tentáculos do monstro o arrastariam para o pântano, a águia exclamou em altaneiramente: “Zarick, use a espada agora!” Ao notar os tentáculos se aproximando, ele tentou desviar, mas foi em vão. O monstro o agarrou pelas pernas e o suspendeu de cabeça para baixo, prestes a submergi-lo no pântano e selar sua derrota com seus tentáculos, que gradualmente sugavam sua positividade.

Ao perceber a desvantagem na qual o jovem guerreiro se encontrava, a águia Rhua, com sua sabedoria, sobrevoou-o e gritou em voz alta: “O caminho para a essência está mais próximo do que você imagina!” Ela insistia: “O caminho da essência está mais próximo do que você imagina!” Enquanto o monstro o agitava, Zarick ouvia as palavras encorajadoras da águia ecoando em sua mente.

Ele recorreu novamente à arma da imaginação que havia funcionado contra o monstro da depressão. Visualizava o Maravilhoso Conselheiro, o Rei Leão, olhando para ele com orgulho e confiança, esperando que ele triunfasse sobre esse desafio. Imaginava-se vencendo mais uma vez, enxergando-se por dentro como um vencedor, mesmo que não conseguisse se ver por fora.

Momentos antes do monstro vencer finalmente a batalha, um rugido ensurdecedor ecoou por todo o bosque e pântano. Ao ouvir aquele rugido, Zarick foi revigorado e começou a golpear a cabeça do monstro com a espada que emergia de sua boca. A cada golpe, exclamava em voz alta: “Eu sou, eu tenho, eu posso!” E ao atacar o monstro, pela terceira vez gritando, “Eu sou!”, a águia guinchou e o Maravilhoso Rei Leão rugiu.

Essa ação tríplice formou uma onda magnética que envolveu o monstro, fazendo com que ele soltasse imediatamente Zarick. A águia voou rapidamente e, com suas asas, levou o jovem guerreiro de volta ao chão, enquanto ele testemunhava o monstro da frustração sendo consumido pelo poder da positividade e derrotado pelo poder do “eu sou”.

Uma onda de euforia e êxtase invadiu o coração do jovem, outrora entristecido. Ele sabia que estava cada vez mais próximo de alcançar a cura definitiva. Com um sorriso triunfante nos lábios, expressou seu agradecimento à águia Rhua, unindo suas mãos. A águia prontamente conduziu-o à presença do Rei Leão, cujo olhar irradiava um amor e acolhimento tão intensos que fizeram Zarick abraçá-lo e expressar, intensamente, a palavra “gratidão, gratidão, gratidão”.

O Maravilhoso Conselheiro, o Soberano Senhor da Terra do Monte Zaion, convidou o jovem valoroso para caminhar com ele por uma trilha estreita do bosque, enquanto Zarick perguntava se estavam indo em direção ao Monte Zaion. Aproveitando a oportunidade da jornada, o Rei Leão compartilhou valiosos conselhos, preenchendo a alma de Zarick com sentimentos e emoções que já havia experimentado. O jovem valoroso absorvia cada palavra de orientação e instrução, sentindo-se constantemente transformado em seu íntimo. Enquanto isso, a águia Rhua repetia cada palavra do Rei Leão, como se fosse uma tentativa de gravar na mente de Zarick cada ensinamento daquele monarca excepcional.

Absorvido pela sabedoria e vida contidas nas palavras do Rei Leão, eles chegaram ao pé de uma imponente montanha. No topo daquela montanha era o lugar onde a águia adorava ficar. O majestoso Rei convidou Zarick a deitar-se sobre uma rocha sólida e chamativa. Enquanto se deitava e olhava para a vastidão do céu cinzento e para o paredão da montanha, o jovem quebrou o silêncio e, meio constrangido, perguntou ao soberano Leão: “Quando chegaremos ao Monte Zaion para encontrar a fonte que restaura a essência?”.

O Rei Leão ergueu sua pata direita enquanto a águia pousava sobre ele. Olhando profundamente nos olhos de Zarick, o Rei Leão colocou sua pata sobre o centro do peito do jovem e disse: “Aqui está a fonte, a essência. O Monte Zaion é a morada da plenitude de sua essência, mas a fonte dela está aqui”. Logo o jovem lembrou das palavras da águia enquanto lutava contra o monstro da depressão. “O caminho da essência está mais próximo do que você imagina”.

Ao ouvir essas palavras e sentir o toque da pata do Rei Leão em seu peito, ele pôde revisitar todo o seu processo interior e conhecer as virtudes que habitavam dentro de si, comprovando que ele buscava externamente o que já possuía internamente, apenas aguardando para ser ativado.

Naquele momento, a rocha sólida na qual estava deitado tornou-se uma âncora para seus processos futuros. Experimentando uma alegria incomparável e um senso de poder único, ele encontrou a esperança e percebeu o desânimo e a tristeza como inimigos derrotados pela identidade revelada pelo Rei do Monte Zaion. Seus olhos foram abertos e ele passou a enxergar as cores vibrantes da natureza, a doçura de viver e o perfume do amor no ar.

Ao se perceber transformado, ele se levantou e abraçou o Maravilhoso Conselheiro Rei Leão e beijou a águia Rhua. Com lágrimas nos olhos, ele disse: “Quero ir com vocês viver no Reino do Monte Zaion”. Nesse momento, a luz do sol brilhou intensamente no leão e na águia, e eles sorriram um para o outro.

Em seguida, o Leão disse: “Ainda não é o momento. Volte para o seu povo e fale sobre nós, ensine-lhes tudo o que eu te ensinei durante o caminho. E lembre-se, estaremos sempre dentro de você. O caminho da essência está sempre mais próximo do que se imaginava.”

Ao chegar na terra distante de Frígia, Zarick compartilhou com entusiasmo suas experiências vividas. Os moradores rapidamente perceberam a transformação nele e sentiram a poderosa energia de sua essência fluindo intensamente. Ele ensinou ao povo que a fonte dessa essência reside dentro de cada

um deles, incentivando-os a buscar uma vida plena e abundante, inspirados pela antiga profecia do Monte Zion.

No entanto, Zarick também enfrentou momentos difíceis e desanimadores em sua jornada. Houve ocasiões em que se sentiu sobrecarregado e questionou se realmente poderia fazer a diferença. Contudo, encontrava forças para seguir em frente, lembrando das palavras do Rei Leão e da Águia Rhua: “Seja forte e corajoso”.

Com determinação e persistência, ele superou suas próprias dúvidas e desafios. Sabia que ao vencer o desânimo, poderia ser um exemplo inspirador para aqueles que estavam passando por momentos difíceis. Acreditava firmemente que todos podem transformar suas vidas, mesmo quando tudo parece difícil.

Zarick dedicava seu tempo para ouvir as pessoas com atenção, compartilhando histórias e ensinamentos que aprendeu com o Rei Leão e a Águia Rhua. Sabia que ao oferecer palavras de encorajamento e apoio, poderia ajudar os outros a encontrar a essência dentro de si e superar o desânimo.

RIBEIRO DOS SANTOS

ruineivaviana@gmail.com

Esposende – Portugal



O VELHO E A CASA DA PRAIA

Passava as tardes ao sol sentado na sua velha cadeira de balanço, no soalho por baixo do alpendre da casa da praia. Adorava ver o mar no seu vai e vem constante, a renovar a espuma branca e a trazer as algas que deixava estendidas ao sol, na areia fina, a bronzear em naqueles fins de tarde de outono. Também havia os seixos e as gaivotas que voavam ao longo da costa e pousavam nas rochas negras que emergiam do mar. Um pescador solitário lançava a linha, entrando mar adentro para mais longe alcançar o peixe se mordesse. Calçava umas botas altas, até à cintura, e trazia o saco do isco no bolso da camisa de flanela avermelhada, aos quadrados. A linha esticou e logo ele correu para a cana agarrando-a com força, ao mesmo tempo que recolhia a linha enrolando-a no carrinho, puxando o peixe para as águas mais baixas que enrolavam na areia. Saiu-lhe um robalo grande que lhe garantiria o ganho desse dia quando o levasse ao restaurante e recebesse setenta ou oitenta euros por ele. Enfiou-o na cesta, voltou a preparar o anzol, esperançado, e lançou a linha novamente para longe. O sol já quase se escondia e da linha de pesca não havia nem sinal. Continuava branda, ao sabor das ondas, à espera! Novo esticão e saiu outro peixe mais pequeno, pouco mais de quinhentos gramas. Mais outra tentativa e nada. A noite começava a despontar na calmaria daquela praia. O velho recolheu a cadeira de balanço de encontro à parede da casa e entrou. O pescador encolheu a cana, arrumou as suas coisas na cesta a tira-colo e descalçou as botas esverdeadas, seguindo areia fora em direção à foz. As estrelas caíram da noite no mar azulado, salgado e de águas mais frias e misteriosas, até ao dia seguinte.

Seis e trinta da manhã, a passarada chilreava anunciando a nova alvorada, do meio da vegetação que circundava a casa da praia. Isolada e velha de anos, ficara só, resistindo aos ventos e às tempestades que raras vezes assolavam este pequeno pedaço de paraíso. O velho assomou à porta com o seu cachimbo cheio, cerrado pelos dentes já castanhos e meio podres. Arrastou a cadeira de baloiço para o exterior, tão velha quanto ele, e sentou-se esticando as pernas e os braços, espreguiçando-se de uma noite de sono mal dormida por causa dos roedores que repartiam o aposento dele, mesmo por baixo do soalho. Inspirou do cachimbo demoradamente e expeliu o fumo acinzentado para o ar fresco da manhã. Nova passa e ficou pensativo a olhar a imensidão de todos os dias, a ver se via algo de novo. Um barco? - Ah! Os barcos, via-os a toda a hora a navegar ou à pesca. Os cargueiros com os contentores, vindos de todo o mundo, cruzavam o oceano à frente da sua casa da praia. Iam carregados de mercadorias e de segredos que as autoridades não poderiam descobrir, senão era o fim da linha, iria tudo por água-abaixo. Mais uma cachimbada e o fumo era expelido compassadamente em círculos como os sinais de fumo dos “apaches”.

Adivinhava-se mais um dia lento nas suas horas quase paradas sem pressa de chegar ao fim de mais uma tarde de outono. Já não havia veraneantes a bronzear-se, só uma ou outra alma que tentava recuperar alguma nostalgia do verão ou de outros verões longínquos de anos ou décadas, que já nem se lembrava. O velho, na sua cadeira de baloiço, de vez em quando se levantava e dava uns passos até ao interior da casa, ou descia os três degraus até à areia da praia, pisando a vegetação que ia crescendo por não ser calcada tantas vezes como outrora. O carreiro ainda se notava de

quando ele vinha ao cimo das dunas fazer a vigilância das mesmas. Outros tempos, outras responsabilidades já passadas. Agora era tudo mais moderno por aquelas bandas. Colocaram uma câmara de filmar giratória com controlo remoto, no cimo de uma estrutura metálica, e as imagens captadas eram visionadas “in time”, lá nos cubículos, à distância. Deixara de haver privacidade por aquelas bandas. As pessoas nas suas casas, mesmo longe, eram espiadas sem o saberem. Até o velho da casa da praia, se queria fazer alguma necessidade fisiológica ao ar livre, seria visto. “O grande Irmão” não se preocupava, tudo absorvia, e só a consciência dessa mente que visionava é que decidia o que fazer com tal e exclusiva informação.

O pescador do costume chegou mais cedo, mas não veio só. Trazia com ele outro compincha. Talvez para melhor passarem o tempo da espera dos peixes incautos, e para conversarem de outras pescarias e dos peixes de xis kg que lhes escaparam. Ora bolas, se lhe escaparam, como é que sabiam que pesavam xis kg? - Mentirosos estes pescadores amadores, de fim-de-semana, como outros, os caçadores que não apanhavam os coelhos, as lebres ou as raposas, espertas, manhosas, que conseguiam ludibriar os tiros projetados nas suas direções. Às vezes, esses caçadores também iam caçar na praia à volta da casa do velhote. Era mais o alarido por parte dos cães a ladrarem e duns tiros do que outra coisa. A algazarra que faziam, desde muito cedo, incomodava o velho ainda no seu leito, ou na sua cadeira de baloiço no apêndice da sua casa da praia. Habitou-se a não lhes ligar. Habitou-se às suas presenças esporádicas, porque sabia que logo, logo, se iriam embora até ao ano seguinte.

Voltando à antena do “Grande Irmão”, ela captava as cenas dos amores de verão e as noites mais quentes dos encontros dos jovens, que se divertiam nas festas de praia à volta de uma fogueira, a fumarem uns charros ao som de umas músicas tocadas por uma viola, e dumas latas de cerveja. “Grande Irmão”, grande bosta que as autoridades marítimas faziam.

O velho, na sua cadeira de baloiço, ficou contente quando um dia veio uma tempestade mais afoita, e o mar e o vento derrubaram aquela antena que mais parecia uma pena presa num qualquer silvado, a querer fugir, mas pregada aos seus picos como a antena pregada à areia fina e movediça, não a deixando cair totalmente, mas inutilizando-a para os fins a que se destinara. Agora o velho estava feliz, mais despreocupado. Era ele que controlava a praia e os seus segredos de sempre, que ficavam só com ele e mais ninguém. Ah! As coisas que ele sabia, que nem o pescador sabia, que ele, o velho, as soubesse. Era um túmulo! Nada transpirava daquela boca, já quase sem dentes, que um dia a terra haveria de comer e levar para si, e aos seus segredos guardados a sete chaves.

Já não se aventurava tanto no mar como noutros tempos idos, mas de vez em quando, ainda entrava na água até à cintura e molhava com as mãos os poucos cabelos que lhe restavam. O pescador era seu amigo e dava-lhe um ou outro peixe para ele o escalar e secar ao sol, no seu alpendre. Apanhava uns mexilhões no seu vagar, lá nas pedras pretas, quando o mar o deixava aventurar-se um pouco mais, e alguns caranguejos que cozinhava depois com uma cebola, deliciando-se com o petisco e um copito de vinho branco fresco, ou uma cervejinha. As forças já o abandonavam mais depressa do que das outras vezes que ele ia ao mar. Tinha de ter

mais cuidado agora quando entrasse na água. Era como um pequeno barco que oscilava nas grandes ondas que o arrastariam para longe, para onde o desconhecido, o “Grande Irmão”, já não o poderia ver. Sentia-se mais seguro em terra, na sua casa da praia e sentado na sua cadeira de baloiço. Adorava aquelas tardes de outono soalheiro, com um cheirinho de folhas secas a serem sopradas ao redor da sua casa. Dava pequenos passeios até à foz e subia pela margem do rio, contornando a pequena ínsua, voltando para a sua casa na praia, onde fora construída, fazia tempos. As forças teimavam em abandoná-lo, mas ele teimava em não desistir e ia resistindo até quando já não pudesse mais. Mas era feliz!

RICHARD RYAN BRIGHT

escritorbrichard@gmail.com

Campinas – SP



O CASO 87

— Foi o único jeito de fazer ele parar de me tocar.

As palavras da criança paralisaram o investigador; elas o perturbaram mais do que a cena do crime. Seus olhos percorreram mais uma vez os quatro cantos do cômodo, cobertos de sangue. Parecia mais um matadouro clandestino do que o quarto de uma menininha.

Pedaços do que poderiam ser de um homem estavam espalhados pelo chão, e o sangue na lâmpada deixava o quarto avermelhado, como em um filme de terror. Horrorizado, o investigador se perguntava o que havia acontecido. Em todos os seus anos de trabalho no DESOL (Departamento Sobrenatural), nunca tinha visto algo parecido. Já havia enfrentado casos de lobisomem, vampirismo, bruxaria, mas isso o fez sentir medo. Respirou fundo e lentamente para manter suas feições serenas e não demonstrar a ninguém seus reais sentimentos.

— Senhor, acabamos de solicitar ao departamento que trouxessem holofotes para ajudar na coleta de provas, e até agora não encontramos nenhum corpo. Inteiro, pelo menos — disse a investigadora Ramirez para Rogério.

— Quantos entraram aqui antes de nós? — perguntou o investigador.

— Quatro policiais da ROTA.

— Da ROTA?! Chamaram-nos para essa ocorrência? — disse Rogério, surpreso.

— Na verdade, pelo que entendi, o pai da menina é parente do Belato e ligou para o celular dele. Os vizinhos ligaram para a

polícia ao ouvirem os gritos. Foi só coincidência eles estarem por perto.

— Quem é Belato? — Júlia Ramirez é novata no DESOL, veio da polícia federal da fronteira do Paraguai. Está se adaptando e aprendendo a nova função, mas a dificuldade em passar informações tem a ver com o estado da cena do crime, que deixou todos nervosos. Rogério é compreensível, e sua pergunta saiu com educação.

— Desculpa. — Diz Ramirez, respirando fundo, demonstrando seu nervosismo. — Belato é o PM da ROTA que ficou na viatura.

Outro investigador do DESOL se aproxima e mostra o visor de um aparelho para Rogério, sem dizer uma palavra. Rogério faz um sinal com a cabeça, e o investigador se afasta.

— Essa entidade é poderosa; o espectrômetro está no máximo. Seja lá o que estiver acontecendo, é maior do que tudo que já vi, e olha que vi coisas na fronteira — diz Ramirez, após também dar uma olhada no aparelho.

— Ele viu algo?

— Quem?

— Belato. Concentra-se aqui, Ramirez.

— Desculpe. Não, já o interrogamos. Ele viu o que estamos vendo. Esse vômito na porta é dele. Ele subiu ao ouvir os tiros.

O tempo todo que Rogério fala, permanece com os olhos fixos na menina.

— A menina tem nome?

— Sim, é Jenifer.

— Ela falou algo mais, além disso?

— Frases desconexas, não sei se está traumatizada. Ela dá a entender que houve algum tipo de abuso. Ela repete muito sobre alguém ter tocado nela, mas sem expressar sentimento.

— Quem é o responsável da polícia militar?

— O capitão Matiazzo está lá fora com o Belato. É um dos nossos; foi ele que nos acionou.

O investigador sente alívio, pois o sigilo do DESOL tem que ser mantido acima de tudo.

— Procedimento padrão com Belato.

— Sim, senhor. E... como vamos proceder aqui?

O investigador não responde e, após alguns segundos, vai até a menina, que continua no quarto. Ele se abaixa para falar com ela e percebe que está segurando um colar com vários pingentes estranhos; um deles lhe é familiar, um pentagrama invertido de metal. Neste momento, o investigador sabe que se trata de magia.

O correto seria retirar a menina do quarto, mas eles não são uma polícia comum. A menina pode ser a ameaça.

Rogério olha para o chão aos pés da garota e, em meio ao sangue, consegue identificar pequenos animais mortos, ossos e velas apagadas, e logo deduz que houve um ritual ali. Será que uma criança de seis anos teria as habilidades necessárias para tal invocação? Com certeza alguém deve estar por trás disso, pensou Rogério. Ele aponta para o investigador com a câmera e o manda entrar para tirar fotos. Acompanhados dele, entram outros investigadores com os holofotes e mais equipamentos, achando que estão seguros. Ao acender as luzes, percebem sulcos na parede; runas entalhadas no reboco pareciam ter sido feitas por magia, pois estava derretido e sem sinais de fogo. A análise seguia cautelosamente quando um pequeno morcego entrou pela janela.

A menina, com um reflexo de gato, pegou o animal em pleno voo com sua mão direita. Ele se debateu e até a mordeu, fazendo escorrer um fio de sangue pela sua mãozinha, porém, ela não emitiu nenhum gemido de dor. O investigador se levantou de salto, dando um passo para trás, quando Jenifer se virou com uma faca na mão esquerda, com um cabo estranho feito de osso:

— Ele ainda está aqui — sussurra a criança, e todos ficam parados olhando, esperando o próximo movimento. — É melhor você ir.

Porém, o aviso chegou tarde.

A porta se fechou lentamente, sem emitir qualquer ruído, e quando ela encontrou o batente, a garota sacrificou o animal e os gritos começaram. Corpos foram arremessados, sangue espirrava enquanto a menina gargalhava. Após alguns tiros, móveis quebrando e gritos desconexos, seguiu-se um longo silêncio, e todas as luzes explodiram. Aqueles do lado de fora da casa, escondidos atrás de árvores e viaturas, continuavam em silêncio, aguardando seja lá o que estivesse acontecendo.

O bairro inteiro está escuro, mas todos podem ver uma luz branca azulada pela janela do quarto e pelas frestas da porta, acompanhada de um som baixo e maléfico.

— Sons do inferno — sussurra um investigador do lado de fora do quarto. Todos ao seu redor sentiram os sons vibrarem em seus ossos.

Então, a porta se abre com a mesma velocidade com que tinha fechado. Os policiais no corredor observam, estáticos, uma silhueta sombria em pé no meio do quarto. Quando ela começa a andar na direção deles, os investigadores se afastam. Tremendo de medo, um deles aponta sua lanterna:

— Tira isso da minha cara — diz Rogério, trazendo alívio aos bravos homens da lei. O investigador está com a menina desacordada no colo e segue a levando para fora da casa.

— O que aconteceu? — questiona Samira, sua parceira, que fazia os procedimentos na rua.

— Um demônio.

— Onde ele está agora, você o banuiu?

— Ele está aqui.

— Onde? — Olhando ao seu redor.

— Aqui — diz Rogério, olhando para a garotinha inconsciente em seu colo.

RITA BUIATI

ritabuiati@gmail.com

Manaus – AM



PASSAGEM PELA VIDA

O TREM

Olha, o trem ao longo do tempo rumo aos trilhos
Por detrás das montanhas, serras e montes
O percurso do trem, as paisagens que passam, carregando
sonhos, fé também esperança
Enquanto não retorna espera-se voltar
Está chegando novamente,
Regressa
Para
Olha, olha o trem
Trem Bão...
Trem da alegria, a alegria do trem voltando, traçando
novos destinos
Para onde vai
De onde vinhas
Para onde irás, lá vinhas tu hó trem, buscar ou deixar
alguém, há, uma estrada, ponte que levará do outro lado.
Feliz pelo ponto onde chega, a maneira de viajar
Quando vem perto, bem de mansinho, fatos que vivi e
passei o alvorecer traz o dia
Novo sol
Celebrando a cada dia
Ao brilhar
Entardecer cheio de poesia, a primeira estrela para enfeitar
demorou a chegar
Trem das estações, foi-se, deixou-me, passou por mim
Embora longe sinto-o comigo

Da estação primeira, trem da vida, trem de outrem
adentrando às mudanças

Nova estação.

Trem que vaga, trem que vai e vem adentrando

Trem que corre, carrila, descarrega

Olha o trem que vai e que vem.

Trem traz esperança, enquanto volta

Atenta o trem que vai ficar que vai partir

Se perder esse trem, em movimento

Sai, à noite, nesta tarde

Só amanhã, outra hora

O trem passa, a vida que passa, viagem da vida.

Amanhã de manhã...

Só outra vez

Só depois que vai e que vem

Trem que passa igual bala está chegando novamente.

Nova estação

Viagem da nossa vida, de outros então passa.

Estação que desce, convive, estação que atrasa, adianta,
acelera

Trem que passará...

O trem que passa. O tempo passa, idas e vindas

Vento sopra sem tocar o vidro das janelas em dias
ensolarados, limpa o embaçado da chuva passando
sentindo na mão.

Debruçado na janela, vê-se os rasgões das paisagens de
hora em hora, volta satisfeito

Para o Norte para o Sul, onde quer, soprando o tempo,
passando sentindo na mão, caminhando juntos
Basta um tropeço sair do trilho e joga fora da linha,
reinício, recomeço.

Locomotiva, escutando os barulhos, o apito
Vai surgindo a fumaça, o sino, o maquinista
Avisando bem de longe
Trem de ferro, ferrovias
Certeiro, para frente, anda depressa para onde seguir e
voltar, caminhos e viagens sem fim, iguais às nuvens sem
pés.

Árvores balançando os galhos, lugarejos, plantações, às
margens dos rios e cidadelas
Tudo acontece, os anos se vão, desejos embalados, sonhos
despertados, saudades, maldades e todos os dias gente
com novidades.

Por onde for o trem, onde descer, onde interromper, cessar
ou empacar

Nova estação

A última, ocasião, derradeira, o silêncio envolve todas
desde a primeira

Estação rara, dependeu de outras
Trem que não voltará!!! Caminho sem volta
Vida que passa pela gente trem que é dirigente
Além dos montes, o trem que não mais vem.
Sendo o maquinista ou o passageiro,
O trem vai e vem.

Tudo me foi um dia, às cantigas o falar

Antigamente, os anos de outrora e não voltam ao mesmo tempo.

Não mais há lugar para o trem passar

Momento de criança, jovem, adulto ou ancião

Cruzam e mudam as gerações

Os anos não voltam mais

O portal existe, limita o viajar

Aprecia o infinito

Nele a paz a raiar.

Olha o trem

Não mais passará

Não mais carrilará

Desde agora e para sempre,

Assim seja

Amém

THEREZA FERRAZ

theferraz51@gmail.com

Palmares, Paty do Alferes – RJ



POESIA PALAVRAS

Estou aqui sentada sobre a cama, olhando a janela escura, fechada em contraste com as paredes brancas do quarto.

Todos dormem. Já é noite.

A janela ontem estava aberta e por ela viam-se as árvores se mexendo, folhas dançando com a brisa, e um céu azul luminoso onde os pássaros bailavam a vida.

Vida serena, tranquila, feliz. E eu sentada sobre a cama engolia uma enxurrada de palavras.

Palavras que falam, palavras que negam, palavras que escondem, palavras que camuflam, palavras...

Palavras que contam, palavras que sangram, palavras que inflam, palavras que esvaziam, palavras...

Palavras de dor, que matam o amor, a dignidade, a sensatez, a resiliência, a fé, a caridade, o desejo, o ato, o encanto, a vida.

E a vida atrás da janela escura...

Hoje a janela está fechada, a vida lá fora está escondida e dói...

Meu estômago dói. Não consegue digerir as palavras ditas e não ditas. As palavras criadas, as falsas palavras. Aquelas que caminham na sua direção invadindo seu corpo, sua alma, suas vísceras. Palavras do outro, criadas pela mente do outro, pelas emoções, sentimentos e vivências do outro. Pela dor do outro. Pelo dito e não dito do outro.

As palavras não te pertencem, mas são tão poderosas, fortes que você as engoliu e agora elas fervilham em seu estômago, empurram as paredes do seu órgão como se tivessem tomado vida e ao se sentirem aprisionadas, tentam sair.

Gritam, empurram, socam, pulam, rolam, se agarram e quanto mais lutam tentando se libertar, mais seu corpo dói, seu estômago ferve de tanta dor, amargura e mágoa.

Continuo sentada sobre a cama, em frente à janela, tentando digerir as palavras que tive que engolir quando tudo seria tão simples se ao abrir a janela preta, escura eu deixasse entrar o ar que nos liberta, que nos dá vida, que acalenta a nossa alma...

Respire. Sinta o ar entrando. Pense só na sua respiração. O ar entra, nutre todo o corpo e sai... segura um pouco esse ar. Agora o liberte bem devagar... repete e vai libertando as palavras presas. Elas não te pertencem. A luz do sol entra pela janela iluminando e aquecendo a vida. Sinta essa luz. Deixe a natureza banhar a tua alma.

Olhe para a janela... Deixe ela aberta. Respire... relaxe... coloque as mãos sobre as palavras presas no seu estômago e vai libertando cada uma a seu tempo. Expire cada palavra até que elas desapareçam no ar, na luz. Liberte seu corpo da dor, da mágoa, da tristeza, da falta de amor.

Palavras não são simples palavras. Palavras não digeridas ficam amordaçadas, presas dentro do seu corpo. Passeiam pela sua mente, contaminam seus pensamentos e ferem seu corpo, sua alma. Aprisionam o seu ser e aos poucos matam a sua vitalidade.

Palavras ninam, acariciam, contam histórias, falam de amor, protegem o bebê, a criança, o adulto quando suavemente escapam do coração daquele que ama.

Ai que gostosa essa voz sussurrando no meu ouvido! Que suavidade, que leveza, inteligência, cuidado!

Que milagre essa palavra entrando pelos meus ouvidos, passando pela minha mente e aconchegando a minha alma.

Que prazeeeeerr essas palavras.

Palavras, p a l a v r a s, PALAVRAS, PALaavras,
PAALAAVRAASSSSS, palavras, palavras, **palavras**,
PALAVRAS, PALAVRAS, palavras, palaavrassss.
Palavras, PALAVRAS,
PALAAVRAS...PALAVRAS..... As palavras.

Eu falo, eu ouço, eu assimilo, eu digiro, eu não digiro. Meu cérebro guarda milhões e milhões de palavras.

Palavras boas, palavras ruins, palavras sem sentido, palavras assassinas, palavras doentes, palavras mortais.

Preciso proteger o meu cérebro!

Como fazer isso? Como?

Vêm de todos os lugares. Elas estão no ar, nas paredes, nos olhos, nos sentimentos, nas emoções. Na BOCA das pessoas.

Palavras agriDEM, palavras consolam. Mas como controlar as palavras? Elas perderam o controle.

São palavras e mais palavras circulando por todos os lugares, por todo o universo. Palavras vindo, palavras indo, palavras entrando, palavras saindo.

As palavras unem, elas também afastam. São armas poderosas para destruir, para curar, para amar...

E eu, sentada sobre a cama, olho para a janela e digo: vou dormir! Mas as palavras não dormem e caminham a noite toda no meu cérebro, no meu corpo, criando histórias, revelando segredos. Segredos da infância, da adolescência, dos ancestrais, não importa. Segredos do dia a dia, segredos de uma vida engavetados no fundo do meu cérebro. Segredos bons, segredos esquisitos, segredos que parecem não me pertencer. Segredos cheios de palavras ditas e não

ditas. Palavras guardadas, palavras tatuadas, palavras marcadas, palavras esquecidas, palavras moldando a vida. Ela está lá. A palavra está. A palavra pertence.

ZENAIDE APARECIDA PEDROSO CESAR

laryssaandradepl@gmail.com

São Paulo – SP



O DIVÃ RESPONDE

Desde Minha Infância os porquês sempre me acompanharam; meus pensamentos eram o porquê disso, daquilo, minha mente acreditava que para tudo existe um porquê, aliás, ainda acredito nessa teoria.

Desde meus oito anos, não conseguia entender porque teria simplesmente que obedecer ao que era imposto por minha mãe, quanto ao meu pai; praticamente só víamos a noite ao chegar do trabalho. Tudo em casa era para ele; a atenção, a cabeceira da mesa de jantar, o melhor e maior pedaço de frango. Nós crescemos comendo depois dos adultos e quando chegavam visitas tínhamos que sentar ao chão, para ceder lugar a eles.

Carinho? Absolutamente nenhum. Somente broncas, tarefas e afazeres.

Foram exatamente esses porquês que me fizeram chegar até onde estou hoje.

Eu precisava entender o que acontecia comigo e com minha mãe; precisava entender qual era o motivo de tanta raiva que sentia por mim.

A minha pouca idade não me deixava compreender como e quando era o momento em que eu não fazia direito o serviço designado a mim, como lavar louça, roupas, ainda mais aquelas roupas grandes pesadas e para tal precisava de um banquinho para alcançar o tanque. Sem saber lavava do jeito que eu achava que estavam perfeitas, mas nada estava bom para ela, sempre falava maus nomes horríveis como: venha cá, vagabunda, imprestável, biscate, é isso que será não presta pra nada, não é à toa que desde quando eu soube que estava grávida de você eu desejava que

nascesse uma cobra e não gente; nunca quis você, tomei tantos remédios para te abortar e de tão ruim que é não prestou nem pra morrer.

Um nó em minha garganta se fazia e a vontade de sumir era grande.

Eu não conseguia entender tudo aquilo, eu era apenas uma criança; aquelas palavras me magoavam muito, me faziam sofrer e chorar tanto que chegava a pensar que iria morrer.

Eram constantes brigas que refletiam em mim dia após dia uma pessoa magoada, indesejada, rejeitada, ressentida, cheia de dor e assim se o tempo se passava.

A adolescência chegara e com ela o sentimento de infelicidade, porém, muito mais questionadora.

Comecei a buscar coisas, lugares e pessoas que pudessem explicar a tantas perguntas. Possuía plena convicção de que ela teria que mudar e que eu era a vítima da história.

Conforme o tempo passava me questionava: você não merece tudo isso, como Deus permite isso? Eis que ao mesmo tempo, um sentimento forte me fazia ficar determinada para buscar uma saída.

Foi exatamente essa determinação que fez com que eu me colocasse em uma posição de superioridade e assim, me vesti dessa armadura de não permitir que ninguém lá fora me humilhasse ou me usasse; assim eu conseguia me proteger das pessoas que se aproximassem com más intenções, seja para praticar bullying ou até mesmo para me usar.

Todos esses desentendimentos com minha mãe ocorriam porque ela era uma pessoa muito difícil de conviver, de um

temperamento muito autoritário, parecia que estava o tempo todo querendo se vingar de algo e acabava descontando em mim.

E fora com o tempo que percebi que assim como eu acreditava que era o outro que tinha que mudar; ela tinha certeza de que seu comportamento era o correto e que o outro é que deveria e teria que mudar, nem que para isso fosse necessário espancar.

Embora eu fosse uma pré-adolescente, não conseguia entender e muito menos aceitar aquele jeito dela ser.

A minha pouca idade e a época de uma Ditadura extremista não me deixava se quer obter conhecimento para que eu pudesse ter o entendimento que hoje é possível a quase todos nós; digo quase porque a realidade do nosso país ainda deixa muito a desejar; considero-me uma privilegiada por morar em São Paulo, uma das cidades maiores do Brasil.

Hoje em dia o fato de vivermos numa Democracia faz com que possamos ter acesso a muitos conhecimentos que não era permitido nos anos de Ditadura.

Minha mãe era a filha mais velha de uma família de muitos filhos o qual meu avô Serapião era lavrador, eles moravam em casa de barro numa vila de Colonos dentro da própria fazenda onde trabalhavam. Naquela época o homem comandava o lar e no caso de meu avô, como tantos outros homens extremamente machista ditador; minha vó Joana era submissa ao marido e apesar do despotismo de meu avô ela era dócil, carinhosa e de um ótimo astral, sempre sorridente e de total paciência com tudo e todos.

Minha mãe por sua vez criou meus três irmãos e a mim a caçula da mesma forma, em um regime que não podíamos se quer expressar qualquer tipo de reação, sendo assim literalmente tínhamos que submeter a tudo calada sem direito algum se quer de

expressar os nossos próprios sentimentos, mas; suas últimas duas filhas foram totalmente rejeitadas desde o útero e muitas foram às tentativas de aborto sem sucesso principalmente para comigo assim sendo, a raiva era triplicada.

Quando apanhávamos, tinha que engolir o choro, ou seja, não podia nem chorar devido à dor dos espancamentos. Sim, isso mesmo; era espancado, principalmente eu por ser a caçula de olhar expressivo e questionadores aos fatos, e na maioria das vezes os vergões roxos por todo o corpo; como se nada disso bastasse, no dia seguinte tinha que ir para a escola com roupas de mangas curtas para que todos pudessem ver os vergões e saber que tinha desobedecido aos pais e portando fora punida, os vergões eram a prova da suposta desobediência que, na verdade, fora simplesmente o comportamento autoritário dela que causara toda a violência em casa. Confesso que apanhei muito porque apesar de não poder falar os meus olhos expressavam a indignação e repulsa por àquela atitude de minha mãe; dessa forma ela lia o meu olhar e por conta disso apanhava mais ainda, pensei várias vezes em correr, mas se o fizesse apanharia muito mais, como sempre acontecia se tentássemos escapar.

Eis que nada eu poderia fazer por conta da minha pouca idade, ainda mais em uma época de Ditadura, extremista, restava-me apenas sonhar e crescer para obter minha liberdade e independência e tão logo fez 14 anos fui trabalhar e estudar a noite. Confesso que a única coisa que me fazia feliz era ir para a escola e aprender, principalmente quando eu lia algum livro e este me fazia viajar no tempo e espaço e sonhar muito.

Desde pequena sempre dava um jeito de conseguir livros para ler, isso porque o acesso a eles ainda eram restritos e as pessoas sem posses não conseguiam livros para ler.

Lembro-me que quando estudava a 5ª série eu tinha uma amiga que possuía uma vida financeira diferenciada e ela tinha acesso a livros, e com certa frequência trazia algum que eu queria ler, da mesma forma adorava escrever estórias fictícias. Cada vez mais eu amava os livros e o meu sonho aumentava.

Assim como também era meu sonho querer entender os porquês da vida.

Eu tinha um grande sonho, mesmo sem saber o significado do meu sonho gravado em minha tela mental, nem imaginava que aquilo que eu via era tão verdadeira e real. Porém, na minha mente era só um sonho.

Longos anos mais tarde soube que àquele casarão que imaginava morar e estudar era exatamente a Universidade USP, como eu conseguia ver nitidamente este lugar se não tínhamos nada nem ninguém que dissesse algo parecido; não sabia sequer que existia faculdade.

Sempre sonhei grande, mas àquele sonho de estudar e morar na própria escola era algo que naquele tempo a famosa Ditadura jamais deixaria qualquer filho de um mero trabalhador, principalmente mulher estudar, era algo que jamais poderia alcançar.

A cada sonho engolia a seco sem se quer conseguir falar para alguém.

Tínhamos apenas um rádio onde somente adultos ligava e ouviam, e ouviam apenas músicas sertanejas que meu pai gostava e minha mãe noticiário só de desgraças e radionovela.

Confesso que o momento que eu mais amava era aquele que meu pai ouvia suas músicas, ah! Como elas me faziam feliz assim como os livros.

A minha adolescência era muito tumultuada por obrigações, os tem quê imposto pelos pais e no meu caso pela minha mãe era sufocante demais. A frase que mais ouvia era:

Faça o que mando e pronto; simplesmente porque estou mandando.

Como eu não aguentava mais ter somente deveres e nada de laser, eu resolvera dar a mim alguns momentos de prazer, mesmo correndo o risco de apanhar. Uma das peraltices de adolescente era cabular aula para ir ao cinema, sempre adorei as telas de cinema e os palcos do teatro, lá eu se esquecia de tudo, as estórias sempre me fascinaram.

Em uma dessas vezes minha mãe descobre que cabulei aula para ir ao cinema, ela simplesmente esperou-me chegar a casa. Tão logo me arrastou pelos cabelos, rasgando toda minha roupa e furiosamente me batendo com pau, o que mais encontrava com força descomunal comecei a gritar, socorro; virando-me de ponta cabeça para me jogar dentro do poço; eis que sinto uma mão me puxar era um dos vizinhos que conseguira me tirar das mãos dela; eu completamente com as roupas rasgadas com os seios expostos, só me recordo que senti muita vergonha de estar daquele jeito.

A cada dia que passava a expressão de seu rosto era de mais ódio por mim.

Algumas pessoas viam várias vezes cenas como aquela e nada faziam sobre o assunto.

Ela sempre dizia: Eu pari, portanto, tenho direito de matar.

O tempo passava e às coisas só complicavam ainda mais.

Agora aos quinze anos, após ter feito um curso de telefonista e datilógrafa pagos com meu salário de balconista, sonhava muito em trabalhar em um banco.

Assim o fiz, sempre em busca de obter o melhor, algo de que realmente me sentia merecedora e que pudesse chegar aos meus sonhos e assim o realizei.

Buscava os meus ideais com afinco, para isso restava apenas planejar plano A, plano B e às vezes plano C e assim fazer cursos e alguns trabalhos. Sempre sonhadora e com grandes ambições.

Embora eu tentasse ser obediente a minha mãe, cada vez mais, não entendia a causa de tanto ódio que ela sentia por mim.

Tudo era muito difícil para uma mulher jovem da época, ainda mais vinda de família pobre, muito menos conseguir estudar em uma Universidade; nem pensar, apenas os filhos de ricos realizavam essa tão esperada universidade.

Morar sozinha! Impossível. Ninguém alugaria uma casa para mulheres sozinhas, muito menos para alguém difamada pela própria mãe.

Mais algum tempo se passou e agora aos dezessete anos ainda não conseguia morar sozinha e quando pensava que tudo iria melhorar a vida reservava mais momentos de muita dor e sofrimento.

Trabalhava de dia e estudava o Colegial à noite, fora no colégio que conheci um rapaz e após tantas tentativas de namoro por Marcos; começamos namorar as escondidas de minha mãe. Marcos! Ah! Marcos meu maior pesadelo; justamente algum tempo depois que estava feliz trabalhando no tão sonhado Banco na Av. Paulista, me vejo grávida e tão logo ao comunicar a gravidez a ele. Uma grande surpresa: A resposta de Marcos foi taxativa, se vira eu

não vou assumir nada; desesperadamente sem saber o que fazer, acreditando que no mínimo iria ter seu apoio, saiu dali desolada e essa frase soou aos meus ouvidos juntamente com o desespero que me tomou conta de tal forma, que ao pedir ajuda para minhas amigas a decepção veio ainda maior. Elas me incentivaram a fazer um aborto, aterrorizada fiquei; não, isso não, essa não deveria ser a solução; e a única certeza que eu tinha é que jamais tiraria meu filho, seja lá o que tenha que acontecer.

Marcos fora embora para outro estado sem dar a menor notícia, e eu sem saber como resolver tudo sozinha; não poderia dizer a minha mãe; ela me mataria. Eu sabia do que ela era capaz, ainda mais por já ter tentado me matar, não eu não poderia dizer mesmo porque eu namorava as escondidas, e o desespero tomava-me conta a cada dia.

Porém, no meu trabalho eu tinha todo carinho, eu era muito bem quista pelo meu chefe e todos do banco, ele me aconselhava a não pedir demissão e que tudo se resolveria, que eu e meu filho seríamos assistidos por um bom convênio do banco e que nos apoiaria.

Mesmo amando meu trabalho, preferi me demitir e fugir de São Paulo. Apesar dos meus dezessete anos, eu ainda não podia viajar sozinha; mas me calei e segui viagem com minha mãe para o interior, onde eu ficaria por um tempo. Passaram sete meses e eu não queria voltar, apertava a barriga para não aparecer e ninguém saber, até o último instante eu apertava a barriga com faixas largas. Não tinha a menor ideia do que fazer à medida que o tempo passava.

Agora já aos sete meses de gravidez, minha mãe fora me buscar e tive que obedecer.

Ao retornar, agora em casa, num belo dia após um mês acordei assustada com minha mãe me olhando a barriga que estava enfaixada e num grito ela me acordou gritando loucamente; sua vagabunda, você está grávida? Eu podia te matar, é isso que merece, onde foi e com quem foi que aconteceu? Você vai me contar quem é o pai dessa criança agora. Eu sem saber o que dizer, ainda mais porque ele havia sumido do mapa, nem mesmo a mãe de Marcos sabia onde ele estava, assim ela me dizia e eu não podia falar para minha mãe o endereço e assim fiquei calada com relação a esse assunto e por este momento crítico fora a primeira vez que não fui espancada.

O tempo passou logo tive meu primeiro filho.

Recordo exatamente que quando passeávamos pela Marginal, Marcos dizia que seu primeiro filho iria se chamar Eriksson, uma grande empresa que existe na marginal Tietê em homenagem a esse grande empresário. Tão logo eu tive meu filho, Marcos retorna a São Paulo eis que ao ir procurá-lo ele quis ver o seu filho e quis registrá-lo e assim o fez, a verdade é que ele sabia exatamente com toda convicção de que àquele era seu filho, bem sabia que engravidei logo na minha primeira experiência sexual.

Apesar de ter registrado meu lindo filho, Marcos nunca deu assistência e nem carinho a ele, um pai totalmente ausente como tantos outros hoje em dia.

Mãe e filho eram dois rejeitados.

Os anos passaram, eu fazia de tudo para que ele pudesse ter contato o máximo possível com a família de Marcos para não criar um clima tenso e de desamor. Porém, Erick mesmo percebia que não fazia tanta diferença para aquela família, acabou por não

querer mais ir visitar sua avó paterna dona Zezinha mesmo sendo bem tratado por ela.

Quanto aos direitos da criança, eu não quis reivindicar; meu orgulho estava ferido demais, ferido pelas humilhações que minha mãe fazia-me passar e agora pelas humilhações que Marcos continuava a me fazer sofrer.

Orgulho ferido quando focado de forma certa te faz ficar forte e decidida; não mais iria me submeter a humilhações de ninguém, absolutamente ninguém.

A minha situação na casa de minha mãe era cada vez mais drástica e intensa, xingamentos, humilhações e como não bastasse agora ela tinha um trunfo para que eu fizesse tudo sob suas vontades e ordens. Para tudo ela usava meu filho contra mim.

Sua frase preferida: Minha casa, minhas regras. Não está satisfeito? A porta da rua é a serventia da casa.

Até um dado momento em que pensei.

Já que eu não posso realizar meu verdadeiro sonho, entrar para a Universidade e morar sozinha, na minha mente só havia mais um ideal, o sonho de recuperar minha dignidade.

A sociedade hipócrita que difama uma mãe solteira; apedrejando-a como uma puta, sem valor algum, sem dó nem piedade.

Então darei o que todos querem um simples papel de casamento para ser respeitada como tal; então assim será.

Essa sociedade hipócrita que pouco se importa se este papel de casada será apenas mais uma prisão de autoritarismo e espancamentos de muitas mulheres submissas.

A vida pregara outra peça, sair do despotismo da mãe para o autoritarismo do marido machista; única solução para a época.

Mas darei tapas com luvas de pelica para os hipócritas dessa sociedade, inclusive a sociedade familiar.

E foi neste momento que decidi me casar para ir embora, ter minha independência, levar meu filho e viver minha vida. A única solução para aquele problema era sair da casa de minha mãe e só me restava o casamento. Acreditava que com ele iria obter a independência e junto à possibilidade de voltar a estudar; assim o fiz.

Eu ainda passaria por maus momentos antes do plano ser alcançado, e este serão adiados.

Para alcançar meus objetivos eu sempre tentava encontrar saídas para a resolução dos meus problemas.

Enfim chegara a vez de eu me casar; porém, eu teria mais um empasse antes; novamente minha mãe.

Ao anunciar meu casamento e começar os preparativos, pensei: hora de comunicar aos meus pais, embora eles já soubessem que eu estava namorando e já o conheciam, eu faria exatamente tudo como manda a tradição.

Faltava apenas três meses para o dia tão desejado. Os preparativos estavam tudo na ponta do lápis, agora mãos a obra para as compras. Tudo que possa imaginar fora comprado por ele, Clodomiro, ele fazia questão que eu não gastasse nada absolutamente nada. Os móveis, convites, a festa, o churrasco, a igreja, cartório civil junto com religioso na igreja, a mais exuberante igreja da zona leste, Igreja nova de nossa Senhora da Penha, as alianças, o enxoval completo do casal.

A única coisa que eu fizera questão de pagar e escolher o vestido de noiva.

O primeiro presente dado por minha mãe dias antes de meu casamento foi o que mais me marcou, a notícia de que eu teria que ir ao Juiz para resolver as questões de meu filho Ericksson. Ela me intimou a ir ao Juiz e ao chegar lá ela disse que era para eu passar meu filho para seu nome como mãe dele, achei aquilo um absurdo; já não bastava ela ficar com ele? Ainda teria que passar no papel? Isso eu não farei jamais.

O mesmo Juiz acabou me convencendo em deixá-lo com ela, afinal era ela quem tomava conta dele e se eu tirasse-lhe a faria sofrer muito. Pensei que ele tinha razão, afinal eu estaria perto de meu filho todos os dias e continuaria a custear suas necessidades e assim se fez. E todo ficaria em paz.

O segundo presente fora a recusa de minha mãe em ir ao meu casamento e de não me dar à benção.

Ao invés de benção, ela disse-me: não participarei da sua desgraça, pois assim será o seu casamento.

Mas somente isso não bastava para ela; tinha que me castigar mais ainda.

Chegara o dia tão esperado; treze de junho, dia de Santo Antônio, o Santo.

Mais uma tristeza invadira meu ser ao pedir a minha mãe para ir comigo a igreja e ela simplesmente disse em bom-tom: não irei, não quero participar da sua desgraça.

Realmente ela não fora. Apenas meu pai que me levou até o altar.

Casei-me como manda o figurino. Melhor Igreja, Vestido de noiva exuberante e uma grande festa, uma novilha fora comprada para o churrasco; comes e bebe a vontade, tudo com muita fartura.

Realmente fora uma tapa com luvas de pelica para todos os que riam e torciam pelos entraves da minha vida.

Por outro lado, foram muitos aprendizados sofridos que me fizeram ser quem Eu Sou hoje e literalmente com letra maiúscula.

Eu estava muito feliz e preparada para uma nova vida de muita paz e independência; assim eu acreditava.

Mas para minha surpresa meu esposo era machista demais. Não admitiu que eu continuasse a trabalhar e muito menos voltar estudar, extremamente ciumento, não me deixava sair sozinha; embora eu tentasse de todas as formas persuadi-lo em me deixar ao menos trabalhar, mas nada conseguia. Embora acontecesse dessa forma, mas, eu nunca iria desistir. Pensava meios e estratégias para convencê-lo em me deixar trabalhar e nada adiantava. Minha madrinha, Neide Germano, sugeriu para que eu prestasse um concurso. Tão logo eu me inscrevi num concurso do Estado, obviamente escondido dele; passei no concurso, à medida que aguardava ser chamada tentava convencê-lo de me deixar a trabalhar, porém, ele era determinado em defender seu ponto de vista e sempre dizia: mulher minha não trabalha fora; para isso eu existo. Afinal, que raio de homem eu sou?

O tempo passou e agora eu tivera uma menina, nós estávamos muito felizes. Apesar de eu não trabalhar e nem estudar, meu esposo pagava uma mulher para limpar e lavar as roupas de casa, eu andava sempre bem arrumada, porém ao gosto dele até minhas roupas era ele que escolhia, deixava dinheiro comigo todos os dias mesmo sem que eu precisasse. Eu realmente era tratada como uma rainha, assim dizia minha mãe que continuava a tentar fazer a cabeça dele que estava me deixando mal acostumada a não fazer nada em casa; ele por sua vez acreditava que assim era

melhor. Extremamente cuidadoso para com a filha com Erick e a mim em todos os sentidos, nós quatro viajamos com constância, mesmo antes de minha primeira filha nascer já fazíamos grandes passeios e viagens; eu Clodomiro e Erick iam constantemente aos jogos do Santo futebol clube e a outros estádios fora de São Paulo onde o time jogava.

Nossas vidas não eram perfeitas, mas muito atraente em se tratando da grande maioria das famílias da época.

E como toda vida de qualquer pessoa sempre reserva surpresas tanto boas quanto ruins e dessa vez eu estava para vivenciar um dos meus piores pesadelos.

Era setembro de 1983, um dia como outro qualquer, eu e meu esposo tínhamos acabado de chegar do Litoral Norte de S.P., nosso recanto amado. Dia seguinte; vida que tem que seguir, mas ele parecia não querer ir trabalhar como não foi; algo o fazia querer ficar mais e mais comigo e com nossas filhas; sim eu estava grávida de um terceiro filho e como os outros não tínhamos como saber o sexo da criança. Mais um dia ele acorda com as mesmas vontades de não ir trabalhar, querer ficar agarrado comigo e planejando a vinda da segunda filha, mas o dever o chama e apesar de por três vezes consecutivas ir até o portão e voltar para dar um cheiro e um beijinho enfim; era seu íntimo intuindo-o de algo, mas, decide ir. Naquele dia meu irmão fora com ele e dirigindo o caminhão para a feira; sim ele era feirante.

Tudo parecia transcorrer muito bem, mas, ao voltar para casa em uma rua de grande declive meu irmão começa a gritar segurem porque não tenho mais freio, meu esposo gritava que iria pular, ele dizia vou pular, meu irmão dizia não pule! Mas meu irmão desesperadamente tentando controlar o caminhão ao ver que

iria pegar várias pessoas no ponto de ônibus esterça bruscamente para o outro lado e o caminhão perde o controle total; neste momento meu esposo pula e no capotamento a lataria da porta perfura sua perna arrancando toda a parte da carne deixando-a exposta ao osso. Quando o caminhão parou outros trabalhadores que estavam na carroceria pularam antes e praticamente nenhum deles teve ferimentos agravantes, somente meu esposo estava com ferimentos graves apesar de não ter tido nenhuma fratura.

Após ter feito enxerto na perna houve rejeição onde teve que amputar.

Quando fui vê-lo, ele ainda não sabia que havia amputado sua perna. Chegou a conversar comigo me pedindo para levar sua Bíblia e assim que entreguei a ele, me acalentou, não se desespera, essa filha é muito bem-vinda e onde cria um, cria dois. Eu estarei sempre por perto.

Algumas pessoas tentavam me tirar de lá e como eu estava desorientada fui tomar um ar e comer um lanche de tanta insistência dos enfermeiros. Ao voltar para minha surpresa ele não estava mais lá, comecei a gritar de tanta dor, onde está ele, o que aconteceu? Todos tentavam me acalmar, alguém queria me dar um calmante e eu não queria nada, somente saber onde ele estava; ao me levarem até ele; o vejo embrulhado em um saco, naquele momento sentia muita dor e o desespero tomou-me conta: comecei a bater em seu peito e gritar; você não podia fazer isso comigo; você não pode me deixar. Não me deixe pelo amor de Deus. Porque você fez isso comigo. O que será de nós agora?

Eu batia em seu peito com tanta força para que ele me escutasse e pudesse voltar ou até mesmo me responder.

Os enfermeiros me retiraram daquele lugar, eu estava desolada, solitária e sem rumo; meu porto seguro se foi e o que seria de mim agora.

Minha mãe disse que meu casamento seria uma desgraça e a desgraça maior estava acontecendo naquele momento. Tê-lo para então o perder era a minha desgraça maior.

E por mais uma vez tive que voltar para casa de minha mãe, totalmente desolada, fadada a ser novamente submissa a ela, ainda mais agora com mais duas filhas; uma nos braços, outra na barriga de três meses de gestação.

O tempo passou tive mais uma filha agora e a reação de Erick, meu filho varão fora de rejeição, suas palavras foram: mais uma menina? Ele fora crescendo e aos poucos fui percebendo que Erick não aceitava mesmo a ideia de ter uma mais uma irmã.

Quanto mais o tempo passava, o comportamento dele modificava; aquele garoto dócil de traços e comportamentos refinados era substituído por uma atitude mais agressiva para com as irmãs, gostava de bater nelas, maltratá-las. Acreditei que estava assim por ciúmes por querer um irmão.

E sua atitude mudava cada vez mais para pior com relação às irmãs. Somente um bom tempo depois é que percebi que suas atitudes, na verdade, fora moldada por minha mãe. Por várias vezes, quando o repreendia, ela tomava as dores dele e literalmente me falava mal de nomes horríveis, algumas vezes me batendo, agredindo fisicamente e na frente de meu filho. Ali percebi claramente o que ela estava fazendo com a mente dele denominada pela lei de Alienação parental, embora na época não existisse esse tipo de lei e nada podia ser feito. Sei muito bem o que é viver isso e não ter suporte legal para nos defender.

Dessa forma fui enfrentando os problemas existentes, carregando comigo minhas frustrações de ideais sonhados, sempre buscando força e autodefesa emocional, confesso que ao perder meu esposo naquele acidente, vesti uma armadura de guerreiro medieval e me transformei em uma mulher de aço, pronta a enfrentar qualquer luta e disposta a vencer.

Mil novecentos e noventa e sete. Há quinze longos anos sem meu esposo, fora uma dor muito intensa e muitas lutas, meus três filhos fazia-me sentir realizada como mãe; apesar de tantos obstáculos ainda mais difíceis para uma mulher em um mundo machista.

Continuei a lutar pelos meus ideais, desistir? Jamais.

Os obstáculos, apesar de alguns vindo da própria família, como a inveja trazendo-me a decepção; estes me fizeram criar coragem e continuar. As conquistas umas ainda mais valiosas. Ambos fazem ficarmos fortes, determinados e mais convicto de ser merecedor.

Mas, dentre estes, os mais valiosos são os verdadeiros amigos que nos impulsiona para frente e naquela época eu realmente só poderia contar com uma grande amiga adorada, minha madrinha de casamento e o qual serei sempre grata.

Apesar das diversidades entre mim e minha irmã, o tempo também me fez ver que minha mãe também usava de artifícios da Alienação parental entre nós as irmãs, especificamente as duas últimas.

Mas agora após minha grande busca de autoconhecimento, me certifico que minha irmã sentiu abandonada pela minha mãe quando nasci, fato comum entre irmãos com o caçula. Assim sendo, minha irmã sempre me viu como uma intrusa a que veio para

tomar seu lugar, afinal às atenções da mãe não eram mais suas, não o bastante, perdera seu berço para mim, assim como suas roupas e brinquedos, todos passados a caçulinha. Estes são entraves entre irmãos, os traumas de infância e para piorar neste caso a rejeição intrauterina. O conhecimento nos permite trabalhar isso em nós mesmos. Quando não o fazemos, eles ficam latentes em nossa personalidade.

Apesar destes pequenos entraves, minha irmã também esta sempre presente em minha vida com fatos interessantes e úteis. Às vezes possuímos gostos semelhantes. Somos muito curiosas em aprender, gostamos de buscar conhecimento, estudar, ler e aprender.

Foram essas semelhanças que nos aproximávamos um pouco mais.

Uns dos conhecimentos de minha irmã era a trajetória em tirar cartas de tarô. Em uma visita que fiz; ela se prontificou tirar as cartas para mim, uma dessas cartas dizia; que eu iria conhecer uma mulher, o qual me ajudaria muito em Busca das respostas as minhas perguntas internas.

Nessa época eu estava em meio a conflitos existenciais e comecei a buscar algo novo. Uma dessas buscas, após algum tempo, a mesma irmã em conversa me perguntou se eu queria conhecer uma terapeuta de regressão de memórias de vidas passadas; porém consciente. Desta forma pedi para que me apresentasse Hiroko e assim marcamos para o dia seguinte.

Em seu consultório, Hiroko amavelmente pede para que eu adentre a sala de terapia.

Lembro-me que era uma sala aconchegante e lá encontrava o seu Divan.

Após primeiros procedimentos me deixou um pouco só ao som de uma música bem suave para que eu pudesse concentrar-me. Eu deveria esvaziar a mente, não pensar em nada e concentrar somente na minha respiração.

Através das técnicas faz com que eu vá com minha imaginação a algum lugar que eu gostava muito.

Naquele momento de introspecção me deparo em meio à mata fechada um cheiro forte de relva misturado com cheiro de terra molhada o qual penetrava em minhas narinas, àquele cheiro era muito familiar, fazia-me ter uma sensação muito gostosa.

Hiroko pede para que eu continue andando e naquele momento senti que estava em um lugar litorâneo, continuei observando tudo, o cheiro da maresia cada vez mais forte e uma enorme comoção de que eu morava ali, uma impressão de estar bem próximo de casa.

Continue a observar tudo; sinto que estou perto de um Vilarejo Praiano, e naquele instante algo estranho.

À medida que andava naquela trilha em direção à praia, o meu peito enchia de aflição uma vontade de gritar, sentia que algo de muito ruim acontecera ali. Ao me deparar com o vilarejo começo a gritar e chorar, não entendia o que acontecera; a cada passo via destruição para todos os lados, mais destruição, nem uma casa.

Era como se eu tivesse presenciado toda a cena, uma invasão repentina, todos fora pego de surpresa e sem que alguém tivesse tido tempo de se defender. Foi um massacre, sim, acontecera; todo meu ser agora estava estarecido àquela cena de horror mataram todos absolutamente todo não via corpos nem sangue e à medida que olhava tudo o desespero aumentava a cada

passo que eu dava a dor me corroía por dentro e à medida que eu não conseguia ver ninguém à dor aumentava.

Hiroko me vendo naquele estado pergunta: há mais alguém lá eu chorava mais ainda e o sentimento de culpa, traição e abandono começa a me invadir, àquela sensação me deixava cada vez mais em desespero. Meu peito parecia que ia explodir de tanta solidão e angústia..

Hiroko diz: Sua família cadê sua família?

O pânico invadiu-me, estarecida fiquei, sabia que foram mortos, o sentimento de ter sido abandonada doía tanto era tão intenso que meu fôlego se esvaía, parecia que iria morrer.

Sabia no meu íntimo que estava totalmente abandonada, sem família; absolutamente sem ninguém. Somente eu sobrevivi por estar em meio às matas no meu Curtume.

Hiroko me vendo naquele desespero me conduz para uma volta no Vilarejo, pede para observar o que mais restava.

Ao começar a caminhar avistei uma capela. Pediu para que eu entrasse. A capela estava com porta fechada. Ao olhar em volta, me deparei com uma porta aberta. Adentrei e vi um Altar sem imagens, não havia nada mais, apenas grande mesa de madeira maciça ao centro, os bancos enfileirados maciços bem antigos. Perguntei: tem alguém aí, silêncio; olá! alguém! Silencio total. Uma paz incrível sentia-me acolhida em paz. Continuei a observar, e nada. Ninguém respondera ao meu chamado e novamente um pressentimento de quê ali havia acontecido uma invasão, um verdadeiro massacre e novamente a dor intensa e a certeza de não sobrar ninguém.

A Terapeuta me conduz para fora dali. Ao andar aos arredores, ela me pergunta o que mais vê?

Nesse exato momento vejo um lindo Jardim pequeno, mas cheio de flores coloridas O jardim e a capela eram os únicos lugares que não estavam destruídos, encontrava intactos.

Mais uma vez me pergunta: Que ano é esse em que está?

Eu sabia que era o ano de mil setecentos e alguma coisa, não sabia exatamente.

Ela diz: Como está vestida. Tento me ver e somente consigo saber que sou uma mulher jovem, porém não consigo saber como é meu rosto, só sabe que sou magra, vejo que estou com um vestido longo de couro quadriculados de várias cores, minha sandália denominada precata, também de couro bem parecida com as de Jesus.

Hiroko diz continue andando e observando tudo.

Eis que de repente vejo uma pequena gruta cravejada de pedras Ametistas por dentro.

No interior encontra-se uma jovem de perfil, sua pele pareciam pêssegos, porém não me deixava ver sua fisionomia, linda estava em uma túnica longa de capuz Branco reluzente por dentro que meus olhos ardiam; por fora a túnica era toda azul-turquesa, nas mãos uma cesta de frutas, galhos de flores brancas suaves bem singelas, rosas-vermelhas e amarelas enormes maçãs avermelhadas.

Hiroko; pergunte quem é ela.

Digo quem é você? A resposta foi taxativa.

Acompanho você há muitos e muitos anos. Aproximo-me mais tentando ver seu rosto, o qual ela simplesmente se vira, fazendo com que eu não a veja. Pergunto-lhe novamente. Onde estão as pessoas daqui? Ela não me responde, simplesmente disse: sempre estive contigo, já te acompanho há muito e muito tempo.

Continuo a observar tudo ao redor e avisto um barco ancorado logo à frente e mais a frente uma Ilha.

Novamente essa mesma jovem da gruta apontando para a ilha em frente diz: Vá; os seus filhos estão criados.

Você já fez o que o que tinha que fazer, agora vá, siga em frente.

Entendi que ali não tinha mais o que fazer, só me restou pegar esse barco e continuar a caminhada.

Tirei o barco e agora com o coração mais calmo e a certeza de que terei que continuar.:

Hiroko por sua vez começa a me despertar, e assim começo a voltar; um pouco zozna, mas, em paz e neste exato momento Hiroko pergunta tudo bem? Deu-me um copo com água perguntando esta se sentindo bem? Respondo-lhe sim.

A Terapeuta diz: Na verdade, você não teve autorização para saber exatamente a causa do ocorrido. O que você teve foi mais uma progressão.

Após este dia eu sempre procurava entender o que acontecera naquele ano e qual a relação que tudo aquilo tinha a ver comigo nesta minha vida. Vida que segue.

Inconscientemente minha busca continuava, ora intensamente, ora não, ainda queria entender tudo que acontecera naquele Divã naquele dia.

Fiquei alguns anos sem assimilar os fatos e muito menos sem saber a causa da tragédia A sede de conhecimento invadiu todo o meu ser que sempre anseia por mais entendimento dos fatos. Buscando sempre em cada pessoa, lugar e coisa que eu vivia formas a dar sentido aos conflitos com minha mãe e os acontecimentos de minha vida tão conturbada; às vezes parecia que iria

enlouquecer. Procurei a Terapeuta se podíamos fazer outra regressão, mas, Hiroko foi bem clara, não temos autorização para fazer outra até porque não lhe foi permitido entrar mais afundo nos fatos, isso significa que não adianta fazer outra. E de mais a mais você já teve uma progressão que significa que você terá que seguir sem se preocupar com o que houve em outras vidas.

E mesmo Hiroko tendo dito tudo isso, continuei a buscar entendimento de tudo.

Busquei outros e outros conhecimentos, assim como muitas pesquisas, pois a necessidade de obter respostas fazia-me cada vez mais curiosa para decifrar os enigmas de minha vida.

Alguns anos se passaram depois que eu havia feito à regressão.

Muitas experiências se sucederam durante o tempo em que eu morava em uma cidade mais ou menos próxima a São Paulo. Paulínia é a cidade que tive a oportunidade de conhecer pessoas que muito me ajudaram a evoluir; dentre eles meu primeiro professor de política, o Prefeito Edson Moura e o qual jamais esquecerei, com ele aprendi de verdade como funciona a política e a importância de ser participativa. Fiz parte da sua primeira campanha o qual ele fora eleito. Da mesma forma que jamais esquecerei sua linda mãe que também lia cartas de Tarô e que ora ou outra me dizia palavras de incentivo e de uma visão interior fantástica. Essa era uma de suas falas:

O seu lugar é junto às águas, lá tu serás feliz.

Fora a Paulínia que também consegui continuar meus estudos e fazer meu curso Técnico de Secretariado, além de fazer parte de um grupo escrevendo alguns pequenos artigos para o jornal da região, expandindo meu conhecimento tanto político

quanto ecológico, sustentável e de políticas públicas sociais, de saúde pública e educacional, tudo isso graças ao acesso gratuito a todas essas questões instauradas por políticos que realmente preocupam com o progresso de seu povo, assim era o Prefeito da época Edson Moura.

O tempo passava e em uma dessas buscas tive novamente mais uma vez minha irmã Dete fazendo parte deste meu caminho de autoconhecimento.

Um belo dia visitando essa minha irmã, foi logo me falando toda animada que havia assistido a uma palestra o qual a pessoa havia passado uma oração de um Anjo Arcanjo Miguel, este é o nome, ela estava tão entusiasmada falando dessa oração fantástica que me despertou o interesse em conhecer. Quando lhe pedi a oração ela disse que naquele momento não poderia me dar porque teriam que fazer alguns cálculos para saber quem eram os meus Anjos. E assim acabou ficando para outro dia porque naquele momento ela não sabia onde estava à oração e nem tinha tempo para fazer o cálculo para mim.

Nessa época eu morava em outra cidade e demorava em voltar.

Assim, todas às vezes que eu vinha visitá-la, cobrava-lhe a oração e sempre ela dizia não ter tempo.

Três anos se passaram, eis que em um determinado dia voltei e disse-lhe: não vou embora daqui enquanto você não achar essa oração e fazer os cálculos numero lógicos para mim; mesmo que sejam apenas para saber quais são os meus Anjos.

Dessa forma ela concordou e foi calcular e exatamente naquele dia fui embora feliz sabendo quem eram os meus anjos. A tática funcionou, se ela não me desse à oração eu ficaria lá em sua

casa perturbando; sendo assim ela deve ter pensado melhor, entregar logo para ela ir embora; não é mesmo? Risos

Ano de 1998, surge uma grande oportunidade, minha irmã Dete me diz que seu conhecido tinha um terreno para vender em Caraguatatuba.

Ao comentar com minha mãe, despertou nela o interesse em ir conhecer esse terreno na praia. Incrível! Sempre que eu a convidava para conhecer o mar, ela dizia que quem gostava da praia era puta; agora querendo ir conhecer?

Enfim; peguei o carro e a levei para conhecer e o qual já era esperado, ela amou o mar.

E para minha surpresa ela quis comprar o terreno e assim, fiz toda tramite da compra. Lembro-me que ao levá-la para assinar a documentação no cartório ele tremia muito de tanta emoção. Nessa época eu namorava um rapaz do litoral que era construtor civil Antônio Carlos. Tão logo ele construiu a casa de minha mãe na praia.

Era o ano de 2000. Ao chegar a casa, agora já morando na minha cidade de coração que amo, Caraguatatuba. Neste momento juntei uma peça do quebra cabeça, lembrei-me da carta de Tarô que minha irmã disse: encontrará uma mulher que ajudará na sua busca pelos seus questionamentos. O presságio da mãe de Edson Moura! Incrível e lá estava eu junto às águas e feliz. Não poderia ser somente uma mulher, mas várias. A própria Dete, Hiroko, minha madrinha, minha mãe; sim a moça que me acompanha desde há muito tempo a da gruta de ametista, aquela regressão de vidas passadas lembra. As coisas começam a se encaixar e nessa minha jornada muitas respostas obtive tanto de questionamentos quanto de autoconhecimento.

O mais incrível é que agora definitivamente tenho “Um anjo em minha vida”. A tão esperada oração de Arcanjo Miguel. Uma vez conhecedora dos Anjos que me acompanham, juntamente com o Ritual de Ancoragem. Penso; é só ancorá-los e desfrutar de toda energia que me conduzirá rumo aos meus sonhos e minha missão aqui no Planeta Terra.

Começo agora uma nova jornada em minha vida onde a conexão com a espiritualidade, trará grandes alegrias e muita grandiosidade da minha existência. Eis-me aqui para mais um ciclo do despertar em saber quem Eu Sou.

Eis que: Quanto mais penso que sei mais me certifico que nada sei (Sócrates).